



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - POSEDOC
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL DOCENTE

MARIA KÉLLIA DE ARAÚJO

APRENDENDO COM O PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO:
Estudo realizado com ex-monitores de uma Escola Pública Municipal de Natal/RN

MOSSORÓ - RN

2018

MARIA KÉLLIA DE ARAÚJO

APRENDENDO COM O PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO:

Estudo realizado com ex-monitores de uma Escola Pública Municipal de Natal/RN

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente.

Orientador: Prof. Dr. Joaquim Gonçalves Barbosa

MOSSORÓ - RN

2018

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

A663a Araújo, Maria Kéllia de
APRENDENDO COM O PROGRAMA MAIS
EDUCAÇÃO: Estudo realizado com ex-monitores de uma
Escola Pública Municipal de Natal-RN. / Maria Kéllia de
Araújo. - Mossoró, 2018.
145p.

Orientador(a): Prof. Dr. Joaquim Gonçalves Barbosa.
Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-
Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte.

1. Programa Mais Educação. 2. Educação Integral. 3.
Aprendizagem. I. Barbosa, Joaquim Gonçalves. II.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III.
Título.

MARIA KÉLLIA DE ARAÚJO

APRENDENDO COM O PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO:

Estudo realizado com ex-monitores de uma Escola Pública Municipal de Natal/RN

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente.

Dissertação apresentada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Joaquim Gonçalves Barbosa - UERN/FE/POSEDUC
(Orientador)

Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro da Silva Batista - UERN/UFERSA
(Membro Externo Titular)

Prof.^a Dr.^a Arilene Maria Soares de Medeiros - UERN/FE/POSEDUC
(Membro Interno Titular)

Prof. Dr. Messias de Holanda Dieb - UFC
(Membro Externo Suplente)

Prof.^a Dr.^a Mayra Rodrigues Fernandes Ribeiro - UERN/FE/POSEDUC
(Membro Interno Suplente)

Ao meu filho amado, José Arthur, à minha mãe,
ao meu pai (*in memoriam*) e aos monitores do
Programa Mais Educação.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de fé e esperança.

À mamãe, Maria Bezerra de Araújo, que acompanhou todo o processo deste estudo, assim como todos os momentos de minha vida.

A meu pai, José Justino de Araújo (*in memoriam*) e aos meus irmãos e irmãs, que acreditaram na minha vontade de aprender, mesmo diante dos obstáculos, e que sempre cooperaram comigo para a efetivação do meu aprendizado.

Ao meu esposo, pelo carinho, paciência e ajuda mútua em todos os momentos, quando eu necessitei.

A todos os professores do POSEDUC, pela forma cuidadosa como conduziram suas respectivas disciplinas em prol da nossa aprendizagem. Muito obrigada!

Ao Professor Dr. Joaquim Gonçalves Barbosa, pela escuta sensível, confiança, dedicação, compromisso, colaboração, zelo e pelo carinho que demonstrou durante a orientação deste trabalho, contribuindo para que eu pudesse ampliar meus conhecimentos e realizasse este estudo. Ao senhor, professor Joaquim, serei sempre grata!

Aos membros da banca de qualificação e defesa, Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro da Silva Batista, Prof.^a Dr.^a Arilene Maria Soares de Medeiros, Prof. Dr. Messias de Holanda Dieb, Prof.^a Dr.^a Mayra Rodrigues Fernandes Ribeiro, pela colaboração e direcionamentos em favor do aperfeiçoamento deste trabalho. A vocês a minha gratidão, meu respeito e admiração pela capacidade e a contribuição que têm dado para a construção do saber no meio acadêmico.

À equipe administrativa, pedagógica e aos professores da escola onde foi desenvolvido o Programa Mais Educação.

À equipe do Setor de Educação em Tempo Integral (SETI) da Secretaria Municipal de Educação de Natal.

Ao amigo e ex-diretor da escola onde trabalhei por alguns anos, Edson Silva. Obrigada pela confiança.

Aos monitores do Programa Mais Educação, sujeitos desta pesquisa, grata sou pela disponibilidade, vontade de ajudar e pela troca de saberes.

À oportunidade que tive de participar do Programa Mais Educação. Pois foi a partir das trocas entre os saberes desencadeados nesse programa que resolvi estudá-lo com mais afinco.

À equipe administrativa, pedagógica e aos professores da escola onde exerço minha docência atualmente.

Às amigas Themis Gomes, Adailza Holanda, Erivaneide Zacarias, Rejane Pinheiro, Magnólia Oliveira, Luzilene Fontes, Magnólia Freire, Goreth Medeiros e Nilza Luz, pelas palavras de ânimo e confiabilidade.

A todos os colegas da turma do Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC), pela perseverança e a vontade de conquistar novos ideais.

E a todos que fizeram parte da Coordenação do POSEDUC, a Prof.^a Dr.^a Maria Edgleuma de Andrade (coordenadora), a Prof.^a Dr.^a Normandia de Farias Mesquita Medeiros (vice - coordenadora) e Adiza Cristiane Avelino (secretária), obrigada pela colaboração durante o percurso do mestrado pelo acolhimento e o bom atendimento.

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

(FREIRE, 1996, p.142).

RESUMO

Este trabalho é resultado da vivência no Programa Mais Educação, no período de 2009 a 2012, em uma escola da Rede Municipal de Ensino da cidade de Natal/RN. O despertar para o seu desenvolvimento partiu da experiência de coordenação pedagógica da autora no referido programa. O propósito é analisar, por meio da fala de seis monitores, as contribuições que o Mais Educação trouxe para a própria aprendizagem e formação integral desses sujeitos, resultantes da sua participação no programa. Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva, de abordagem qualitativa, sustentada por documentos legais que tratam da temática, com destaque para o Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014) e a Lei nº 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (BRASIL, 1996). Como recurso para a produção de dados foi utilizada a entrevista não estruturada, depois transformada em narrativa. Os resultados da análise das entrevistas e das conversas realizadas com os monitores - que trabalham com crianças residentes em zonas de vulnerabilidade social - evidenciaram a contribuição do Programa Mais Educação para a sua vida no sentido de terem se tornado pessoas mais organizadas, além de terem despertado para a necessidade de buscar formação profissional, capacitando-se. Diante desses resultados, espera-se que o presente estudo suscite em outros pesquisadores o desejo de aprofundarem o conhecimento sobre as questões no contexto da educação em tempo integral, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de estratégias que possibilitem o desabrochar de políticas públicas voltadas para uma verdadeira aprendizagem, tornando-as aplicáveis e garantindo o direito de educação a todos.

Palavras-chave: Programa Mais Educação. Educação Integral. Aprendizagem.

ABSTRACT

This dissertation is the result of learning process in the Programa Mais Educação, from 2009 to 2012, in a school of the Municipal Teaching Network in the city of Natal/RN. The awakening to its development was based on the experience of pedagogical coordination of said program. The purpose of the study is to analyze, through the speech of six monitors, the contributions that the Programa Mais Educação brought to its learning, and integral formation of these subjects resulting from their participation in the program. It is an exploratory and descriptive research, with a qualitative approach, supported by legal documents, highlighting the Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014) and the Lei nº 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (BRASIL, 1996). As a resource for the production of data was used the unstructured interview, then transformed into narrative. The results of the analysis of the interviews and the conversations with the monitors - who work with children living in socially vulnerable areas - evidenced the contribution of the Programa Mais Educação to their lives in order to have become more organized people, besides having awakened to the need to seek professional training, enabling themselves. In view of these results, it is hoped that the present study will arouse in other researchers the desire to also understand the values that guide issues in the context of full-time education, contributing, thus, for the development of strategies that allow the development of public policies aimed at true learning, making them applicable and guaranteeing the right of education for all.

Keywords: Programa Mais Educação. Full-time Education. Learning.

LISTA DE SIGLAS

ASG - Auxiliar de serviços gerais.

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior.

CEMURE - Centro Municipal de Referência em Educação da cidade de Natal.

CIENTEC - Semana de ciência, tecnologia e cultura.

EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.

ENFOPE - Encontro Internacional de Formação de Professores.

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

MEC - Ministério da Educação e Cultura.

PDE - Plano de Desenvolvimento da Educação.

PDDE - Programa Dinheiro Direto na Escola.

PME - Programa Mais Educação.

PNAI - Plano Nacional de Alimentação Escolar.

PPP - Projeto Político-Pedagógico.

PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária.

RN - Rio Grande do Norte.

SECAD - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.

SECADI - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão.

SEDAC - Secretaria de Estado da Cultura.

SEB - Secretaria de Educação Básica.

SEMTAS - Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social.

SETI - Setor de Educação em Tempo Integral.

SIMEC - Sistema Integrado de Monitoramento do Ministério da Educação.

SME - Secretaria Municipal de Educação.

UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

UEX - Unidade Executora.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Fachada da Escola Municipal Professor Luiz Maranhão Filho	53
Figura 2 - Momento de confraternização entre monitores e coordenação do Programa Mais Educação.....	59
Figura 3 - Vista parcial do bairro de Cidade Nova.....	63
Figura 4 - Mestre Arrepio. Mentor da Escola de Capoeira Cordão de Ouro de Cidade Nova.	66
Figura 5 - Jovens do projeto treinando no Memorial da Capoeira	66
Figura 6 - Biblioteca Luiz Gama, localizada no Memorial da Capoeira.....	67
Figura 7 - Parque da Cidade Dom Nivaldo Monte.....	69
Figura 8 - Mandala da Escola Municipal Professor Luiz Maranhão Filho	70
Figura 9 - Esquema ilustrativo das oficinas pedagógicas no Programa Mais Educação.....	73
Figura 10 - Momento da colheita das hortaliças na Oficina de Horta Escolar.....	74
Figura 11 - Produção de texto na oficina de Letramento	93
Figura 12 - Produção de texto na oficina de Letramento	93

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estudos realizados na Região Nordeste	42
Quadro 2 - Estudos realizados na Região Centro-Oeste.....	46
Quadro 3 - Estudos realizados na Região Sul.....	47
Quadro 4 - Estudos realizados na Região Sudeste	49
Quadro 5 - Quadro demonstrativo do número de alunos da Escola Municipal Professor Luiz Maranhão Filho em 2009.....	56
Quadro 6 - Horários das oficinas pedagógicas	56

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Frequência dos monitores por oficina.....	57
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - IDEB - Resultados e Metas da Escola Municipal Professor Luiz Maranhão Filho	61
Tabela 2 - IDEB - Resultados e Metas da Escola Municipal Professor Luiz Maranhão Filho	61
Tabela 3 - IDEB - Resultados e Metas do Município de Natal	61

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Localização da cidade do Natal no mapa do Rio Grande do Norte	64
Mapa 2 - Divisão do município de Natal em bairros e zonas.....	67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
I CONTANDO EXPERIÊNCIAS E ENTRELAÇANDO SABERES: O percurso da pesquisadora	22
II RESGATE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INTEGRAL NO BRASIL.....	31
III ESTUDOS REALIZADOS ACERCA DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO.....	38
IV O DESENHO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA	53
Campo de pesquisa: A Escola Municipal Professor Luiz Maranhão Filho	53
O Bairro de Cidade Nova	62
Mandala da Escola	70
Abordagem de Pesquisa.....	74
Instrumentos e sujeitos da pesquisa	76
V APRENDENDO COM O PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO.....	79
VI ALGUMAS ANOTAÇÕES A MAIS.....	99
REFERÊNCIAS	102
ANEXOS	107

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa e sua temática se inserem em um contexto que remete à formação do sujeito de forma integral, isto é, a uma educação que possibilite o desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens por meio da ampliação dos tempos, espaços e oportunidades educativas, reunindo condições para melhorar o processo de ensino e aprendizagem. Uma das condições apontadas para a melhoria do processo educativo está relacionada à educação integral, através das ações desenvolvidas no Programa Mais Educação, que se configura, no atual cenário, como um meio para garantir esse desenvolvimento.

A Educação Integral vem sendo discutida no Brasil desde a primeira metade do século XX. As primeiras ideias relacionadas a esse modelo educacional foram elaboradas por educadores como Anísio Teixeira, sendo ele também um dos idealizadores do “Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova”¹. A proposta tem permeado diferentes debates a partir do direcionamento de estudos para a compreensão da oferta de ensino, apontados na Meta 6 do PNE, que assim diz: “[...] oferecer educação em tempo integral em, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das escolas públicas, de forma a atender, pelo menos, 25% (vinte e cinco por cento) dos (as) alunos (as) da educação básica”. (BRASIL, 2014, p.28).

Para a implementação da Educação Integral foi criado o Programa Mais Educação, que possibilitou, a partir do ano de 2008, nas escolas da rede municipal de ensino, em todo o país, a educação em tempo integral, ofertada no contraturno das aulas.

A primeira experiência de educação integral aconteceu no estado da Bahia, com a criação do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, mais conhecido como a Escola Parque de Salvador. Fundada em 1950, por Anísio Teixeira, a instituição tinha como base o projeto piloto de ensino integral. A esse respeito, a revista Nova Escola, intitulada de Grandes Pensadores, traz em sua edição especial o pensamento de intelectuais que se dedicaram a pesquisar e propor estratégias que contribuiriam para o avanço da educação e o processo de ensino e aprendizagem. Dentre eles, está o educador Anísio Teixeira, considerado o “Inventor da Escola Pública”.

De acordo com a revista Nova Escola (2008, p. 95) Anísio Teixeira foi considerado o principal idealizador das grandes mudanças que marcaram a educação brasileira no século XX, sendo pioneiro na implantação de escolas públicas, de todos os níveis, que refletiam seu objetivo de oferecer educação gratuita para todos. Sobre este educador a revista em questão

¹ O Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova foi um documento escrito por vinte e seis pensadores da educação, dentre eles Manoel Bergström Lourenço Filho, Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo. Os três foram responsáveis pela revolução modernizadora ocorrida na educação brasileira a partir da terceira década do século XX.

ainda relata que “como teórico da educação, Anísio não se preocupava em defender apenas suas ideias. Muitas delas eram inspiradas na filosofia de John Dewey (1852-1952), de quem foi aluno, ao fazer um curso de pós-graduação nos Estados Unidos” (REVISTA NOVA ESCOLA, 2008, p. 95).

Pode-se dizer, então, que a Educação Integral “se caracteriza pela ideia de uma formação ‘mais completa possível’ para o ser humano, embora não haja consenso sobre o que convencionou chamar de ‘formação completa’ e, muito menos, sobre quais pressupostos e metodologias a constituíram”. (BRASIL, 2009d, p.16).

Portanto, a Educação Integral é caracterizada pela concepção de uma educação em que o sujeito seja formado em sua totalidade. Sob este aspecto, Cavaliere (2002, p. 262) relata:

[...] na vida escolar, um elemento que, nos parece, favoreceria o encontro de um ponto ideal seria a recepção pela escola da criança como um ser integral, ou seja, um indivíduo em suas diversas dimensões. Desta forma estaria a escola balizando a configuração intencional de seu ambiente em experiências individualmente e socialmente relevantes, e evitando pré-conceitos e cristalizações que lhe retirariam a capacidade de promover processos significativos de reconstrução da experiência. Uma das bases da concepção de educação integral é, justamente, esta predisposição de receber os educandos como indivíduos multidimensionais.

Nesse sentido, este estudo apresenta como objetivo geral: *Analisar as contribuições que o Programa Mais Educação trouxe para a aprendizagem dos monitores em uma escola da rede municipal de ensino na cidade de Natal/RN, no período de 2009 a 2012.*

O tema desta pesquisa, “*Aprendendo com o Programa Mais Educação: Estudo realizado com ex-monitores de uma escola Pública Municipal de Natal/RN*”, decorre da experiência que tive como coordenadora do referido Programa no período de 2009 a 2012. Por meio dele me propus a debater sobre a seguinte questão: *que aprendizagens o Programa Mais Educação trouxe para os monitores com a sua implementação na Escola Municipal Professor Luís Maranhão Filho na cidade de Natal/RN?* Para tanto, tomei como sujeitos da investigação seis monitores do programa, a quem dirigi entrevista não estruturada a fim de obter as informações desejadas.

Para atender à problemática da pesquisa, listei como objetivos específicos: *identificar os impactos resultantes da participação dos monitores no Programa Mais Educação; socializar as aprendizagens que o programa trouxe para os monitores; conhecer que saberes os monitores trazem consigo e o que agregou no Programa Mais Educação.*

O Programa Mais Educação é desenvolvido em escolas que apresentam resultado baixo no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e/ou que estão localizadas em zonas de vulnerabilidade social. Além de contribuir para o processo de ensino e aprendizagem, o programa retira a criança da rua e da exposição a situações perigosas, possibilitando vivências diversas e promovendo novas aprendizagens, isto é, ampliando seu campo de conhecimento.

Na cidade de Natal, na região Nordeste do Brasil, o programa acontece desde o ano de 2008, em 51 escolas, localizadas nas zonas Norte, Sul, Leste e Oeste da cidade. É desenvolvido a partir de oficinas pedagógicas no contraturno das aulas. Para a execução das oficinas do programa no exercício de 2009, as atividades de monitoria deveriam ser desempenhadas preferencialmente por estudantes universitários de formação específica nas áreas de desenvolvimento das atividades ou com habilidades específicas, como o instrutor de judô, mestre de capoeira, o contador de histórias comunitário, o agricultor para horta escolar, dentre outros. Além disso, poderiam desempenhar a função de monitoria, de acordo com suas competências, saberes e habilidades, estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e estudantes do Ensino Médio. (BRASIL, 2010a).

Para coordenar as ações do programa na escola conta-se com o trabalho de um coordenador, denominado de professor comunitário. Ele é responsável pelo processo de articulação com a comunidade, seus agentes e seus saberes, ao mesmo tempo em que ajuda na articulação entre os novos saberes, os novos espaços, as políticas públicas e o currículo escolar. A Secretaria Municipal de Educação designa um professor do quadro para cada escola, preferencialmente com quarenta horas semanais, para exercer esta função.

Na escola Municipal Professor Luiz Maranhão Filho, campo de pesquisa deste estudo e contemplada com este programa, inicialmente foram oferecidas as oficinas pedagógicas de Letramento, compreendendo o macrocampo de *Acompanhamento Pedagógico*. Essas oficinas objetivavam o desenvolvimento da função social da língua portuguesa, comunicação verbal, leitura e escrita. Envolveria, pois, a compreensão e produção de textos de diferentes gêneros em situações comunicativas, tanto na modalidade escrita quanto na modalidade oral.

No macrocampo *Meio Ambiente*, foram oferecidas as oficinas de Horta Escolar e/ou Comunitária, nas quais eram trabalhados os processos pedagógicos que favorecem a construção de valores sociais, de conhecimentos, de habilidades, de competências e de atitudes voltadas para a conquista da sustentabilidade socioambiental. É importante destacar, neste momento, que as hortaliças produzidas na horta escolar, eram utilizadas no preparo do almoço das crianças que participavam do Programa Mais Educação na escola.

No macrocampo *Cultura, Artes e Educação Patrimonial*, foram oferecidas as oficinas de Pintura, Dança, Artesanato Popular e Capoeira. Vale salientar que na oficina pedagógica de Artesanato Popular foi trabalhada a reciclagem. A opção por essa oficina ocorreu pelo fato de haver na comunidade de Cidade Nova uma artesã com experiência em trabalhos com materiais recicláveis, a partir do manuseio de peças produzidas principalmente com garrafas pet, papel de revistas e jornais. As oficinas que compreendiam esse macrocampo objetivavam o incentivo à produção artística e cultural, individual e coletiva dos estudantes como possibilidade de reconhecimento e recriação estética de si e do mundo, bem como da valorização às questões do patrimônio material e imaterial, produzido historicamente pela humanidade, no sentido de garantir processos de pertencimento ao local e à sua história.

Nesse mesmo macrocampo, destaca-se a oficina de Capoeira, selecionada porque já existia na comunidade atividades de roda de capoeira, as quais contavam com o trabalho voluntário do monitor da referida oficina com as crianças do bairro de Cidade Nova.

É importante frisar que nem todas as oficinas foram realizadas na escola, haja vista a falta de espaço para o seu desenvolvimento. No espaço da instituição aconteceram as oficinas de *Horta Escolar e Dança*. As oficinas de Letramento, Pintura e Reciclagem foram realizadas em uma escola vizinha. Já a oficina de Capoeira acontecia no prédio da Associação Cordão de ouro, vizinho à escola. Em outros momentos, dependendo do conteúdo a ser trabalhado, o monitor e os alunos da referida oficina iam até o morro que ficava quase defronte à escola, no bairro Cidade Nova.

A Escola Municipal Professor Luiz Maranhão Filho aceitou o desafio de atender os alunos oriundos dos bairros de Cidade Nova, Felipe Camarão, Cidade da Esperança e Planalto. Esses bairros estão localizados na zona Oeste da cidade de Natal e apresentam, segundo Costa (2016) “um índice elevado de violência homicida” e quase não possuem espaços de lazer e cultura para a comunidade. Assim, as atividades desenvolvidas no programa permitiram aos alunos um momento de acolhimento, lazer e aprendizagem.

A respeito da violência predominante nesses bairros, Hermes (2015 *apud* COSTA *et al*, 2016, p. 4) relata:

Os crimes de roubo, assalto e tráfico de drogas estão fundamentalmente ligados às áreas de potencial econômico elevado, já os crimes de homicídios são relacionados, predominantemente, com zonas e bairros de baixa renda e maior vulnerabilidade social.

Vale destacar que os monitores vinham de diferentes comunidades localizadas nos bairros adjacentes à escola e traziam consigo saberes diversos que contribuía para o

desenvolvimento das oficinas pedagógicas dentro dos macrocampos selecionados para o Programa Mais Educação. Além disso, revelavam em suas histórias pessoais o conhecimento das comunidades nas quais moravam os alunos que participariam das atividades. Tal conhecimento foi de grande importância, pois demonstrava o pertencimento das experiências e características peculiares àquelas comunidades. A respeito da relação entre os saberes necessários à prática pedagógica, Tardif (2012, p. 36), explicita:

[...] a relação dos docentes com os saberes não se reduz a uma função de transmissão dos conhecimentos já constituídos. Sua prática integra diferentes saberes com os quais o corpo docente mantém diferentes relações. Pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes curriculares e experienciais [...].

Tendo em vista a apreensão desses saberes diversos, o trabalho *Aprendendo com o Programa Mais Educação: Estudo realizado com ex-monitores de uma Escola Pública Municipal de Natal/RN*, trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva de abordagem qualitativa, com embasamento teórico em autores como Aguiar e Medeiros (2017), Barbosa (2010), Bauer (2015), Jessé Souza (2009), Cavaliere (2002), Halbwachs (1990), Josso (2000), Freire (2000 e 2003), Moll (2012), Nóvoa (1988), Paro (1988), Passegi (2008), Soares (2017), Szymanski (2011) e Tardif (2012). Também sustentam a pesquisa documentos legais que tratam da temática, dentre eles o Plano Nacional de Educação (2014); a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei Nº 9.394, de 1996; a Portaria Interministerial Nº 17, de 2007; Decreto Nº 7.083, de 2010; o Manual Operacional de Educação Integral (BRASIL, 2012); a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CF); bem como os três cadernos elaborados pelo Ministério da Educação (MEC), em 2009.

Como recurso para a produção de dados foi utilizada a entrevista não estruturada, com o intuito de analisar as contribuições que o Programa Mais Educação trouxe para a aprendizagem dos monitores. Essa metodologia permitiu aos sujeitos envolvidos o desabrochar das palavras como expressão de si mesmos e do outro na construção do conhecimento e da contribuição que o Programa Mais Educação trouxe para todos os envolvidos. De acordo com Freire (1996, p. 35):

[...] é próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo.

Logo, é preciso combater a posição ideológica de que só se aprende na escola e considerar o saber das experiências de cada pessoa. Nesse contexto, cabe frisar o sentimento de pertença imensurável para o grupo, haja vista que possibilitava sentirem-se acolhidos e, de certa forma, expressavam, na ocasião, o compromisso de abraçar a causa aqui denominada de Educação Integral.

Com o objetivo de contemplar todas as informações coletadas, este trabalho dissertativo está organizado em cinco capítulos, além da introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo, apresento o meu percurso formativo até o momento da realização deste estudo. No segundo, faço um resgate histórico da Educação integral no Brasil. Na sequência, no capítulo terceiro, por meio de estudos já realizados, apresento o Programa Mais Educação como política pública de implementação de Educação integral e o debate acerca da conceituação, operacionalização e implementação do Programa. No quarto capítulo, trago uma descrição e caracterização da escola eleita como campo desta pesquisa, bem como da abordagem, dos instrumentos e dos sujeitos investigados. O quinto capítulo trata-se da seção onde revelo, sob a ótica dos monitores do Programa Mais Educação, o que eles aprenderam ao participarem do programa e o que foi relevante nas suas vidas pessoais e profissionais. Além disso, para uma melhor compreensão do que representaram as oficinas pedagógicas do Programa Mais Educação e a sua contribuição para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, cito duas atividades de produção textual nas quais os alunos expressam a sua opinião sobre o referido programa. Vale salientar que os monitores, ao participarem dessa pesquisa, assinaram um termo de compromisso, autorizando o uso das imagens e a publicação de suas narrativas. Em seguida, trago algumas anotações finais, apontando possíveis indicadores que podem contribuir para uma discussão sobre a relevância da pesquisa para as questões acerca da educação integral em tempo integral através do Programa Mais Educação.

I CONTANDO EXPERIÊNCIAS E ENTRELAÇANDO SABERES: O PERCURSO DA PESQUISADORA

Não há saber mais ou saber menos, há saberes diferentes. Eu não sou sem o outro.

(FREIRE, 1987, p. 68).

O educador Paulo Freire, em suas célebres reflexões, nos impulsiona a crer que não somos sem o outro. A partir dos estudos realizados por outros autores, tendo como arcabouço as ideias freirianas, as frases citadas acima se entrelaçam e dão vida aos caminhos trilhados na trajetória desta pesquisa. Enquanto pesquisadora iniciante, desejo encontrar-me como sujeito que almeja compreender os fios que tecem a construção do saber e que respondam ao que ainda não se exprime com clareza. Mas que também me direcione a um saber que se consolida com a aprendizagem do outro.

Ao iniciar a trajetória de construção desta pesquisa, adentrei em uma nova fase de estudos, delineada por conhecimentos científicos que me impulsionavam e me inquietavam; um momento cheio de descobertas e que eu já o almejava desfrutar. Sentia, a todo instante, o prazer em estar realizando um sonho tão desejado e, ao mesmo tempo, vivenciava as angústias e os desafios. Todo o caminho a ser percorrido necessitava de muita doação, motivação e a vontade de sistematizar as novas descobertas.

Para dar continuidade a essa fase na qual me envolvia fazia-se necessário relacioná-la à minha trajetória de vida e ao meu objeto de estudo para, então, compreendê-lo. Com efeito, é importante que o pesquisador perceba que particularidades o tema a ser estudado tem com ele e por que o escolheu. E isto me fez refletir sobre todos os caminhos que trilhei. Sobre a importância de registrar as vivências e de refletir sobre o escrito, impregnado de todo um sentido. Sobre essa questão Barbosa (2010, p. 45 - 46) relata:

Há uma aprendizagem a ser reescrita em nosso inconsciente. A aprendizagem da própria escrita. Se houver a dedicação, a insistência, a descoberta do lúdico, do prazer da escrita. [...]. Seja com o computador, seja com a caneta, a escrita tem o seu lugar: o de organizar nossas sensações e nossos pensamentos e de organizar nosso mundo inconsciente.

Assim, os registros e a vontade de reorganizá-los foram tomando forma, ganhando um novo sentido na tentativa de compreender os caminhos percorridos, repletos de desafios, emoções, surpresas e descobertas. Não posso definir com precisão o meu despertar pela leitura

e escrita em um determinado momento, tendo em vista que, nessa trajetória, segui várias trilhas. Mas, fazendo uma viagem pelas etapas nas quais minha formação pessoal e profissional foi se configurando, tive a oportunidade de revisitar as minhas memórias e perceber quão importante é esse processo de adentrar ao mundo das lembranças e compreender a importância da escrita de si, através das próprias vivências. Para Halbwachs (1990, p. 26):

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós.

Destaco neste relato o fato de ter sido introduzida ao mundo das letras de modo bastante interessante e peculiar. Foi através das recitações poéticas, das adivinhas, das cantigas, dos aboios, dos trava-línguas e charadas de meu avô (*in memoriam*) que adentrei no mundo das letras e fui tomando gosto pelo escrito, a partir dos cordéis e pelo que ouvia falar, através das improvisações. Como é bom recordar essas coisas! A esse respeito, Bauer (2015, p. 91), afirma que:

Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal.

Lembro-me com muita saudade dos trava-línguas e das cantigas improvisadas que, também cantadas pelo meu pai (*in memoriam*), debaixo do alpendre, emocionavam e prendiam a minha atenção e a dos meus irmãos. Eram cantigas compostas por rimas que me encantavam. E ainda que eu não soubesse ler nem escrever, já conseguia relacionar a música com o mundo real. Vale destacar que os versos eram compostos por nomes de animais e coisas do campo, contexto no qual eu vivia. De acordo com Pollak (1992, p. 5):

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo.

A respeito da convivência com o campo, gostaria de relembrar as aulas da Prof.^a Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação, responsável por ministrar a disciplina Educação e Cidadania, ofertada no primeiro semestre do Programa de Pós-Graduação em Educação - POSEDUC. No decorrer dessa disciplina, eu ficava maravilhada com a forma como a professora conduzia suas aulas, enaltecendo as experiências campesinas. Naquele momento, ela nem imaginava o quanto me alegrava e me fazia viajar no tempo, relembrando a minha história de vida. Ela falava de um jeito tão simples do lugar de pertença, do aroma e do seu jeito singular que eu me emocionava só em lembrar. Como bem relatam Aguiar e Medeiros (2017, p. 104): “O saber pela herança da família vai mostrando pertinência de cada geração e uma geração na outra enquanto transmissão de conhecimento do mundo da vida. O apego dos primeiros passos ainda hoje lembrados e vividos”.

Cresci em contato direto com a realidade campesina e convivendo com a literatura de cordel. E não poderia esquecer-me dos livros de cordel, lidos pelo meu avô, assim como as piadas e as anedotas contadas por ele.

Certo dia, meu avô contou que um casal ia caminhando e o rapaz perguntou para a moça:
- Qual é a sua graça (nome)?

Ela respondeu apontando para uma maternidade. Eles, porém, continuaram caminhando, e ela fez a mesma pergunta para ele.

- E qual é o seu nome?

Ele também respondeu apontando para uma marcenaria, onde havia um rapaz armando uma cruz.

Quando meu avô terminou de contar a história, perguntou para mim:

- E aí, quais os nomes do casal? E eu, muito curiosa, disse vários nomes, mas não acertei, e meu avô falou:

- Menina, se a moça apontou para uma maternidade, quis dizer que naquele lugar se dava à luz. Então, seu nome seria Alice da Luz.

E eu perguntei, e o nome do rapaz vovô? Ele riu e disse:

- Minha filha, o que o rapaz estava fazendo na marcenaria quando o casal ia passando?

Eu respondi que ele estava armando uma cruz.

E vovô, balançando a cabeça, respondeu:

- Seu nome era Armando Cruz.

E, assim, eu ia tendo contato com a leitura informal, enquadrada na seguinte descrição de Martins (1994, p.32): “[...] a leitura vai além do texto (seja ele qual for) e começa antes do

contato com ele”. E tudo isso, aconteceu em Serra do Mel, interior do Estado do Rio Grande do Norte, cidade caracterizada pela produção agrícola do cultivo da castanha e do caju.

Quando comecei a estudar, já sabia contar algumas anedotas, trava-línguas e perguntar adivinhações para os meus colegas. Sempre que voltava da escola, não tinha cansaço. Fazia as tarefas e, em seguida, brincava de escolinha com meus irmãos e alguns colegas. Nesse momento, eu era a professora e passava atividades para os alunos da mesma forma que as vivenciava em sala de aula, com minhas professoras. Elas liam histórias, cantavam cantigas de roda e criavam dramatizações acerca das histórias contadas. Após brincarmos de escolinha, íamos para o quintal de casa, brincar de roda ou de esconde-esconde.

Na escola, fui desenvolvendo o processo de leitura. Outro fator marcante na minha trajetória de leitura e escrita foi a minha participação na igreja. Para desenvolver as atividades litúrgicas, eu lia diariamente a Bíblia da Criança, os jornais da Celebração do Domingo e tinha aulas de Catecismo. Logo após a 1ª Eucaristia, tornei-me catequista e, assim, leitora atuante na igreja.

Ao ter despertado o gosto pela leitura, continuei fazendo-a de maneira agradável. Quando podia, pegava livros e revistas emprestadas. Vale ressaltar a importância do despertar para a apropriação da leitura, pois, durante a faculdade, lia com prazer os textos indicados. Por várias vezes fui escolhida como oradora e/ou solicitante de grau, nas solenidades de formaturas (conclusão da 8ª série, 2º Grau e Universidade).

Na tessitura dos fios que compõem a minha história de vida, penso que é importante mencionar que sou a filha caçula de uma família de onze irmãos. Nas minhas lembranças do tempo da infância, vem à tona aquela casa cheia, ocupada pelos meus irmãos, meus pais e meu avô, que passava alguns meses com a gente durante a safra da castanha, que acontecia no segundo semestre do ano. Trago comigo essas recordações, principalmente porque somos filhos de pais batalhadores, que primavam pelo respeito ao próximo e pelo cumprimento da palavra e da obediência baseada num modelo hierarquizador. De forma simples, eles lutavam pelo nosso bem-estar, mesmo que, com muitas dificuldades e sem saberem ao certo como expressar o amor fraternal. Nosso relacionamento sempre foi na base do respeito, acompanhado do medo que eu e meus irmãos tínhamos de desapontá-los.

Pois bem. Por morarmos numa comunidade em que só era oferecido o ensino primário, nomenclatura dada à época, quando completávamos essa fase tínhamos que ir à localidade mais próxima para continuarmos as séries seguintes. E esse trajeto, por longo período, era feito a pé. Neste momento, deixávamos a escola pequena, denominada de grupo escolar, e íamos, eu e

meus irmãos, para a outra escola, localizada a cinco quilômetros de distância do lugar onde morávamos. E assim, concluí o ginásio e o segundo grau.

Com relação ao trajeto que fazíamos diariamente, lembro-me que, após caminharmos praticamente um ano a pé, apareceu um transporte para nos conduzir até a vila central de Serra do Mel, onde estava localizada a escola. Termos esse transporte, naquele momento, era motivo de muita alegria, pois nossas tardes não seriam mais cansativas, não andaríamos mais a pé. O transporte a que me refiro era um trator com um vagão enorme para acomodar os estudantes.

Após concluir o segundo grau, fiz o magistério na cidade de Mossoró/RN. Concomitantemente às aulas do magistério, em 1998, passei no vestibular da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, para o curso de Pedagogia. Nesse mesmo período, como não dava para ir e voltar para a Serra do Mel todos os dias, tive que ir morar em Mossoró, na Residência Universitária Feminina (RUF). Na ocasião, dividia a casa com várias estudantes oriundas de cidades vizinhas.

Em determinado momento do curso de Pedagogia, fui aluna bolsista da Secretaria de Educação do Estado, lecionava em Serra do Mel durante o dia e fazia faculdade à noite. Em outro momento, trabalhei em uma escola da rede privada de Mossoró. Participei também como aluna bolsista do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA, desenvolvido nas áreas de Assentamentos Rurais de Mossoró. A experiência em fazer parte desse programa foi de fundamental importância para o meu crescimento pessoal e profissional, pois tive a oportunidade de trabalhar ao lado de pessoas comprometidas com a educação dos assentados ainda não escolarizados. À medida que interagia com os alunos do PRONERA, aprendia sobre as suas histórias de vida e superação. Eles almejavam aprender a ler e a escrever para de fato exercerem sua cidadania.

Destaco, nesse momento, a capacidade da prof.^a Dr.^a Socorro Batista em lidar, à época, com todas as pessoas que participavam do PRONERA em Mossoró. Com sua forma simples e acolhedora, coordenava as ações do programa e possibilitava o crescimento profissional e pessoal dos participantes.

Concluí o Curso de Pedagogia e fiz Pós-Graduação Lato Sensu em Educação. Porém, antes de defender a monografia, passei num concurso público municipal na cidade de Natal/RN e fui morar lá. Dessa forma, tive que redirecionar meu objeto de estudo, a fim de facilitar e atender o período determinado para o término do Curso de Especialização.

De 2004 a 2013, trabalhei na Escola Municipal Professor Luiz Maranhão Filho, localizada no bairro de Cidade Nova, Natal/RN. Foi nessa instituição que pude exercer o

magistério de forma efetiva. Aprendi muito e tive muitas oportunidades de transcender à sala de aula. Simultaneamente, participei de um projeto voltado para a alfabetização de jovens e adultos, denominado “Tecendo o Saber”. Alguns meses depois, fui convidada para assumir a supervisão do Projeto “Tecendo Caminhos”, que oportunizava aos alunos que tinham concluído o “Tecendo o Saber”, equivalente aos anos finais do Ensino Fundamental, continuarem seus estudos.

Esses projetos apresentavam em sua metodologia as diretrizes do Telecurso 2000, no qual as aulas eram ministradas a partir de aulas-vídeo, proposta inovadora de ensino de 1ª à 4ª série. “Tecendo o Saber” era um programa que tinha parceria entre a Fundação Roberto Marinho (FRM), o Instituto Paulo Freire, a Fundação Vale do Rio Doce e o Ministério da Educação. Oferecia aos jovens e adultos que não concluíram o ensino fundamental ou não puderam frequentar a escola a oportunidade de concluírem o primeiro segmento do ensino fundamental.

Os referidos projetos buscavam oferecer aos alunos uma alternativa inovadora de educação que atendessem suas necessidades básicas no processo de aprendizagem. Respeitava-se os ritmos inerentes ao processo educativo dos jovens e adultos que buscavam aprender em prol de aproveitar a oportunidade que estavam tendo e de se capacitarem para participar do mercado de trabalho posteriormente. Trabalhei nesses Projetos até o ano de 2010. E assim, o tempo foi passando e eu sempre buscando me atualizar profissionalmente.

Em 2008, por determinação do Governo Federal, houve a implantação do Programa Mais Educação nas redes de ensino municipal e estadual e a equipe gestora da escola em que eu lecionava, em Natal, me propôs assumir a coordenação pedagógica do referido programa. Na oportunidade, mesmo sabendo que outro desafio aparecia em meu caminho, procurei informações da regulamentação do Programa Mais Educação e, com as formações oferecidas pela Secretaria Municipal de Educação, aceitei o convite. Ao assumir a coordenação do Programa Mais Educação, em 2009, afastei-me de sala de aula, uma vez que para coordenar as ações do Programa era necessária dedicação exclusiva.

Por meio dessa experiência, tive a oportunidade de trabalhar com pessoas simples, que traziam em seus afazeres suas experiências de vida, experiências essas que se constituem saberes. Freire (1987) afirma: “Não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes”. O contato com as histórias de vida e as relações entre as experiências demonstradas pelos monitores durante a execução das oficinas e o compromisso assumido por eles durante o

programa, fazem-me recordar ainda as palavras de Nóvoa e Finger (1988, p. 116), quando afirmam:

As histórias de vida e o método (auto) biográfico integram-se no movimento actual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia que ‘ninguém forma ninguém’ e que ‘a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida’.

Em 2014, retornei a Mossoró e, após dois anos, surgiu a oportunidade de voltar a estudar, dessa vez como aluna do Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Participei, então, do processo seletivo para aluna regular do mestrado em Educação. Cada fase da seleção foi permeada por muita emoção e expectativa.

Cursar um mestrado é uma experiência de fundamental importância para que eu pudesse realizar um grande sonho e adquirir novos saberes. Meu projeto de pesquisa foi construído a partir da experiência que tive à frente da coordenação do Programa Mais Educação, quando resolvi descrever e analisar o impacto do programa na vida dos monitores, sujeitos que colaboraram comigo para a efetivação das ações do programa. Meu intuito era compreender as conquistas e os desafios do Programa Mais Educação numa escola da rede municipal de ensino na cidade de Natal/RN, no período de 2009 a 2012.

Ressalto a importância que o professor Dr. Joaquim Barbosa teve na construção desse projeto. Diante de um fato de ordem administrativa, no decorrer do mestrado, eu e outras orientandas ficamos no aguardo de quem poderia assumir a orientação do desenvolvimento de nossas pesquisas. E o professor Joaquim se propôs a nos orientar, redesenhando, então, as ideias que nós desejávamos expressar no papel. Ele deu vida ao nosso sonhado projeto, nos encorajando e acreditando que tínhamos condições de realizar um bom trabalho e seguir em frente.

Experiências como essas nos enaltecem e nos direcionam a seguir um caminho que nos conduz à realização de um sonho. De um jeito humanizado, compreensivo, disciplinado e exigente o professor realizou orientação em vários lugares, embaixo da mangueira, nas dependências da universidade, na sala de aula, na biblioteca e até na padaria, lugares esses que possibilitaram uma escuta sensível, que contribuiu para o desabrochar das ideias e seu entendimento.

Lembro-me que em uma das orientações, na padaria, o professor citou o exemplo do quadro exposto na parede, onde havia desenhado um pão grandioso no meio de uma moldura

muito delineada, que dava harmonia e beleza à tela. À medida que o professor orientava os estudos e as etapas seguintes da pesquisa, fazia-me compreender que, na verdade, o produto final da minha pesquisa estava baseado na conversa e na produção de dados que eu teria com os meus sujeitos de pesquisa. Tudo ficou mais claro naquele momento, inclusive a responsabilidade e o meu compromisso em fazer o trabalho bem feito para obter bons resultados.

Os encontros para orientação fora da universidade aconteciam quando surgiam dúvidas e/ou não havia compatibilidade de tempo entre orientador e orientanda. Então, o professor Joaquim propunha uma alternativa para poder atender e orientar os estudos. Assim, o meu crescimento foi notável, pois havia a preocupação com o outro que tem sonhos, que trabalha, que tem família e que também deseja aprender indo em busca de um conhecimento novo.

Os impactos positivos provenientes da orientação, do estudo direcionado, da cobrança pela produção, muitas vezes fizeram-me desmanchar em lágrimas que só o professor Joaquim as compreendia. A sensibilidade do professor Joaquim é decorrente de sua vasta experiência de vida e formação. Ele busca compreender e pensar em estratégias juntamente com seus orientandos, no sentido de fazê-los crescer. Estuda com eles, sentindo suas angústias e alegrando-se a cada nova conquista.

Recordo-me do momento em que paguei uma disciplina ministrada por ele e por sua esposa, a prof.^a Dr.^a Arilene Medeiros. Na ocasião, ele me cobrou um texto corrido, de duas laudas, em que eu pudesse descrever os itens primordiais para o meu projeto de pesquisa, enfatizando tema, problema, objetivos, metodologia e alguns estudiosos que dariam embasamento teórico à minha pesquisa. O professor me deu um prazo para a construção do texto e, em momentos posteriores, foi vindo comigo em que aspectos eu poderia melhorá-lo ou acrescentar algo.

O trabalho de construção do texto corrido e as reflexões para a sua produção foram extremamente relevantes, porque possibilitaram meu crescimento como autora e sujeito reflexivo. As leituras e reflexões me fizeram crescer enquanto estudante, mas a preocupação agora era com a escrita mais elaborada, ou seja, a escrita científica e de forma clara. O texto produzido fora apresentado aos colegas da turma, a fim de que eles pudessem apreciá-lo e tecessem seus comentários, críticas e/ou sugestões a respeito da temática estudada. As opiniões apresentadas foram ouvidas e muito contribuíram para o aperfeiçoamento da pesquisa.

Ainda durante o mestrado, tive a oportunidade de participar de um concurso de poesia em nível internacional, no qual conquistei o primeiro lugar com uma poesia intitulada

“Dermeval Saviani: sua vida e sua obra embaladas pela poesia”. O evento “Tributo a Dermeval Saviani” foi realizado pela Universidade Tiradentes (UNIT), em Aracaju, no estado de Sergipe, em maio de 2017.

II RESGATE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INTEGRAL NO BRASIL

A Educação Integral apresenta-se como uma proposta voltada para atender as demandas advindas da necessidade de se oferecer aos sujeitos uma educação que os permita desenvolverem-se em sua totalidade. É sabido que as concepções e práticas de políticas públicas com essas propostas acompanham a história da educação e que esta, por sua vez, está vinculada às ideias de educação integral idealizadas por educadores como Anísio Teixeira.

Entretanto, no final da década de 1930, com a criação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) já eram realizados estudos nessa área. De acordo com Gouveia (1971 *apud* GATTI, 2010, p. 16), em estudos realizados no período de 1971 a 1976, inicialmente, as pesquisas de cunho educacional tinham um enfoque predominantemente psicopedagógico, com temáticas que abrangiam estudos do desenvolvimento psicológico das crianças e adolescentes. Porém, na metade da década de 1950, com a ascensão social e cultural, advindos do período ditatorial, os objetivos das pesquisas voltaram-se para o sistema escolar e certos aspectos sociais. Desde então, a educação integral começou a fazer parte das ações de políticas públicas, sendo implantado, nesse mesmo ano, em Salvador, na Bahia, o primeiro centro de educação profissionalizante e integral do país, o Centro Educacional Carneiro Ribeiro.

A Pesquisa em Educação, no Brasil, com foco nas abordagens críticas iniciaram no começo dos anos de 1980. Nesse período, os estudos realizados, tanto em nível de mestrado quanto de doutorado, tomaram como base teórica as ideias marxistas. A partir daí, surgiram grupos sólidos de investigação em alfabetização e linguagem, aprendizagem escolar, formação de professores, ensino e currículos, educação infantil, fundamental e média, educação de jovens e adultos, ensino superior, gestão escolar, avaliação educacional, história da educação, políticas educacionais, trabalho e educação. (GATTI, 2010).

O Caderno Educação Integral (BRASIL, 2009a, p. 15), da Série Mais Educação, que apresenta o texto referência para o debate nacional, relata que Anísio Teixeira, sendo um dos mentores intelectuais do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, defendia uma educação em que a escola “[...] desse às crianças um programa completo de leitura, aritmética e escrita, ciências física e sociais, e mais artes industriais, desenho, música, dança e educação física, saúde e alimento à criança, visto não ser possível educá-la no grau de desnutrição e abandono em que vivia”.

Pensando nesse ideal de educação, Anísio Teixeira pôs em prática diversas atividades que eram desenvolvidas no contraturno escolar, denominado por ele como Escola-Parque.² Nesse período, na cidade de Brasília, a partir da década de 1960, foram construídos vários centros educacionais tomando como referência essa experiência de educação integral.

Ainda na mesma década, segundo informações contidas no Caderno Educação Integral - Texto referência para o debate nacional (BRASIL, 2009a), Anísio Teixeira, na presidência do INEP, foi convocado pelo Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira para coordenar a comissão encarregada de criar o “Plano Humano” de Brasília, juntamente com Darcy Ribeiro, Cyro dos Anjos e outros expoentes da educação brasileira. A comissão organizou o Sistema Educacional da capital, o qual, conforme desejo do então presidente da república, deveria ser modelo educacional para todo o Brasil.

O sistema educacional elaborado criou a Universidade de Brasília e o Plano para a Educação Básica. Para o nível educacional elementar foi concebido um modelo de Educação Integral inspirado no modelo de Salvador, porém mais evoluído. Em Brasília, as primeiras quatro superquadras, onde hoje está situado o centro histórico da cidade, receberam, cada uma, uma “Escola-Classe” e Jardins de Infância. Na superquadra 308 Sul, foi construída a “Escola-Parque” destinada a receber, no turno complementar, os alunos das “Escolas-Classe”, para o desenvolvimento de atividades físicas, esportivas, artísticas e culturais. Todas as escolas citadas foram projetadas por Niemeyer e tinham a capacidade de atender cerca de 30.000 habitantes residentes nas quatro superquadras iniciais.

Ainda sobre a educação integral, Paro (1988, p.189) acrescenta que, já na década de vinte, as discussões a seu respeito começaram a se fazer presentes no país, ainda que não necessariamente ligadas ao regime de período integral, mas já apontando para algumas necessidades da população a serem supridas pela educação.

A análise sobre a trajetória da regulamentação que envolve a educação no Brasil nos leva à Constituição Federal de 1988, que, no seu art. 205, mostra que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (BRASIL, 1988).

² Na Escola-Parque ocorria o “desenvolvimento de atividades físicas, esportivas, artísticas e culturais”. (BRASIL, 2009a, p. 16).

Na década de 1980, a experiência dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs) constituiu-se como uma das mais polêmicas implantações de Educação Integral realizada no país. Concebidos por Darcy Ribeiro, a partir da experiência de Anísio Teixeira, e arquitetados por Oscar Niemeyer, foram construídos aproximadamente quinhentos prédios escolares durante os dois governos de Leonel Brizola, no Rio de Janeiro. A estrutura desses centros permitia abrigar o que se denominava como “Escola Integral em horário integral”. Vários estudos foram realizados sobre essa implantação, apresentando seus aspectos inovadores e também suas fragilidades. (BRASIL, 2009a, p. 16).

A respeito da concepção de educação integral e da sua implementação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) - Lei nº 9.394/96 - menciona, em seu art. 34, que:

A jornada escolar no ensino fundamental incluirá pelo menos quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula, sendo progressivamente ampliado o período de permanência na escola. § 1º São ressalvados os casos do ensino noturno e das formas alternativas de organização autorizadas nesta Lei. § 2º O ensino fundamental será ministrado progressivamente em tempo integral, a critério dos sistemas de ensino. (BRASIL, 1996).

Em 2008, no governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, foi implantado em todo o território nacional o Programa Mais Educação, que se apresentou como uma estratégia de política pública voltada para educação integral em tempo integral. Constituiu-se uma das ações presentes no Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), com vistas a melhorar a gestão escolar, a qualidade do ensino e a permanência das crianças na escola.

O programa foi pensado para atender as escolas que se encontram situadas em zona de vulnerabilidade social e que não tiveram bons resultados no IDEB. Com base na Portaria Interministerial N° 17/2007, o Programa Mais Educação foi instituído com o objetivo de:

Art. 1º [...] contribuir para a formação integral de crianças, adolescentes e jovens, por meio da articulação de ações, de projetos e de programas do Governo Federal e suas contribuições às propostas, visões e práticas curriculares das redes públicas de ensino e das escolas, alterando o ambiente escolar e ampliando a oferta de saberes, métodos, processos e conteúdos educativos.

Parágrafo único. O programa será implementado por meio do apoio à realização, em escolas e outros espaços sócio-culturais, de ações sócio-educativas no contraturno escolar, incluindo os campos da educação, artes, cultura, esporte, lazer, mobilizando-os para a melhoria do desempenho educacional, ao cultivo de relações entre professores, alunos e suas comunidades, à garantia da proteção social da assistência social e à formação para a cidadania, incluindo perspectivas temáticas dos direitos humanos,

consciência ambiental, novas tecnologias, comunicação social, saúde e consciência corporal, segurança alimentar e nutricional, convivência e democracia, compartilhamento comunitário e dinâmicas de redes (BRASIL, 2007, p.14).

O Programa Mais Educação faz parte de um conjunto de estratégias contidas no Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), lançado em 2007 com o objetivo de “[...] garantir uma educação de qualidade, inclusiva, que possibilite a construção da autonomia das crianças e adolescentes e o respeito à diversidade” (BRASIL, 2007).

Para a operacionalização do Programa Mais Educação, o MEC disponibiliza, no âmbito do PDE, recursos provenientes do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB). É operacionalizado também pela Secretaria de Educação Básica (SEB), por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), advindo do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

Ainda sobre o Programa Mais Educação, o Decreto nº 7.083, de 27 de janeiro de 2010, apresenta, em seu art. 1º e parágrafos 1º, 2º e 3º, assim determina:

Art. 1º O Programa Mais Educação tem por finalidade contribuir para a melhoria da aprendizagem por meio da ampliação do tempo de permanência de crianças, adolescentes e jovens matriculados em escola pública, mediante oferta de educação básica em tempo integral.

§ 1º Para os fins deste Decreto, considera-se educação básica em tempo integral a jornada escolar com duração igual ou superior a sete horas diárias, durante todo o período letivo, compreendendo o tempo total em que o aluno permanece na escola ou em atividades escolares em outros espaços educacionais.

§ 2º A jornada escolar diária será ampliada com o desenvolvimento das atividades de acompanhamento pedagógico, experimentação e investigação científica, cultura e artes, esporte e lazer, cultura digital, educação econômica, comunicação e uso de mídias, meio ambiente, direitos humanos, práticas de prevenção aos agravos à saúde, promoção da saúde e da alimentação saudável, entre outras atividades.

§ 3º As atividades poderão ser desenvolvidas dentro do espaço escolar, de acordo com a disponibilidade da escola, ou fora dele sob orientação pedagógica da escola, mediante o uso dos equipamentos públicos e do estabelecimento de parcerias com órgãos ou instituições locais. (BRASIL, 2010b)

Assim posto, o Programa Mais Educação é desenvolvido nas escolas possibilitando a ampliação da jornada escolar para no mínimo sete horas diárias. Para o desenvolvimento das atividades, a escola escolhe três ou quatro macrocampos, sendo que o macrocampo de *Acompanhamento pedagógico* é obrigatório, devendo oferecer pelo menos uma atividade, como é o caso da Oficina de Letramento.

Para desenvolver as atividades nas escolas, o programa conta com o trabalho de monitores. Segundo o Manual Operacional de Educação Integral (BRASIL, 2012), essa função pode ser desempenhada, preferencialmente, por estudantes universitários de formação específica nas áreas de desenvolvimento das atividades ou por pessoas da comunidade com habilidades apropriadas, como o instrutor de judô, o mestre de capoeira e o agricultor para a oficina de Horta Escolar. Além disso, os monitores recebem uma bolsa para ajuda de custos. A respeito da identidade do Programa Mais Educação, Moll (2012, p.133) menciona:

A identidade do Programa Mais Educação é a sua preocupação em ampliar a jornada escolar modificando a rotina da escola [...]. Esse aspecto refere-se ao esforço para contribuir no redimensionamento da organização seriada e rígida dos tempos na vida da escola, contribuição esta reconhecida nos conceitos de ciclos de formação que redimensionam os tempos de aprendizagem e de cidade educadora, território educativo, comunidade de aprendizagem que pautam novas articulações entre os saberes escolares, seus agentes (professores e estudantes) e suas possíveis fontes. Esses últimos articulam as relações entre cidade, comunidade, escola e os diferentes agentes educativos, de modo que a própria cidade se constituía como espaço de formação humana.

Com relação aos critérios estabelecidos para a seleção dos alunos a participarem do programa, é recomendado que as Unidades Executoras Próprias (Uex) estabeleçam os seguintes critérios: estudantes que apresentam defasagem idade/ano; estudantes das séries finais da 1ª fase do ensino fundamental (4º e/ou 5º anos), nível em que existe maior saída espontânea de estudantes na transição para a 2ª fase; estudantes das séries finais da 2ª fase do ensino fundamental (8º e/ou 9º anos), nível em que há um alto índice de abandono após a conclusão; estudantes beneficiários do Programa Bolsa Família.

Para a formação das turmas e implantação da educação integral, as escolas precisam inscrever com alunos para participarem do programa. Esse número de alunos é exceção apenas para as escolas que, no ano anterior, tivessem inscrito no Censo Escolar um número de alunos inferior a este.

Após formadas as turmas e selecionados os monitores para executarem as oficinas no Programa Mais Educação, é de responsabilidade da Secretaria Estadual, Municipal ou Distrital de Educação, de acordo com o Manual operacional de educação integral (BRASIL, 2012, p.8), disponibilizar um professor vinculado à escola, com dedicação de no mínimo vinte horas, preferencialmente quarenta, denominado "Professor Comunitário". Este é responsável pelo acompanhamento pedagógico e administrativo do Programa e seus custos referem-se à contrapartida oferecida pela Entidade Executora (EEx).

Ao “Professor Comunitário” são atribuídas as seguintes responsabilidades: contribuir para a implantação do programa na escola; coordenar as oficinas; coordenar lanches e almoço; planejar as ações e atividades do programa de forma articulada com o PPP da escola; contribuir para o desenvolvimento dos monitores; investir no autodesenvolvimento; monitorar, por oficina, frequência e evasão das crianças inscritas no programa; monitorar os resultados de aprendizagens dos alunos; monitorar frequência dos monitores; acompanhar o cardápio diário, garantindo as necessidades nutricionais sugeridas pelo grupo de nutricionistas da Merenda Escolar/SME; incentivar a participação dos monitores nos encontros de capacitação do programa; selecionar monitores; identificar necessidades das oficinas e, juntamente com a equipe gestora, definir prioridades para investimentos; participar dos encontros de capacitação do programa; elaborar relatórios e estabelecer uma rotina diária, garantindo sistemática do trabalho.

Aos monitores cabe o cumprimento de uma carga horária de quinze horas semanais, distribuída em duas aulas em cada turma de alunos com oficinas de 1h20min/aula. Se a carga horária não for utilizada em sala, deve ser dirigida para planejamento ou suporte à coordenação. Também lhes são atribuídas as devidas responsabilidades: planejar as oficinas tendo como referência o PPP da escola, ementa dos macrocampos e conteúdo trabalhado nos encontros de formação; ministrar as oficinas na perspectiva da formação da cidadania; registrar conteúdos trabalhados; registrar frequência; monitorar frequência e evasão dos alunos; desenvolver ações de manutenção para elevar índices de frequência e reduzir evasão; avaliar os resultados de aprendizagem dos alunos; investir no autodesenvolvimento; participar dos encontros de capacitação do programa; elaborar relatórios e contribuir para a implantação do programa na escola.

No cenário da educação brasileira, a Educação Integral tem se apresentado mediante as propostas de programas e modelos de escolas que trazem no seu fazer pedagógico metodologias que buscam colaborar com a educação das crianças e adolescentes e favorecer um desenvolvimento harmonioso nas diversas áreas do currículo escolar, priorizando uma aprendizagem significativa.

Para a conceituação, operacionalização e implementação do Programa Mais Educação nas redes municipais e estaduais de todo o país foram criados três Cadernos da Série Mais Educação. O primeiro caderno, intitulado *Gestão Intersetorial no Território*, apresenta os marcos legais do Programa Mais Educação, temáticas relacionada à Educação Integral e Gestão Intersetorial, a estrutura organizacional e operacional, além dos projetos e programas

ministeriais que o compõem, e as sugestões para procedimentos de gestão nos territórios (BRASIL, 2009c).

O segundo caderno, nomeado de *Educação Integral*, dispõe sobre o texto referência para o debate nacional a respeito dessa temática. O texto foi produzido pelo Grupo de Trabalho composto por gestores e educadores municipais, estaduais e federais, representantes da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME), pelo Conselho Nacional dos Secretários de Educação (CONSED), pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), Associação Nacional pela Formação de Profissionais da Educação (ANFOPE) e por universidades e Organizações não governamentais comprometidas com a educação (BRASIL, 2009a).

E o terceiro caderno, intitulado *Rede de Saberes Mais Educação*, sugere caminhos para a elaboração de propostas pedagógicas de Educação integral por meio do diálogo entre saberes escolares e comunitários. Esses caminhos são representados na forma de Mandalas de Saberes que incorporam as diferentes realidades territoriais brasileiras (BRASIL, 2009b).

A trilogia apresentada tem por objetivo desenvolver um amplo diálogo nacional a respeito da Educação Integral, envolvendo atores da cena escolar, estudantes, trabalhadores da educação, pais, mães, gestores, gestoras e demais profissionais e instituições que possam colaborar para a construção de novas configurações educativas que ajudem a superar os desafios históricos vivenciados pela educação pública.

III ESTUDOS REALIZADOS ACERCA DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO

Atualmente, a Educação Integral tem sido destaque em muitos debates acerca das possibilidades asseguradas às crianças, no sentido de se realizar uma educação voltada para o sujeito em sua totalidade. Como resultado das leituras, debates e rodas de conversas realizadas na disciplina de Seminário de Dissertação, ministrada pelos professores doutores Arilene Maria Soares de Medeiros e Joaquim Gonçalves Barbosa e oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) é que pensei em realizar um estudo sobre trabalhos já publicados acerca do Programa Mais Educação, o qual foi sugerido em meu exame de qualificação. Vale destacar que a cooperação dos professores e dos colegas de sala nas discussões durante a realização desta disciplina auxiliaram na compreensão do meu objeto de estudo relacionado ao Programa Mais Educação. Também me ajudaram na formulação de objetivos claros para minha pesquisa e na escolha de técnicas eficazes para a sua efetivação.

Nesta seção, apresento, então, um levantamento de estudos já realizados sobre o Programa Mais Educação e a escola Pública, com foco na ação dos monitores, responsáveis pela execução das oficinas propostas pelo programa.

Para melhor compreender a literatura existente a respeito da temática desta pesquisa, realizei um estudo bibliográfico envolvendo as teses e dissertações publicadas no banco de dados da CAPES e no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (POSEDUC), levando em consideração, inicialmente, a leitura dos resumos. A realização desse estudo foi de fundamentação importância para identificar as pesquisas já realizadas relacionadas à temática. De acordo com Gil (2002, p.3), “[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

A pretensão por realizar a revisão de literatura partiu das contribuições dadas pela banca de qualificação, levando em consideração a relevância da temática que delineia meu objeto de estudo, a saber: *Aprendendo com o Programa mais Educação: Estudo realizado com ex-monitores de uma Escola Pública Municipal de Natal/RN*. A excelente sugestão da banca desencadeou este capítulo.

Para adentrar nesse campo de pesquisa, de fato fazia-se necessário conhecer quais discussões dão suporte às questões relacionadas ao Programa Mais Educação a partir das

narrativas de monitores. Assim, busquei compreender o que vem sendo produzido e os aspectos relevantes quanto ao percurso teórico-metodológico utilizado e a sua relevância social.

A respeito da utilização de um método para a realização da pesquisa May (2004, p. 200) diz que “a sua execução bem-sucedida depende das habilidades dos pesquisadores e do seu entendimento sobre as questões que informam a prática de pesquisa”. Portanto, é importante que o pesquisador, ao pensar em seu objeto de estudo, perceba que particularidades o tema a ser estudado tem com ele e por que o escolheu.

Para que a pesquisa tenha um rigor científico não podemos ficar nos “achismos”. Pelo contrário, devemos ter um olhar criterioso, tendo como base fundamental estudiosos que dialogam com o tema a ser trabalhado no nosso projeto de pesquisa. A respeito do rigor científico (LUNA, 2009, p. 15) ressalta que pesquisa visa à produção de conhecimento novo, relevante teórica e socialmente e fidedigno.

Em uma concepção de pesquisa que busca expor estudos em nível de dissertações e teses realizadas sobre um determinado tema, Soares (1987, p.3) menciona que:

Essa compreensão do estado de conhecimento sobre um tema, em determinado momento, é necessária no processo de evolução da ciência, afim de que se ordene periodicamente o conjunto de informações e resultados já obtidos, ordenação que permita indicação das possibilidades de integração de diferentes perspectivas, aparentemente autônomas, a identificação de duplicações ou contradições, e a determinação de lacunas e vieses.

A busca por estudos já realizados sobre uma determinada temática possibilita uma reflexão acerca dos dados produzidos e contribui para estudos posteriores. Por isso, procurei uma aproximação com a literatura nas esferas nacional e local, através das palavras-chave “Programa Mais Educação”. Com relação à pesquisa realizada no Banco de Teses e no Painel de informações quantitativas sobre as teses e dissertações publicadas no site da CAPES, encontrei inúmeras obras. No entanto, no banco de dissertações concluídas no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (POSEDUC), existem apenas três estudos relacionados ao Programa Mais Educação até o momento.

Portanto, a realização deste estudo visa possibilitar o entendimento das discussões evidenciadas acerca do Programa Mais Educação, compreendido, neste caso, como uma estratégia de implementação de educação integral nas escolas públicas. Além do tema geral foi realizada também uma pesquisa com as palavras-chave “Educação Integral” e a “Escola em tempo integral”. Os resultados apontaram que existe um número significativo de estudos relacionados a esta temática.

Com base na literatura consultada, é possível afirmar que a educação em tempo integral é compreendida como uma extensão do tempo que os alunos ficam na escola, desenvolvendo outras atividades em seu contraturno de estudos. As atividades oferecidas aos alunos são escolhidas a partir da realidade de cada escola, compreendendo os macrocampos de “Acompanhamento Pedagógico, Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável, Esporte e Lazer, Educação em Direitos Humanos, Cultura, Artes e Educação Patrimonial, Cultura Digital, Promoção da Saúde, Comunicação e uso de mídias, Investigação no campo das ciências da natureza, e educação econômica/economia criativa”. (BRASIL, 2012). E a respeito do aumento da jornada escolar no Brasil, (SOUZA, 2014, p. 13), considera que:

A expansão dos projetos para consolidação de propostas que tenham como pressuposto o aumento da jornada escolar no Brasil deu-se, principalmente, após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1996. Esta Lei propõe que o ensino fundamental no Brasil deve ser progressivamente ministrado em tempo integral. Assim, vários aparelhos estaduais e municipais vêm trabalhando para esse modelo de escola. O governo federal vem buscando implementar essa forma de organização da ‘escola de tempo integral’, por meio do Programa Mais Educação, que visa colaborar com a ampliação da jornada escolar, através do contraturno, nas instituições de educação básica.

A respeito da efetivação do Programa Mais Educação, o Decreto nº 7.083, de 27/01/2010, reforça os objetivos e finalidades do programa em oferecer a educação básica em tempo integral “[...] com duração igual ou superior a sete horas diárias, durante todo o período letivo, compreendendo o tempo total em que o aluno permanece na escola ou em atividades escolares em outros espaços educacionais”. (BRASIL, 2010b).

Nesse sentido, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96, designa, em seu artigo 87, parágrafo quinto, que “Serão conjugados todos os esforços objetivando a progressão das redes escolares públicas urbanas de ensino fundamental para o regime de escolas de tempo integral.” (BRASIL, 1996).

A Educação Integral “se caracteriza pela ideia de uma formação ‘mais completa possível’ para o ser humano, embora não haja consenso sobre o que convencionou chamar de ‘formação completa’ e, muito menos sobre quais pressupostos e metodologias a constituíram”. (BRASIL, 2009a, p.16.). Em outras palavras, a Educação Integral é caracterizada pela concepção de uma educação em que o sujeito é formado em sua totalidade. De modo mais claro, Cavaliere (2002, p. 262) explica que:

[...] na vida escolar, um elemento que, nos parece, favoreceria o encontro de um ponto ideal seria a recepção pela escola da criança como um ser integral, ou seja, um indivíduo em suas diversas dimensões. Desta forma estaria a escola balizando a configuração intencional de seu ambiente em experiências individualmente e socialmente relevantes, e evitando pré-conceitos e cristalizações que lhe retirariam a capacidade de promover processos significativos de reconstrução da experiência. Uma das bases da concepção de educação integral é, justamente, esta predisposição de receber os educandos como indivíduos multidimensionais.

Ainda sobre a compreensão entre educação integral e educação em tempo integral Moll (2012), propõe que esses conceitos se diferenciam quando:

Em sentido restrito, [educação em tempo integral] refere-se à organização escolar na qual o tempo de permanência dos estudantes se amplia para além do turno escolar, também denominada, em alguns países, como jornada escolar completa. Em sentido amplo, abrange o debate da educação integral - consideradas as necessidades formativas nos campos cognitivo, estético, ético, lúdico, físico-motor, espiritual, entre outros - nos quais a categoria 'tempo escolar' reveste-se de relevante significado tanto em relação a sua ampliação, quanto em relação à necessidade de sua reinvenção no cotidiano escolar. (MOLL, 2012, p. 96).

O MEC, “[...] compreende que a educação deve garantir o desenvolvimento dos sujeitos em todas as suas dimensões – intelectual, física, emocional, social e cultural e se constituir como projeto coletivo, compartilhado por crianças, jovens, famílias, educadores, gestores e comunidades locais.” (BRASIL, 2018).

Procurando identificar com maior precisão trabalhos acadêmicos que tivessem uma maior relação com o tema da pesquisa a que me propus realizar, utilizei a palavra-chave “Monitores do Programa Mais Educação” no site da CAPES. Dessa busca apareceram dez estudos sobre a monitoria no Programa Mais Educação cujos resultados se aproximaram da minha temática de pesquisa, nove dissertações de mestrado e um artigo científico. Todavia, os dados obtidos ainda não apontavam com clareza o que pretendia encontrar sobre a temática. Os estudos realizados mostravam de forma muito ampla as atividades realizadas com a implementação do Programa Mais Educação nas escolas.

Os quadros demonstrativos que trago na sequência sintetizam de forma detalhada reflexões existentes acerca do meu tema de pesquisa, o Programa Mais Educação. Os estudos encontrados são de diferentes regiões do Brasil (Nordeste, Sudeste, Centro-Oeste e Sul) e estão organizados nos quadros conforme essa distribuição.

Quadro 1 - Estudos realizados na Região Nordeste

Título	Autor	Local/ Ano	Instituição de Ensino/ Tipo de publicação
“Cada um no seu canto”: a percepção dos professores sobre a participação na escola de Ensino Fundamental Municipal São Francisco, em Aracati/CE, envolvendo a comunidade local.	Maria Auxiliadora Alves Costa (COSTA, 2016)	Mossoró, 2016	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Dissertação
Relação família escola: um estudo a partir do Programa Mais Educação.	Geovana Gabrielle Costa Galdino (GALDINO, 2017)	Mossoró, 2017	Universidade do estado do Rio Grande do Norte (UERN). Dissertação
Programa Mais Educação: um estudo da implementação na escola estadual Tertuliano Ayres Dias em Mossoró/RN.	Plícia Mara de Negreiros Félix Albuquerque (ALBUQUERQUE, 2017)	Mossoró, 2017	Universidade do estado do Rio Grande do Norte (UERN). Dissertação
As necessidades formativas de professores para o trabalho com a educação integral.	Francisco José Dias da Silva (SILVA, 2014)	Natal, 2014	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Dissertação
A implementação do Programa Mais Educação em escolas da rede municipal de ensino de Natal/RN: um estudo sobre o período de 2008 - 2011.	Marcia Soraya Praxedes da Silva (SILVA, P., 2014).	Natal, 2014	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Dissertação
Perspectivas de sustentabilidade no Programa Mais Educação: o olhar de gestores e monitores de escolas estaduais de Pernambuco.	Edeilton Julião de Souza (SOUZA, 2014)	Recife, 2014	Universidade de Pernambuco (UPE). Dissertação

Fonte: Banco de teses e dissertações da CAPES (2017)³, site do Programa de Pós-graduação em Educação - POSEDUC (2018)⁴ e Repositório Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2018)⁵.

³ Disponível em: <<http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>>. Acesso em: 20 maio 2017.

⁴ Disponível em: <<http://propeg.uern.br/poseduc/default.asp?item=poseduc-apresentacao>>. Acesso em: 20 maio 2017.

⁵ Disponível em: <<http://www.ufrn.br/institucional/documentos>>. Acesso em: 20 maio 2017.

A pesquisa de Costa (2016) nos remete a questões já elencadas em estudos anteriores. Ela revela a importância de um projeto de uma escola estar realmente vinculado e/ou envolvido com os conhecimentos advindos da comunidade local. A autora investigou a percepção dos professores sobre a participação da comunidade local na Escola de Ensino Fundamental Municipal São Francisco, em Aracati/Ceará. Para isso, utilizou a pesquisa de cunho qualitativo, fazendo uso tanto de documentos oficiais da escola como de dados que coletou durante observação participante e por meio de entrevistas semiestruturadas e grupo focal. Essa metodologia lhe permitiu responder ao seu problema de pesquisa, que versa sobre como os professores percebem a participação da comunidade local na Escola de Ensino Fundamental Municipal São Francisco – Aracati/Ceará?

Partindo de sua pergunta inicial e da metodologia adotada, Cota (2016) verificou a inexistência de um projeto de escola com base no conhecimento social envolvendo a comunidade local. No entanto, foi no espaço do Projeto “Vivenciando as nossas raízes”, do Programa Mais Educação, que percebeu maior aproximação da escola com a comunidade local. Ao desenvolver a sua pesquisa, a autora notou que esse projeto permitiu aproximação da escola com a comunidade na qual estava inserida. Além disso, percebeu que as ações desenvolvidas pela escola precisam ser legitimadas envolvendo toda a instituição.

O estudo realizado por Galdino (2017), segundo listado no quadro 1, ressalta a relevância do Programa Mais Educação nas escolas por possibilitar uma oportunidade de aprendizagem diferenciada. Segundo a autora, as famílias que tiveram seus filhos participando do referido programa reconhecem que as atividades sugeridas possibilitaram o desenvolvimento da aprendizagem, assim como a melhoria do capital escolar dos seus filhos. Evidencia-se, nesse caso, que o programa também contribuiu para a ascensão social dos alunos.

Para a efetivação do referido estudo a autora partiu do seguinte questionamento: como as famílias investem na educação dos filhos e quais são as estratégias por elas utilizadas na trajetória escolar dos alunos participantes do Programa Mais Educação? Dentro de uma abordagem qualitativa, Galdino (2017) utilizou como instrumentos investigativos a observação em campo e a entrevista semiestruturada, relacionando-os aos seguintes objetivos: analisar as estratégias e compreender as práticas adotadas pelas famílias em relação à trajetória escolar dos alunos que participam do Programa Mais Educação.

A autora revela que há a existência de estratégias ainda em construção, visto que os alunos, crianças que se encontram em período de iniciação e/ou de conclusão do ensino aprendizagem do nível fundamental, se encontram em processo de formação educacional. O

estudo deixa claro que as famílias beneficiadas com o PME aprovam e consideram a inclusão do programa nas escolas muito importante, não só para a vida educacional dos alunos, mas, também, para as suas famílias. “A proposta de extensão do horário escolar para tempo integral, em decorrência das atividades do programa, foi muito bem aceita pelas famílias, pois proporciona aos alunos uma oportunidade de aprendizado diferenciado.

Por fim, a investigação revela a falta de recursos financeiros das famílias para proporcionarem aos filhos as múltiplas atividades ofertadas pelo programa, daí o forte desejo das mães pela continuidade do PME para toda a vida escolar dos seus filhos. Por possuírem baixo capital econômico e cultural, essas famílias enxergam no Programa Mais Educação uma oportunidade de aprendizado escolar diferenciado, com possível chance de ascensão social. Nesse sentido, o programa representa para as famílias um tipo de estratégia de investimento para melhoria do capital escolar dos filhos”.

Albuquerque (2017) realizou pesquisa partindo do seguinte questionamento: quais as ações adotadas e de que forma foram desenvolvidas pelos professores, monitores e equipe gestora no processo de implementação do Programa mais Educação na Escola Estadual Tertuliano Ayres Dias? Para responder a essa pergunta inicial, a autora fez uso da pesquisa qualitativa, bibliográfica, documental e realização de entrevistas semiestruturadas. Ela definiu como objetivo geral: analisar as ações desenvolvidas por professores, monitores e equipe gestora na efetiva implementação do Programa Mais Educação na referida escola. Como objetivos específicos a autora elencou: compreender as propostas formativas da educação integral; conhecer a base legal do Programa Mais Educação; identificar ações adotadas pelos professores, monitores e pela equipe gestora no processo de implementação do Programa Mais Educação.

Vê-se, portanto, que o estudo realizado por Albuquerque (2017) aproxima-se da minha temática por já apresentar as vozes dos monitores dentre os sujeitos de sua pesquisa, os quais relatam a importância do Programa Mais Educação como uma oportunidade a mais para os alunos da referida escola. Todavia, ressaltam também a falta de estrutura física na escola para poderem realizar as oficinas. Dessa forma, a autora apresenta em seus resultados que “[...] a implementação do PME na aludida Escola ocorreu de forma repentina; os sujeitos responsáveis pela implementação não participaram de formações continuadas; as ações desenvolvidas foram sendo adaptadas como forma de atender as reais necessidades da Escola; não houve integração entre professores e monitores na implementação das atividades; não se verificou uma relação consistente entre a Escola e a comunidade” (ALBUQUERQUE, 2017, p. 5).

A pesquisa de Albuquerque contribuiu para afirmar “[...] a divergência de visões dos sujeitos sobre a Educação Integral, que a faz oscilar entre o que é o seu ideário original e a mera ampliação da jornada escolar; a associação entre a avaliação negativa do PME e as deficiências infraestruturais, assim como as formativas, que se perpetuam ao longo da história da educação brasileira”. (ALBUQUERQUE, 2017, p. 5).

A pesquisa realizada por Silva (2014), teve como ponto de partida a seguinte pergunta: o que está faltando para os professores assumirem o projeto de educação integral? Seus objetivos foram: identificar e caracterizar as necessidades formativas de professores do ensino fundamental da rede pública estadual do Rio Grande do Norte para o trabalho com os macrocampos no Programa Mais Educação. O autor usou como metodologia questionários semiestruturados, cujas respostas obtidas indicam que o Programa Mais educação tem contribuído para a permanência dos alunos na escola e para o seu envolvimento nas atividades oferecidas no contraturno de estudos. Porém, destaca a necessidade de um maior engajamento dos professores em participarem e aceitarem o programa na escola.

Mesmo com um recorte temporal diferente, 2008 - 2011, o estudo de Silva P. (2014) aproxima-se do meu por trazer informações inerentes às vozes dos sujeitos, no caso os monitores, que expressam em suas falas a importância de terem participado do Programa Mais Educação, bem como os desafios enfrentados e as possibilidades encontradas para exercerem de forma dinâmica as oficinas, contribuindo, assim, para a aprendizagem das crianças.

Através de uma abordagem qualitativa, revisão da literatura e entrevista semiestruturada, a autora analisou a implementação e a contribuição do Programa Mais Educação para a melhoria da qualidade da educação no Município de Natal-RN a partir dos seguintes questionamentos: que fatores determinaram a implementação e o desenvolvimento do Programa Mais Educação na rede municipal de ensino da cidade de Natal/RN? A concepção de Educação Integral dos sujeitos envolvidos na implementação do Programa, no âmbito da SME, é condizente com a concepção proposta nos documentos oficiais do Programa? O Programa Mais Educação tem contribuído para a melhoria do processo de aprendizagem dos alunos das escolas municipais e com qualidade?

A autora considera a formação continuada para professores como elemento central em qualquer política que vise melhorar a qualidade da educação. Cita como exemplo a formação oferecida pela Secretaria Municipal de Educação de Natal - SME aos monitores e coordenadores do Mais Educação como de fundamental importância para subsidiar as atividades desenvolvidas nas respectivas oficinas condizentes com a proposta do Programa.

A pesquisa de Souza (2014) também se assemelha ao meu objeto de estudo quando retoma a discussão sobre a importância da articulação do projeto político pedagógico das escolas com as atividades propostas pelo Programa Mais Educação. O autor investigou a articulação do Programa Mais Educação com o currículo e o projeto político-pedagógico das escolas de educação básica. Buscou compreender em que medida as ações do referido Programa se direcionam para o fortalecimento dos sujeitos na perspectiva da ação-reflexão-ação. Ademais, procurou identificar se monitores estão preparados para atuarem nas diversas atividades promovidas pelo Programa.

Souza (2014) utilizou como instrumento metodológico a entrevista semiestruturada, direcionada à gestora de uma Gerência Regional de Educação, ao coordenador estadual do Programa Mais Educação, aos gestores das escolas de educação básica e aos monitores do referido Programa, todos da cidade do Recife/PE. Os resultados de sua investigação ressaltam o envolvimento de toda a escola para a realização do Programa, uma vez que os alunos selecionados para participarem das oficinas pedagógicas foram os mesmos alunos que estudam no turno regular de ensino e que, portanto, necessitam do apoio e da integração de todos os que compõem a comunidade escolar.

No quadro 2, apresento a produção sobre meu tema de interesse, o Programa Mais Educação, encontrada na região Centro-Oeste do Brasil.

Quadro 2 - Estudos realizados na Região Centro-Oeste

Título	Autores	Local/Ano	Instituição de Ensino/Tipo de publicação
O monitor do Programa Mais Educação: em busca de uma definição conceitual	Neuda Alves do Lago e Tauã Carvalho de Assis (LAGO; ASSIS, 2016).	Goiás 2016	Universidade Federal de Goiás (UFG). Artigo

Fonte: SciELO (2017)⁶.

De acordo com a pesquisa realizada por Lago e Assis (2016), os monitores do Programa Mais Educação apresentam-se como educadores sociais, mas que ainda estão em busca de sua

⁶ Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072016000100111&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 07 set. 2017.

identidade profissional. O problema evidenciado na pesquisa foi: quem, afinal, é o monitor explicitado no PME? Para responder a essa pergunta os autores realizaram um estudo comparativo da revisão da literatura com os documentos oficiais do programa. Também utilizaram questionários com questões abertas e fechadas direcionadas a monitores do programa com o objetivo de compreendê-los como educadores sociais inseridos nas práticas educativas não formais promovidas pela implementação do Programa Mais Educação.

No quadro 3, estão listados os estudos relacionados à temática em análise realizados na região Sul do Brasil, os quais também foram relevantes para o desenvolvimento da pesquisa em tela.

Quadro 3 - Estudos realizados na Região Sul

Título	Autor	Local/Ano	Instituição de Ensino/Tipo de publicação
Atuação do Educador no Programa Mais Educação em uma escola pública estadual do Rio Grande do Sul.	Atila Cristiano Bizarro (BIZARRO, 2014).	São Leopoldo, RS, 2014.	Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Dissertação.
Do Programa Mais Educação à Educação Integral: o currículo como movimento indutor.	Paula Cortinhas de Carvalho Becker (BECKER, 2015).	Florianópolis, SC, 2015.	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Dissertação.

Fonte: Portal da CAPES (2017 - 2018)⁷.

A pesquisa de Bizarro (2014) evidencia a ausência de um projeto comum que priorize a articulação da proposta pedagógica do Programa Mais Educação com o currículo escolar de modo a atender os pressupostos da educação integral em tempo integral. O autor ressalta a necessidade dessa relação entre os documentos para que, de fato, haja contribuição para a aprendizagem dos alunos.

O problema de pesquisa de Bizarro (2014) consistiu na seguinte questão: sobre quais são e como se apresentam os tensionamentos enfrentados pelo educador em sua atuação no Programa Mais Educação? Para responder ao seu questionamento o autor realizou um estudo

⁷ Disponível em: < <http://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

sobre a formação docente, tomando como aporte teórico Nóvoa (2011), documentos oficiais do Programa Mais Educação, o Projeto Político Pedagógico da escola que investigou e entrevistas com educadores e coordenadores das oficinas ofertadas pelo Programa no ano de 2013. Na análise levou em consideração os seguintes objetivos: problematizar quais são e como se apresentam os tensionamentos enfrentados pelo educador em sua atuação, no contexto do Programa governamental Mais Educação, em uma escola pública estadual localizada no município de Esteio (RS).

De acordo com o autor, existe a ausência de um projeto na escola por ele investigada que abarque tanto as atividades do ensino regular quanto as atividades do Programa Mais Educação, como uma proposta de ensino integral. O autor também evidencia a falta de diálogo entre os profissionais envolvidos; a falta de momentos de formação conjunta, de partilha; a carência de informação sobre o Programa; e a disputa por espaços de ensino-aprendizagem entre o ensino formal e os saberes comunitários.

O segundo estudo listado no quadro 3, elaborado por Becker (2015), aponta que, apesar dos desafios enfrentados para sua implementação nas escolas, o programa Mais Educação tem contribuído para a ampliação das relações nos tempos e espaços. A autora afirma que, através dessas relações, é possível uma parceria entre escola e comunidade, destacando a importância do trabalho realizado pelos monitores do programa e o estabelecimento de novas relações entre os participantes, as quais contribuem para uma maior interação entre os conhecimentos sistematizados e os saberes da comunidade local.

A problemática da pesquisa de Becker partiu do seguinte questionamento: de que modo as unidades educativas da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis que desenvolvem o Programa Mais Educação estão organizando seu trabalho pedagógico? Para responder à questão a autora utilizou como metodologia um questionário e a observação sistemática do trabalho pedagógico na Escola Básica Municipal Intendente Aricomedes da Silva.

O objetivo dessa pesquisadora foi analisar os aspectos pedagógicos que sinalizam a indução à educação integral no âmbito da organização curricular das escolas que oferecem o Programa Mais Educação na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Conforme a autora, apesar de seus limites, o Mais Educação tem se mostrado um programa indutor à educação integral da rede municipal de ensino de Florianópolis na medida em que estimula a mudança, mobiliza as instituições para pensarem a jornada ampliada e abre espaços para discussões sobre temas de interesse da escola.

Para encerrar esta seção apresento, no quadro 4, o único estudo encontrado sobre a temática realizado na região Sudeste do país, mas com grande relevância para esta pesquisa por abordar também o conceito de educação integral.

Quadro 4 - Estudos realizados na Região Sudeste

Título	Autor	Local/ Ano	Instituição de Ensino/Tipo de publicação
Programa Mais Educação: representações sociais de professores e monitores nas escolas do município de São Gonçalo.	Estela Paula Campos Moreira Gomes (GOMES, 2011).	São Gonçalo, RJ, 2011.	Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Dissertação.

Fonte: Site do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ - PPG-EDU (2018)⁸.

A pesquisa desenvolvida por Gomes (2011) mostra que a realização das oficinas pedagógicas pelos monitores do Programa Mais educação tem tido resistência por parte de alguns professores das escolas. Eles alegam que os monitores não apresentam vínculo empregatício e/ou uma formação apropriada para tal tarefa. Outro entrave destacado é a descontinuidade do programa, que não se apresenta como uma política duradoura, o que faz com que os professores tenham uma visão preconceituosa para com os monitores. Porém, a que se compreender que para algumas oficinas não existem, nas escolas, profissionais capacitados, como a prática do judô, capoeira e o manejo do solo para a construção e manutenção da horta escolar. Nesse caso, é necessário contar com o apoio das pessoas que moram nas comunidades nas quais as escolas estão inseridas e que podem desenvolver tais atividades.

Para dar vida à sua pesquisa, a autora utilizou como metodologia a perspectiva de Moscovici (2007) a teoria do Núcleo Central de Abric (1987). Como instrumentos investigativos usou entrevistas semiestruturadas e a evocação ou associação livre de palavras com hierarquização e justificativa. Essa prática segue as orientações recomendadas em investigações de campo e de representações sociais, a fim de identificar e estudar a sua estrutura e dimensão do objeto.

Gomes (2011) tomou como objetivo de sua pesquisa conhecer as representações sociais dos professores e monitores das escolas do município de São Gonçalo sobre o Programa Mais Educação. Seu problema de pesquisa foi estruturado sobre os seguintes questionamentos: quais

⁸ Disponível em: <http://ppgedu.org/ffp/teses.html>. Acesso em: 27 de fev. 2018.

concepções de educação integral estão presentes, atualmente, na educação brasileira? Que concepção de educação integral está presente no Programa Mais Educação? Qual(is) a(s) concepção(ões) de educação integral dos sujeitos da escola? O que pensam os sujeitos da escola sobre o Programa Mais Educação?

Como resultados a autora constatou a pouca relação entre os monitores - reais executores do Programa - e os professores da escola, seja por resistência destes últimos em relação ao próprio Programa e a figura do monitor, que sugere a ideia de recreador ou de voluntário, devido à inexistência de vínculo com a escola, ou pela “desconfiança” frente à continuidade do Programa, que não se caracteriza como política de educação duradoura, podendo ser extinto a qualquer momento.

Conforme demonstrado nesta seção, os estudos sobre a atuação de monitores no Programa Mais Educação em específico ainda não apresentam um número considerado, tendo sido encontrados apenas dois, uma dissertação e um artigo. De fato, é muito pouco o número de estudos que trazem em seu cerne discussões sobre as vozes dos monitores, sujeitos que desenvolvem as oficinas pedagógicas do programa, evidenciando a sua participação como parte integrante deste processo. Entretanto, há um número elevado de pesquisas relacionadas ao Programa Mais Educação e suas interfaces.

De acordo com os estudos analisados, o Programa Mais Educação foi instituído pela Portaria Interministerial nº 17, de 24/04/2007, em parceria com o Ministério da Educação, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, do Esporte e da Cultura. O programa tem como objetivo “[...] contribuir para a formação integral de crianças, adolescentes e jovens, por meio da articulação de ações, de projetos e de programas do Governo Federal”. (BRASIL, 2007).

Sendo assim, o Mais Educação se constitui como uma estratégia política do Governo Federal para a implementação da educação integral no Brasil. Esse programa amplia o tempo e o espaço para que os alunos tenham garantido o direito de aprender. Objetiva minimizar os altos índices de repetência escolar e evasão e melhorar os níveis do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).

Vale destacar também que a Lei nº 13.005/2014, que aprovou o Plano Nacional de Educação, apresenta em sua Meta nº 06 o dever do Estado de “[...] oferecer educação em tempo integral em, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das escolas públicas, de forma a atender, pelo menos, 25% (vinte e cinco por cento) dos (as) alunos (as) da educação básica”. (BRASIL, 2014). Para atingir esta meta, o Plano apresenta as seguintes estratégias:

Promover, com o apoio da União, a oferta de educação básica pública em tempo integral, por meio de atividades de acompanhamento pedagógico e multidisciplinares, inclusive culturais e esportivas, de forma que o tempo de permanência dos (as) alunos (as) na escola, ou sob sua responsabilidade, passe a ser igual ou superior a 7 (sete) horas diárias durante todo o ano letivo, com a ampliação progressiva da jornada de professores em uma única escola.[...] institucionalizar e manter, em regime de colaboração, programa nacional de ampliação e reestruturação das escolas públicas, por meio da instalação de quadras poliesportivas, laboratórios, inclusive de informática, espaços para atividades culturais, bibliotecas, auditórios, cozinhas, refeitórios, banheiros e outros equipamentos, bem como da produção de material didático e da formação de recursos humanos para a educação em tempo integral.[...] estimular a oferta de atividades voltadas à ampliação da jornada escolar de alunos (as) matriculados nas escolas da rede pública de educação básica por parte das entidades privadas de serviço social vinculadas ao sistema sindical, de forma concomitante e em articulação com a rede pública de ensino [...]. (BRASIL, 2014).

Diante do exposto, é possível afirmar que o Programa Mais Educação se constitui como uma forma estratégica de implementação de educação integral em tempo integral, oportunizando o desenvolvimento de outras atividades articuladas às propostas apresentadas no currículo escolar. É importante frisar que no ano de 2016 o Programa teve suas atividades encerradas tendo sido substituído pelo Programa “Novo Mais Educação”.

Sobre a atuação dos monitores, constata-se que contribuíram como sujeitos integrantes e fundamentais para o desenvolvimento das oficinas pedagógicas no Programa Mais Educação. Entretanto há uma preocupação em relação à sua formação para atuarem nas oficinas. Por isso, ainda se faz necessário um estudo mais delineado a respeito das suas narrativas.

Outro fator de grande importância para se compreender o Programa Mais Educação como uma estratégia política de implementação de educação integral em tempo integral detectado nas referidas pesquisas diz respeito à infraestrutura. A razão para isso é que para as oficinas serem realizadas atendendo aos objetivos de uma educação em tempo integral são necessárias condições adequadas para que as crianças possam realizar suas necessidades pessoais, como tomar um banho e ter um tempo destinado a um descanso para darem continuidade às atividades escolares em seu contraturno de estudos.

Verifica-se ainda a necessidade de um maior engajamento do poder público nas esferas municipais e estaduais no que diz respeito à construção de um espaço adequado para a realização das oficinas. Também é preciso uma maior articulação entre o currículo estabelecido para a efetivação das oficinas e o Projeto Político Pedagógico das escolas para que o Programa atenda às expectativas de toda a comunidade e possibilite aos estudantes, atividades educativas na perspectiva de uma Educação Integral.

Considerando essas lacunas, me propus a investigar a realidade do Programa Mais Educação em uma escola municipal de Natal/RN, a fim de conhecer com maior clareza a importância dos monitores e do próprio programa para a efetivação de uma educação integral.

IV O DESENHO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA

Neste capítulo, apresento o campo desta pesquisa e suas peculiaridades, como também a abordagem e os instrumentos utilizados na investigação e os sujeitos colaboradores. A escolha do local se deu em razão de minha participação no Programa Mais Educação e por ser o espaço de minha atuação como coordenadora do referido programa, o que facilitou minha aproximação com a temática e com os sujeitos investigados.

Campo de pesquisa: A Escola Municipal Professor Luiz Maranhão Filho

A Escola Municipal Professor Luiz Maranhão Filho está situada na Av. Solange Nunes do Nascimento, 239, no bairro de Cidade Nova, em Natal/RN. Foi criada em 06/12/1988, pelo Decreto nº 3.825, de 6 de dezembro de 1988. A autorização de seu funcionamento se deu através da Portaria nº 78/96, de 13 de fevereiro de 1993, publicada no diário oficial do estado de 17 de fevereiro de 1996.

Figura 1 - Fachada da Escola Municipal Professor Luiz Maranhão Filho



Fonte: Banco de imagens do Google (2018)⁹.

O ano de criação da Escola Municipal Professor Luiz Maranhão Filho nos remete ao ano da aprovação da Constituição Federal pela Assembleia Nacional Constituinte, em 22 de

⁹ <https://www.google.com.br/maps/>. Acesso em: 08. Set. 2018.

setembro de 1988, e sua promulgação, em 5 de outubro de 1988. Sendo a Constituição a lei suprema do Brasil e por assegurar aos cidadãos os seus direitos sociais, dentre eles a educação, está descrito em seu art. 227:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”. (BRASIL, 1988).

O nome da escola lhe foi dado em homenagem ao seu Patrono, o Professor Luiz Ignácio Maranhão Filho. Andrade (2008, p. 15), fazendo referência aos patronos, justifica que “[...] a Secretaria de Educação entendeu como patronos todos aqueles que deram seus nomes a escolas; a espaços educacionais; que foram agraciados com a Comenda Waldson Pinheiro. ”

De acordo com Costa (2008, p. 201-202), o Professor Luiz Ignácio Maranhão Filho (*in memoriam*) nasceu na cidade de Natal, em 25 de janeiro de 1921, tendo iniciado seus estudos na mesma cidade. Formou-se em Direito em 1949, na Faculdade de Direito do Recife. Foi professor do Colégio Estadual Atheneu, onde cursou o ginásio e o colegial. Começou a lecionar aos vinte anos de idade, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Natal. Foi professor titular da cadeira de Geografia Física. Em seguida, foi empossado membro do Conselho Municipal de Cultura da Prefeitura de Natal, em 30 de dezembro de 1963. Além disso, fora eleito deputado estadual, jornalista do “Diário de Natal” e da “Folha Revolucionária” (Recife), presidente efetivo da Comissão de Constituição e Justiça e Relator em diversos Projetos de Lei.

Em abril de 1974, foi preso na Praça da Sé, em São Paulo, em pleno regime militar. A seu respeito, Machado (2006, p. 295 *apud* COSTA, 2008, p. 202) afirma que:

O homem que detestava a violência e que nunca usou uma arma nem para sua defesa pessoal foi sacrificado com uma injeção apropriada para matar cavalos. Seu corpo nunca foi encontrado, apesar das diligências do cardeal Dom Eugênio Sales e do Senador Dinarte Mariz, que, a pedido de sua mulher, Dona Odete Roselli, fizeram todos os esforços no sentido de encontrar seus restos mortais para um sepultamento digno, mas as tentativas foram em vão.

A escola *locus* desta pesquisa recebeu o nome do Professor Luiz Ignácio Maranhão Filho em homenagem à contribuição que ele deu para a educação no município de Natal. A instituição conta com 85 professores distribuídos nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e na modalidade de ensino EJA (Educação de Jovens e Adultos). Elenco a seguir

os registros que tenho em Portfólio dessa escola como campo de pesquisa e de como se deu o desenvolvimento do Programa Mais Educação, bem como os relatórios que foram elaborados durante a execução das suas ações.

No dia 11 de setembro de 2009, aconteceu, no Centro Municipal de Referência em Educação - CEMURE, uma reunião com os diretores e coordenadores das escolas que tinham sido contempladas com o Programa Mais Educação. Foram discutidos alguns pontos relevantes para o início do Programa, quais sejam: previsão para o início, organização das turmas, monitores selecionados, grade horária, documentos importantes do Programa, dentre outros. E foi decidido que o Programa iniciaria no dia 15 de setembro de 2009 e que teria a duração de quatro meses.

O Programa Mais Educação foi implantado na escola em 16 de setembro de 2009. Apresento nos apêndices um cordel que fora escrito por mim, no qual conto, através da poesia, o caminho percorrido por todos que participaram do programa. Esse cordel foi lançado no encerramento das atividades do Programa Mais Educação das Escolas de Natal/RN em dezembro de 2013, no Centro Municipal de Referência em Educação/CEMURE.

Por atender a alguns dos critérios estabelecidos pela SEDAC/MEC, como o baixo IDEB e/ou localização em zonas de vulnerabilidade social, a escola foi contemplada com o Programa. Ao fazer a adesão, foram selecionadas as seguintes oficinas: *Letramento, Horta Escolar, Pintura, Reciclagem, Capoeira e Dança*, contemplando os macrocampos: *Acompanhamento Pedagógico, Educação Ambiental, Esporte e Lazer, Cultura e Artes*. Algumas oficinas foram desenvolvidas inicialmente numa escola vizinha, pois não havia espaço suficiente para o funcionamento das oficinas pedagógicas na própria escola.

A opção por tais oficinas deu-se em virtude da infraestrutura da escola. No caso da oficina de Capoeira foi escolhida porque no bairro em que a escola está situada já existiam grupos de capoeira. Para desenvolver as oficinas, foram selecionados monitores que tinham afinidade e experiências em cada área, como também estudantes universitários. Além disso, os monitores em sua maioria, residiam em Cidade Nova, bairro em que a escola está localizada. Dessa forma, as oficinas escolhidas contemplaram os critérios estabelecidos para a formação das turmas, entre eles o de atender os alunos que apresentavam defasagem série / idade em virtude das dificuldades de ensino e de aprendizagem.

Para a inscrição dos alunos no Programa Mais Educação era necessário observar os seguintes critérios: estudantes que apresentassem defasagem idade/ano; estudantes das séries finais da 1ª fase do ensino fundamental (4º e/ou 5º anos), nas quais existisse maior saída

espontânea de estudantes na transição para a 2ª fase; estudantes das séries finais da 2ª fase do ensino fundamental (8º e/ou 9º anos), onde existe um alto índice de abandono após a conclusão; estudantes de anos séries onde são detectados índice de evasão e/ou repetência; estudantes beneficiários do Bolsa Família.

O quadro 5, apresentado logo a seguir, revela o número de alunos matriculados em 2009 e o número de alunos inscritos no Programa Mais Educação. Mediante o quantitativo de 1.269 alunos matriculados no ano de 2009, na escola, para o funcionamento do programa foram formadas cinco turmas com vinte alunos em cada.

Quadro 5 - Quadro demonstrativo do número de alunos da Escola Municipal Professor Luiz Maranhão Filho em 2009

Matrículas por turno	Número de alunos
Turno Matutino	485
Turno Vespertino	510
Turno Noturno	274
Total	1259

Fonte: Quadro produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Essas turmas funcionavam no contraturno das aulas, abrangendo um total de cem alunos. As atividades tinham duração de três horas, com oficinas de uma hora e vinte minutos e intervalo de vinte minutos para o lanche. Torna-se importante destacar que os alunos inscritos no Programa Mais Educação participavam de todas as oficinas, conforme exposto no quadro 6 abaixo, que mostra a distribuição dos horários de cada oficina.

Quadro 6 - Horários das oficinas pedagógicas

Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
Horta Escolar	Reciclagem	Capoeira	Horta escolar	Pintura
Pintura	Capoeira	Reciclagem	Letramento	Capoeira
Letramento	Horta Escolar	Letramento	Pintura	Reciclagem
11:30 - 12:00 Almoço				
Pintura	Reciclagem	Capoeira	Horta Escolar	Pintura
Capoeira	Letramento	Pintura	Letramento	Capoeira
Reciclagem	Horta Escolar	Letramento	Pintura	Horta Escolar

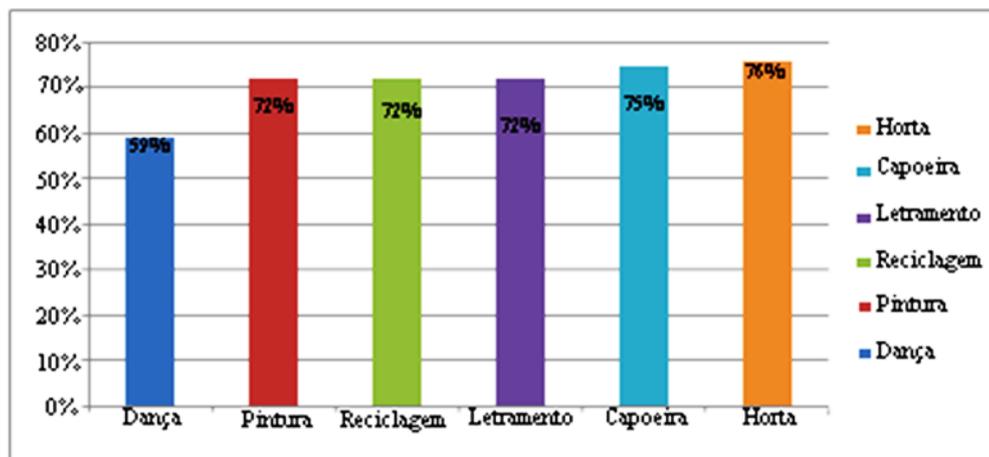
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

Em 2010, o programa atendeu a 125 alunos e foi acrescentada a oficina de Dança. Mas, alguns problemas foram desencadeados, como a suspensão das oficinas devido ao atraso da verba financeira e ausência de espaço físico para o desenvolvimento das oficinas. Assim, as oficinas de Letramento, Reciclagem e Pintura aconteceram na sala de vídeo da escola, e as oficinas de Dança e Capoeira foram desenvolvidas na Associação Cordão de Ouro, próximo à escola.

Dos 125 alunos inscritos no Programa, 20 (16%) desistiram e 105 (84%) permaneceram até o final. E com relação aos resultados de aprendizagem alcançados, dos 125 alunos, 65 (52%) foram aprovados em sala de aula. Contudo, é importante ressaltar que até meados de 2010 foram concluídas as atividades do Programa Mais Educação referentes a 2009. Isso aconteceu porque a verba destinada para o pagamento da bolsa dos monitores atrasava e só se começava outra etapa quando a anterior era finalizada.

Quanto à frequência dos monitores, é possível destacar o total de aulas a partir das aulas ministradas em cada oficina, como consta no gráfico 01, abaixo.

Gráfico 1 - Frequência dos monitores por oficina



Fonte: Elaborado pela autora (Natal/RN, 2011).

De acordo com o gráfico acima, a oficina de Dança apresentou o menor número de aulas, pois contemplava apenas um dia na semana. As demais oficinas aconteciam com maior frequência, principalmente Letramento e Horta Escolar. A oficina de Letramento contemplava mais dias por causa da necessidade de as crianças avançarem no processo de desenvolvimento da leitura e escrita, conforme os objetivos elencados para essa oficina. A oficina de Horta Escolar também necessitava de mais tempo, para manter os cuidados com as hortaliças que precisavam ser regadas diariamente. Nos dias que não tinha a oficina de Horta Escolar, o monitor vinha até a escola e regava a horta.

Vale salientar que ainda no primeiro semestre de 2010 eu me afastei da coordenação do programa Mais Educação por motivo de licença gestante. Outras duas professoras da escola assumiram as atividades do programa. Logo após esse período, retomei a coordenação do programa e, na ocasião, uma professora da escola, que se encontrava readaptada, passou a colaborar comigo, coordenando o Programa Mais Educação.

Em 2011, as oficinas pedagógicas foram desenvolvidas em outro espaço da escola, pois a sala de vídeo também precisava ser utilizada pelos professores, em atividades distintas. Desta forma, as oficinas aconteceram numa sala de aula onde funcionava também outro Projeto, ou seja, duas atividades diferentes eram desenvolvidas ao mesmo tempo, num ambiente dividido por armários.

Essa realidade foi ainda mais desagradável em se tratando de um espaço adequado para se trabalhar. Além de pequena, a sala não era apropriada, pois era muito quente e éramos interrompidos diariamente, porque os armários que separavam as salas fazendo uma divisória eram utilizados por outras pessoas da escola, que entravam frequentemente para pegar material e/ou objetos. Isso acabava sendo um constrangimento, pois os alunos tinham que sair de seus lugares para que os armários fossem abertos.

Já em 2012, iniciamos o Programa na escola mais entusiasmados, pois conquistamos um espaço físico. Ainda que pequeno, o espaço foi suficiente para organizar e distribuir as atividades e acolher melhor os alunos. Porém, a oficina de Capoeira continuou sendo realizada em um local cedido, próximo à escola. Vale destacar que firmamos também parcerias com algumas entidades do município, que fizeram a doação de garrafinhas de água para os alunos e escovas para a higienização bucal.

Em 2013, o repasse financeiro do governo federal atrasou e começamos as oficinas depois do início do ano letivo. Nesse ano, permaneceram as seis oficinas pedagógicas e os monitores trabalhavam quinze horas semanais, recebendo uma ajuda de custo para realizar as oficinas. A partir do ano de 2014, as atividades do Programa Mais Educação continuaram na escola, mas sob a coordenação de outra professora. Pois, nesse mesmo ano, eu retornei à cidade de Mossoró.

Na tentativa de oferecer momentos de trocas de experiências e elaboração das atividades a serem desenvolvidas nas oficinas, os monitores participavam de planejamentos mensais na escola, levando em consideração os projetos de ensino que estavam sendo trabalhados pelos professores em sala de aula e a formação pedagógica oferecida pelos técnicos da Secretaria Municipal de Educação, através do Setor de Educação Integral - SETI, no CEMURE.

A formação pedagógica dos monitores da oficina de Horta Escolar era oferecida pela equipe técnica da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural – EMATER. A cada mês, a capacitação para os monitores da Horta Escolar, acontecia numa escola da rede municipal. Também aconteceram capacitações com exemplos práticos no Parque das Dunas, em Natal.

Além dos momentos reservados para os planejamentos, nos quais eram discutidas as atividades a serem desenvolvidas em cada oficina e os materiais necessários para realizá-las, mensalmente, oferecíamos uma pequena homenagem aos monitores aniversariantes. Isso contribuía para solidificar ainda mais a união da equipe e enaltecê-los.

Figura 2 - Momento de confraternização entre monitores e coordenação do Programa Mais Educação



Fonte: Arquivo pessoal da autora (Natal/RN, 2012).

Nesses encontros, além de planejarmos as atividades a serem desenvolvidas em cada oficina, pensávamos nas apresentações que poderiam acontecer nas culminâncias dos Projetos de Ensino da escola. Na ocasião, os monitores sempre socializavam com a comunidade escolar os trabalhos que eram realizados com os alunos nas oficinas pedagógicas.

A equipe administrativa da escola, em conversa com a coordenação do Programa Mais Educação, sentava e planejava que atividades poderiam ser apresentadas e que materiais seriam necessários adquirir para as apresentações. Os alunos participavam ativamente das atividades realizadas na escola, assim como em outros espaços da comunidade. Participar desses momentos elevava a autoestima dos alunos, pois eles se sentiam valorizados, realizando o que gostavam muito de fazer.

Pode-se citar como exemplo a Semana de ciência, tecnologia e cultura (CIENTEC), realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Na ocasião, as escolas da rede municipal de ensino foram convidadas para socializarem, durante a Feira, as atividades que eram desenvolvidas em cada instituição. Além das apresentações na UFRN, os alunos, juntamente com os monitores e a coordenação, também participavam da culminância das atividades realizadas nas oficinas do Programa Mais Educação de todas as escolas do município de Natal que se realizava no CEMURE, a cada final de semestre letivo.

As atividades realizadas durante as oficinas do Programa Mais Educação eram socializadas durante os eventos que aconteciam na Escola Municipal Professor Luiz Maranhão Filho, em consonância com o que estava previsto no Projeto Político Pedagógico da escola.

A I Mostra Fotográfica do Programa Mais Educação aconteceu durante as atividades da Mostra Cultural e Sarau Literário da Escola, no ano de 2013. Na oportunidade, foram apresentadas para a comunidade presente os trabalhos realizados pelas crianças no decorrer das oficinas pedagógicas. Esse momento foi de fundamental importância para os alunos, monitores e coordenação do programa na escola, pois deu visibilidade ao programa e ao que era produzido pelos alunos junto com os monitores. Além disso, observou-se que os alunos se sentiram alegres em poder mostrar para os colegas e equipe escolar o que eles mesmos produziram.

É importante destacar que os pais ficaram bastante satisfeitos em poder presenciar o momento em que seus filhos apresentavam as atividades realizadas em cada oficina. Havia uma sala de aula disponível para o programa, onde foram expostas as produções das crianças. E no palco da Mostra Cultural, eles apresentaram uma roda de capoeira e danças. Concomitantemente às apresentações no palco e à exposição na sala da Mostra Cultural do Programa Mais Educação, os alunos e pais presentes também visitavam e conheciam a Horta Escolar do programa.

Outro fator importante que aconteceu na escola no decorrer do Programa Mais Educação diz respeito aos resultados obtidos pela escola na avaliação do IDEB, nos anos iniciais. O avanço ainda é pouco, mas, de certa forma, acredita-se que o programa, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas, desde a sua implantação, contribuiu para que a escola alcançasse um resultado melhor do que os dos outros anos.

As tabelas a seguir apresentam os dados obtidos pela escola na avaliação do IDEB realizada no período compreendido entre 2005 a 2015. Pelo que se pode observar nos resultados da avaliação, a escola está abaixo da média do município.

Tabela 1 - IDEB - Resultados e Metas da Escola Municipal Professor Luiz Maranhão Filho Anos Iniciais

4ª série / 5º ano		Ideb Observado					Metas Projetadas							
Escola	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
ESC MUL PROF LUIS MARANHAO FILHO	3.0	3.3	2.8	2.7	3.3	3.8	3.0	3.3	3.8	4.0	4.3	4.6	4.9	5.2

Fonte: INEP (2018)¹⁰

Tabela 2 - IDEB - Resultados e Metas da Escola Municipal Professor Luiz Maranhão Filho Anos Finais

8ª série / 9º ano		Ideb Observado					Metas Projetadas							
Escola	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
ESC MUL PROF LUIS MARANHAO FILHO	3.4		2.2	2.8	1.9	3.4	3.4	3.6	3.8	4.3	4.6	4.9	5.1	5.4

Fonte: INEP (2018)¹¹.

Tabela 3 - IDEB - Resultados e Metas do Município de Natal

4ª série / 5º ano		8ª série / 9º ano		Ideb Observado					Metas Projetadas					
Município	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
Natal	3.3	3.7	3.7	4.0	4.3	4.7	3.3	3.7	4.1	4.4	4.7	4.9	5.2	5.5

Fonte: INEP (2018)¹²

¹⁰ Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=574235>. Acesso em: 12 abr. 2017.

¹¹ Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=57423>. Acesso em: 12 abr. 2017.

¹² Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=582624>. Acesso em: 12 abr. 2017

De acordo com os dados apresentados nas tabelas acima, é possível destacar que até o ano de 2015 a escola ainda não havia conseguido atingir as metas projetadas para alcançar um bom resultado no IDEB. Mas nota-se que houve um avanço nos resultados obtidos na avaliação realizada com os anos iniciais do ensino fundamental nos anos de 2009 e 2015, respectivamente. A respeito dos problemas evidenciados, no Projeto Político Pedagógico da Escola, constata-se, que:

A equipe gestora observou que a escola ficou abaixo da média do município. Para superação desta colocação a escola tem procurado elaborar, implementar e consolidar o Projeto Político Pedagógico. Quanto aos principais problemas evidenciados na escola, podemos citar como os principais: a) infraestrutura (não há espaço para a prática de educação física); b) profissionais em desvio de função; c) falta de material pedagógico; e, d) indisciplina. (BEZERRA, 2011, p.120)

Nesse sentido, a escola tem trabalhado em prol de reverter essa situação com estratégias que implementem e consolidem seu Projeto político Pedagógico, a fim de superar essa situação e melhorar o índice de aprendizagem dos alunos. Dentre outras ações que foram executadas desde o ano de 2009, ressalta-se ainda a implementação do Programa Mais Educação através das oficinas pedagógicas realizadas no contraturno das aulas.

O Bairro de Cidade Nova

A partir de uma produção de vídeo que fiz sobre o bairro Cidade Nova, como requisito para a conclusão de um curso de “Produção de vídeo”, oferecido pela Secretaria Municipal de Educação da cidade de Natal/RN, criei a poesia abaixo, na qual expressei a História do bairro e coloco minhas impressões poéticas sobre o referido lugar.

O lugar onde moro

Ah, o lugar onde moro,
 É por demais interessante.
 Tem plantas, morros e alto-falante.
 Lá de cima do morro,
 Brincar é coisa boa,
 Quando eu falo a minha voz ecoa.
 Solto pipa, jogo bola,
 Desço de escorrego,
 Corro na areia fofa
 E até esqueço a hora.
 Volto feliz pra casa
 Como o nascer da aurora.

Moradores mais antigos
Dizem que aqui
Já foi lugar de lixão,
Viviam de catar lixo,
Pois sem outra opção
Garantiam sua alimentação.

Começou a ser povoado,
No final dos anos sessenta,
Por migrantes do interior.
Fugindo da seca que arrebenta,
Sem comida e água,
Ninguém aguenta.

O tempo passou,
E Cidade Nova transformou-se:
Tem coleta seletiva,
Depósito de empilhar lixo.
Embora ainda faltem
Melhores condições de trabalho.

Tem ruas arborizadas,
Escolas enfileiradas,
Lojas e artesanatos,
Comércio por todo lado.
Mesmo com terminal de ônibus
Trem ainda se tem.

Figura 3 - Vista parcial do bairro de Cidade Nova



Fonte: Banco de imagens do Google, 2018.

O Bairro Cidade Nova pertence à cidade do Natal, localizada na mesorregião Leste Potiguar do Rio Grande do Norte, na região Nordeste do Brasil, conforme se vê no mapa 01. Sua fundação aconteceu em 25 de dezembro de 1599, às margens do Rio Potengi.

Mapa 1 - Localização da cidade do Natal no mapa do Rio Grande do Norte



Fonte: Banco de imagens do Google (2018)¹³.

Natal é conhecida como a Cidade do Sol “[...] por apresentar uma elevada luminosidade solar, a maior dentre as capitais brasileiras, que ultrapassa 2.900 horas anuais. As precipitações acontecem sob a forma de chuva, que podem vir acompanhadas de raios e trovoadas, embora pouco comuns, e ainda serem de forte intensidade.” (LOPO, 2013, p. 1). De acordo com o censo do IBGE de 2017, a capital Natal possui em torno de 885.180 habitantes. (IBGE, 2017).

Segundo Souza (2001, p. 699 - 670) “[...] o bairro de Cidade Nova está localizado entre a Cidade da Esperança e enormes dunas, começando a ser povoado no final dos anos de 60, por migrantes que fugiam da seca no interior”. A formação do bairro se deu pelo fato de muitas pessoas migrarem para a capital do estado, Natal, em virtude da grande seca que assolou a região na década de 1960. Muitas dessas pessoas vieram de cidades do interior do estado do Rio Grande do Norte em busca de melhores condições de vida. Dessa forma, foram surgindo os primeiros moradores do bairro Cidade Nova.

¹³ Disponível em: <<https://www.google.com.br/>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

Porém, devido ao baixo poder aquisitivo dessas pessoas, passaram a sobreviver da atividade de catar o lixo que ia se acumulando no bairro. Os moradores disputavam os materiais que encontravam no lixão de Cidade Nova. Conforme Souza (2001), diariamente, os caminhões do Departamento Municipal de Limpeza Pública despejavam naquela área centenas de toneladas de lixo. Uns catavam restos de comida e outros recolhiam objetos usados para revender.

Em 1974, os moradores se reuniram e reivindicaram do poder público municipal as condições básicas, com infraestrutura adequada para as pessoas do bairro. Atendendo a esse pedido, o governador Cortez Pereira (in memoriam) inaugurou a energia elétrica no bairro. Na mesma época, o então prefeito de Natal, Jorge Ivan Cascudo Rodrigues, implantou as primeiras linhas de ônibus coletivo. Já em 1980, o ex-prefeito José Agripino Maia fez o calçamento de paralelepípedo que interliga os bairros de Cidade da Esperança e Cidade Nova.

O então prefeito Garibaldi Alves Filho, inaugurou em 1988, a Usina de Reciclagem e Compostagem de Lixo de Natal, com capacidade para reciclar 300 toneladas diárias de lixo. A Usina foi financiada pelo Banco Nacional de desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Atualmente, os moradores do bairro de Cidade Nova não convivem mais com o lixão. No lugar onde era depositado o lixo foi criada uma cooperativa de catadores de recicláveis, que fazem a coleta desse material nas ruas do bairro.

O bairro de Cidade Nova conta com um número considerável de escolas, entre elas a Escola Estadual União do Povo de Cidade Nova, a Escola Municipal Luiz Maranhão Filho, a Escola Municipal Zeneide Igino de Moura, a Escola Municipal Emília Ramos, o CMEI Marise Paiva, CMEI Maria Itaciara Bento, o CMEI José de Alencar e o CMEI Saturnina Alves. Existem ainda duas escolas particulares e uma escola filantrópica.

Também há no bairro uma valorização muito grande e reconhecimento da capoeira como patrimônio Imaterial da Humanidade. Essa cultura é vivenciada na Escola de Capoeira Cordão de Ouro, sob a administração do Mestre Arrepio, mentor do projeto que culminou na criação e fundação da referida escola.

A Escola de Capoeira Cordão de Ouro ensina a arte da capoeira gratuitamente e oferece reforço escolar aos alunos do bairro de Cidade Nova. De acordo com entrevista realizada ao blog do Coral Plaza, o mestre Arrepio relatou: “O aluno é sempre o interessado maior. Aqui não ensinamos só capoeira, construímos projetos de vida. A mudança (de vida) depende de cada um, tentamos ser o meio para isso.”

Figura 4 - Mestre Arrepio. Mentor da Escola de Capoeira Cordão de Ouro de Cidade Nova



Fonte: Blog do Coral Plaza (2018)¹⁴.

Figura 5 - Jovens do projeto treinando no Memorial da Capoeira



Fonte: Blog do Coral Plaza (2018)¹⁵.

Como a Escola de Capoeira Cordão de Ouro oferece aulas de reforço, dispõe de uma pequena biblioteca para auxiliar os estudos dos alunos que frequentam o local. Os livros que compõem seu acervo foram adquiridos mediante doações da comunidade.

¹⁴ Disponível em: <<http://www.coralplaza.com.br/gingando-para-vida/2018>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

¹⁵ Idem

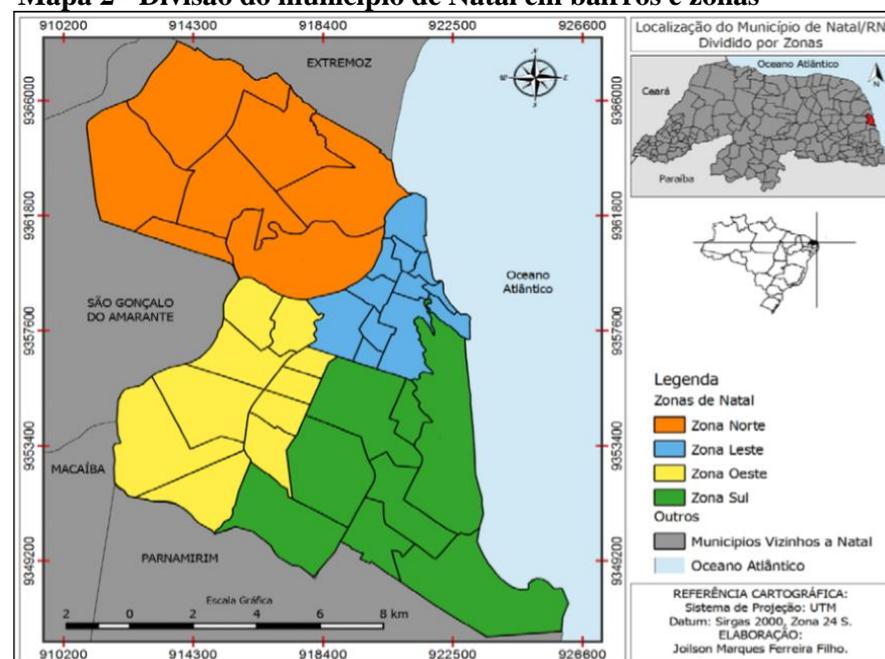
Figura 6 - Biblioteca Luiz Gama, localizada no Memorial da Capoeira



Fonte: Blog do Coral Plaza (2018)¹⁶.

A economia do bairro está relacionada a um grande número de comércios, funcionalismo público e a feira de artesanato. O bairro de Cidade Nova está localizado na zona Oeste da cidade de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte. Organizada geograficamente a partir de quatro zonas distritais, a saber Zona Norte, Zona Leste, Zona Oeste e Zona Sul.

Mapa 2 - Divisão do município de Natal em bairros e zonas



Fonte: Universidade de Palermo (2018)¹⁷.

¹⁶ Disponível em: <<http://www.coralplaza.com.br/gingando-pra-vida/2018>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

¹⁷ Disponível em:

<https://www.palermo.edu/Archivos_content/2016/Economicas/jornaltourism/edicion15/01_MapeamentoDasTaxasDeHomicidio.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2018.

De acordo com informações colhidas no portal OpenBrasil.org, o município de Natal está dividido em quatro regiões administrativas ou zonas, que, por sua vez, subdividem-se em bairros. São quatro as zonas da cidade do Natal. A primeira delas é a Região Administrativa Norte ou Zona Norte, que representa a maior, tanto em área territorial, quanto em população, da cidade. Possui uma população de 302.333 habitantes (2008), equivalente a 37,88% da população da cidade, superando todos os municípios do interior do Rio Grande do Norte, inclusive Mossoró, que é a segunda maior cidade do estado. A densidade demográfica, no mesmo ano, era de 54,85 hab./km². É separada das demais zonas de Natal pelo Rio Potengi e se divide em sete bairros: Igapó, Lagoa Azul, Nossa Senhora da Apresentação, Pajuçara, Potengi, Redinha e Salinas.

Em seguida, temos a Região Administrativa Sul ou Zona Sul, segunda maior em extensão territorial e a terceira mais populosa da cidade, com 162.688 habitantes em 2008 (20,39% da população natalense) e uma densidade demográfica de 40,71 habitantes por quilômetro quadrado. Assim como na Zona Norte, a Zona Sul de Natal também se divide em sete bairros: Candelária, Capim Macio, Lagoa Nova, Neópolis, Nova Descoberta, Pitimbu e Ponta Negra. É nela onde se localizam o Centro Administrativo do Estado do Rio Grande do Norte (sede do governo estadual, no bairro Lagoa Nova) e a Praia de Ponta Negra, próximo à divisa de Natal com Parnamirim.

A terceira região é a Administrativa Leste ou Zona Leste. Trata-se da região menos populosa de Natal, com 118.193 habitantes em 2008 - equivalente a 14,39% da população do município. É também a zona que possui a maior densidade demográfica entre as demais zonas da cidade (81,09 hab./km²) e a que reúne o maior número de bairros de Natal (doze no total): Alecrim, Areia Preta, Barro Vermelho, Cidade Alta, Lagoa Seca, Mãe Luíza, Petrópolis, Praia do Meio, Ribeira, Rocas, Santos Reis e Tirol.

Por fim, temos a Região Administrativa Oeste ou Zona Oeste, segunda zona mais populosa do município (com 214.320 habitantes em 2008, equivale a 26,83% da população da cidade) e também a segunda maior em área territorial. É formada por dez bairros: Bom Pastor, Cidade da Esperança, Cidade Nova, Dix-Sept Rosado, Felipe Camarão, Guarapes, Nordeste, Nossa Senhora de Nazaré, Planalto e Quintas.

Ao todo, a cidade do Natal se divide em quatro regiões administrativas, com um total de 36 bairros. Conforme dados de 2008, lançados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018) e divulgados pela prefeitura, o bairro Nossa Senhora da Apresentação, que se localiza na Zona Norte de Natal, é o bairro mais populoso da cidade, com 79.448

habitantes (densidade populacional de 77,4 hab./km²). Enquanto isso, o bairro Salinas, também situado na Zona Norte, é o menos populoso (1 275 pessoas e densidade de apenas 1,52 hab./km²).

O bairro de Cidade Nova possui uma área reservada ao Parque das Dunas, que possui um total de 1 172 hectares e uma população de apenas onze habitantes em 2008. Conta ainda com o Parque da Cidade Dom Nivaldo Monte, que está localizado na Zona de Proteção Ambiental 1 (ZPA-1), ocupando uma área total 136,54 hectares, abrangendo também os bairros de Pitimbú e Candelária. De acordo com informações colhidas no site da Prefeitura Municipal do Natal, o Parque da Cidade foi projetado pelo arquiteto Oscar Niemayer, com a colaboração de Ana Niemayer e Jair Varela. A obra foi iniciada no final do ano de 2006 e orçada no valor de R\$ 17 milhões.

O parque Dom Nivaldo Monte recebeu esse nome em homenagem a um Administrador Apostólico de Natal e um homem da terra, amante da natureza, dedicado à botânica, que deixou como herança um admirável exemplo de vida, por seu apostolado em nome da paz. Dom Nivaldo foi o Fundador da Escola de Serviço Social de Natal, a segunda do Nordeste, além de Professor, escritor e membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

O macrozoneamento proposto no Plano Diretor de Natal estabeleceu as Zonas de Proteção Ambiental, as quais foram previstas para viabilizar a proteção dos aspectos naturais e culturais da cidade. O Parque, além de ser uma primeira experiência de gestão em ZPA, pode desempenhar a função de espaço destinado ao lazer ecológico, cultural e equipamento estratégico de promoção da educação ambiental.

Figura 7 - Parque da Cidade Dom Nivaldo Monte



Fonte: Prefeitura Municipal de Natal¹⁸.

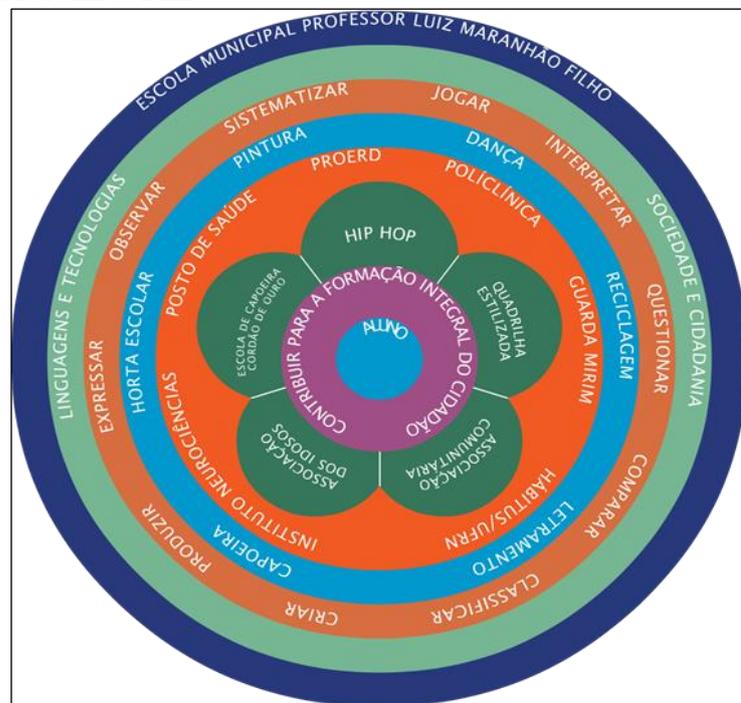
¹⁸ Disponível em: <<https://www.natal.rn.gov.br/parquedacidade/>>. Acesso em: 12 maio 2017.

Mandala da Escola

De acordo com o Caderno Rede de Saberes Mais Educação (BRASIL, 2009b, p. 23), “[...] a Mandala é o símbolo da totalidade (aparece em diversas culturas primitivas e modernas) e representa a integração entre o homem e a natureza”. Nesse sentido, a Mandala para o Programa Mais Educação “[...] funciona como ferramenta de auxílio à construção de estratégias pedagógicas para a educação integral capaz de promover condições de troca entre saberes diferenciados”. A imagem abaixo expõe, de forma esquemática, a Mandala do Programa Mais Educação da escola estudada, levando em consideração a Mandala de Saberes que o Programa Mais Educação apresenta, como uma estratégia possível para diálogo de saberes na perspectiva da educação integral.

A partir das orientações dadas no curso de capacitação para os coordenadores do Programa Mais Educação¹⁹, cada escola construiu a sua Mandala. A figura 18, a seguir, traz a mandala construída pela Escola Municipal Professor Luiz Maranhão Filho, investigada nesta pesquisa.

Figura 8 - Mandala da Escola Municipal Professor Luiz Maranhão Filho



Fonte: Arquivo pessoal da autora (Natal, 2013).

¹⁹ O Curso de Extensão “A Educação Integral na Perspectiva da Ampliação do Tempo, dos Territórios e das Oportunidades Educacionais” foi oferecido aos coordenadores do Programa Mais Educação das Escolas Municipais de Natal/RN sob a responsabilidade da Universidade Federal do Rio Grande Norte - UFRN.

Para a construção da mandala da escola em análise foram levados em consideração os seguintes critérios. No centro da Mandala, conforme orientação do MEC, deveria ser posto o nome da escola, porém, foi colocado o nome aluno. Essa opção considerou que os saberes relacionados na Mandala tinham como objetivo maior o desenvolvimento integral do aluno, compreendendo assim o primeiro círculo.

No segundo círculo, está o objetivo da educação integral, que é contribuir para a formação integral do cidadão. Na sequência vem o terceiro círculo, no qual são apresentados os saberes existentes na comunidade na qual a escola está inserida. E, no quarto círculo, estão os programas sociais realizados na comunidade por alguns órgãos locais e também federais.

No quinto círculo estão as oficinas pedagógicas dos macrocampos do Programa Mais Educação que foram contempladas de acordo com a realidade vivenciada pela escola e que, na sua maioria, necessitaram de adequação na infraestrutura da escola para que elas pudessem ser desenvolvidas.

No sexto círculo estão os saberes escolares. Sobre esses saberes o Caderno Rede de Saberes Mais Educação (BRASIL, 2009b, p. 27), relata que estão relacionados aos conhecimentos que são produzidos no ambiente escolar, através de produção acadêmica, teses, publicação de livros, dentre outros.

No sétimo círculo, por sua vez, estão as áreas do conhecimento escolar. Já no oitavo círculo está o nome da escola, local onde esses saberes escolares e comunitários se entrelaçam em prol do objetivo da educação integral, citado no segundo círculo.

Como dito anteriormente, no centro da mandala, ilustrada acima, o aluno ocupa um lugar central. Essa ideia de ter o aluno como centro do processo de ensino e aprendizagem nos remete à História da Didática no Brasil, relacionando-a às tendências pedagógicas. Por muito tempo acreditou-se que quem ocupava o lugar central no processo de ensino na escola era o professor, por ser considerado o detentor do saber. Isso ficou evidente na Pedagogia Tradicional, modelo no qual o ato de ensinar era centrado no professor e o aluno, neste caso, era mero repetidor, sem oportunidades para questionar e/ou expor suas ideias e entendimentos. Ao contrário dessa educação “bancária”, assim denominada por Freire (2003), ele mesmo aponta a educação libertadora, diferenciando-a da forma seguinte:

A educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir ‘conhecimentos’ e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação ‘bancária’, mas um ato cognoscente. Como situação gnosiológica, em que o objeto cognoscível, em lugar de ser o término do ato cognoscente de um sujeito, é o mediatizador de

sujeitos cognoscentes, educador de um lado, educandos de outro, a educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição educador-educandos[...]. O antagonismo entre as duas concepções, uma, a ‘bancária’, que serve à dominação; outra, a problematizadora, que serve à libertação, toma corpo exatamente aí. Enquanto a primeira, necessariamente, mantém a contradição educador-educando, a segunda realiza a superação. (FREIRE, 2003, p. 68, grifos do autor).

Contrapondo-se às ideias de educação tradicional, que não colocam o aluno como centro da aprendizagem, a Mandala da Escola Municipal Professor Luiz Maranhão Filho prioriza os ideais de educação que vê o aluno como sujeito central no processo de ensino. Essa concepção de educação reporta-nos à Tendência pedagógica de cunho progressista. Nessa perspectiva, o Programa Mais Educação, através de sua metodologia, valoriza a dinâmica dos saberes comunitários e compreende o aluno como centro do processo. Ter o aluno no centro implica compreendê-lo em sua totalidade. Ainda sob esse aspecto, Freire (1996, p. 70) relata que:

Como professor, se minha opção é progressista e venho sendo coerente com ela, se não me posso permitir a ingenuidade de pensar-me igual ao educando, de desconhecer a especificidade da tarefa do professor, não posso, por outro lado, negar que o meu papel fundamental é contribuir positivamente para que o educando vá sendo artífice de sua formação com a ajuda necessária do educador. Se trabalho com crianças, devo estar atento à difícil passagem ou caminhada da heteronomia para a autonomia, atento à responsabilidade de minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora da busca inquieta dos educandos; se trabalho com jovens ou adultos, não menos atento devo estar com relação a que o meu trabalho possa significar como estímulo ou não à ruptura necessária com algo defeituosamente assentado e à espera de superação. Primordialmente, minha posição tem de ser a de respeito à pessoa quem queria mudar ou que recuse mudar.

Daí a importância da relação entre os saberes escolares e saberes comunitários no Programa Mais Educação. Na verdade, a articulação entre esses saberes depende da realidade de cada comunidade. Ou seja, cada lugar apresenta aspectos próprios de seu povo, os costumes e as atividades que os identificam. Tais saberes estão identificados no terceiro círculo da mandala em comento.

Mais uma vez, o Caderno Rede de Saberes Mais Educação (2009b, p. 37) ressalta que:

Os saberes comunitários representam o universo cultural local, isto é, tudo aquilo que nossos alunos trazem para a escola, independentemente de suas condições sociais. Esses saberes são os veículos para a aprendizagem conceitual: queremos é que os alunos aprendam através das relações que possam ser construídas entre os saberes. Os alunos devem, portanto, ser estimulados a usar seus saberes e ideias a fim de formularem o saber escolar.

Foi com base nesses saberes que foram selecionadas as oficinas a serem oferecidas na escola em questão. A imagem a seguir apresenta o esquema representativo das oficinas pedagógicas desenvolvidas e os símbolos que as caracterizaram. Esses símbolos foram idealizados por mim, no papel de coordenadora do programa, em conjunto com um funcionário da escola. A imagem elaborada foi utilizada para compor a capa do Cordel intitulado “Programa Mais Educação” que se encontra no anexo 1.

Figura 9 - Esquema ilustrativo das oficinas pedagógicas no Programa Mais Educação



Fonte: Ilustrado por FAF²⁰.

Para a realização das oficinas do Programa Mais Educação foi necessária uma adequação na estrutura da escola. Além dessa dificuldade, enfrentamos a resistência de alguns funcionários da escola em aceitar o Programa.

A Horta Escolar, por exemplo, foi construída num pequeno espaço da escola, enquanto a oficina de capoeira acontecia no morro próximo à escola e na Associação Cordão de Ouro, onde, posteriormente, funcionaria o Memorial da Capoeira do RN. Já as oficinas de Letramento, Reciclagem e Pintura aconteceram na sala de vídeo da escola.

²⁰ Iniciais do nome do funcionário da secretaria da escola investigada, autor da ilustração.

De acordo com o Manual Operacional de Educação Integral (BRASIL, 2012, p.14), no Macrocampo *Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável*, a Horta Escolar visava a “[...] implantação da horta como um espaço educador sustentável, que estimule a incorporação, a percepção e a valorização da dimensão educativa, a partir do meio ambiente, bem como, produza aprendizagens múltiplas e significativas”.

Figura 10 - Momento da colheita das hortaliças na Oficina de Horta Escolar



Fonte: Arquivo pessoal da autora (Natal/RN, 2011).

É importante destacar que as hortaliças produzidas na Horta Escolar eram servidas no almoço das crianças, que, de início, não tinham o hábito de comer vegetais crus, como alface. Foi necessária, então, uma sensibilização sobre a importância dos nutrientes contidos nas hortaliças e da necessidade de consumi-las para o bem do nosso organismo e de uma alimentação saudável. Esse trabalho foi realizado, principalmente, pelo monitor da Horta Escolar.

Abordagem de Pesquisa

Para a realização de uma pesquisa, seja de cunho documental, qualitativo ou quantitativo, é necessário pensar num procedimento técnico para a sua construção, a fim de se produzir com rigor e clareza os dados a serem pesquisados. Além disso, apropriar-se de uma temática exige a preocupação com o uso adequado da linguagem, que deve estar vinculada ao nível formal de escrita e leitura aproximadas com as discussões empíricas.

Para que a pesquisa tenha um rigor científico, não podemos ficar nos “achismos”, devemos ter um olhar criterioso, tendo como base fundamental estudiosos que dialogam com o tema a ser trabalhado no projeto de pesquisa. A respeito do rigor científico Luna (2009, p. 15) ressalta que a pesquisa visa à produção de conhecimento novo e fidedigno, relevante teórica e socialmente.

Com base nessas observações, para a realização desta pesquisa, cuja temática é *Aprendendo com o Programa Mais Educação: Estudo realizado com ex- monitores de uma escola pública municipal de Natal/RN*, optei pela abordagem qualitativa. A escolha do tema se justifica por minha aproximação com o Programa no papel de coordenadora deste na escola investigada.

Adotei essa abordagem por revelar o homem como ser histórico, político e social. É sabido que a intenção da produção do conhecimento existe desde o início da sociedade primitiva. Quando o homem sente o desejo de compreender os fenômenos sociais e a si mesmo ele utiliza a ciência.

Andery (2006) aponta a ciência como uma das formas de conhecimento produzido pelo homem no decorrer de sua história. Para ele, a ciência é determinada pelas necessidades materiais do homem em cada momento histórico, ao mesmo tempo em que nelas interfere. Sendo assim, o homem diferencia-se dos outros animais por não conseguir viver isoladamente, isto é, por necessitar das outras pessoas para sobreviver. Por isso, é um ser social.

Sobre os tipos de pesquisa González Rey (2005, p. 90), afirma:

A pesquisa quantitativa tradicional pode organizar-se em pesquisas parciais concretas e finitas que aspiram a um resultado verificável no final do processo, todavia ela tem, como objetivo, a demonstração de relações entre variáveis, enquanto a pesquisa qualitativa sempre apresenta-se como uma linha de pesquisa, pois seu objetivo é a criação de modelos teóricos sobre a realidade estudada. Cada pesquisa concreta é sempre um novo momento na construção do modelo, ainda que este nunca tenha seja verificável de forma direta na realidade estudada. A relação entre a realidade e o modelo é de viabilidade que se vai desenvolvendo em cada momento da pesquisa.

Sendo assim, a abordagem qualitativa se mostra mais adequada a esta pesquisa, pois não exige uma preocupação com os dados quantitativos, mas com aquilo que os sujeitos da pesquisa (os monitores) podem contar sobre algo que marcou e/ou foi importante para a sua vida, nesse caso, sobre o Programa Mais Educação.

Instrumentos e sujeitos da pesquisa

Uma vez definido o tipo de abordagem, para a fase empírica, realizada na Escola Municipal Professor Luiz Maranhão Filho, optei pela entrevista narrativa. Escolhi essa abordagem metodológica por possibilitar ao pesquisador contar com a participação dos sujeitos da pesquisa através de suas narrativas. Sobre esse instrumento, Bauer (2015, p. 91) expressa:

Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal.

A entrevista narrativa permite produzir com rigor e clareza os dados a serem pesquisados. Segundo Bauer (2015), o estudo de narrativas tem sido de grande importância nos últimos anos. O interesse por pesquisas que envolvem narrativas advém da Poética de Aristóteles e está relacionado à crescente consciência do papel que o contar histórias desempenha na formação de fenômenos sociais. Em complemento, o autor admite que “[...] a entrevista narrativa tem em vista uma situação que encoraje e estimule um entrevistado (que na EN é chamado de informante) a contar na história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social.” (BAUER, 2015, p. 93).

Tomando como referência a entrevista narrativa, minha perspectiva era de que, mediante a fala dos sujeitos, seria possível reconstruir a história do Programa Mais Educação e da sua importância na vida deles. Assim, considereei esses procedimentos técnicos relacionados como essenciais para responder à minha pergunta de partida: *que aprendizagens o Programa Mais Educação trouxe para os monitores com a sua implementação na Escola Municipal Professor Luiz Maranhão Filho na cidade de Natal/RN?*

No total, foram entrevistados seis monitores do Programa Mais Educação, no período de execução desta pesquisa, sendo quatro mulheres e dois homens, todos numa faixa etária entre 20 e 60 anos de idade. Alguns ainda residem no bairro em que está localizada a escola onde funcionou o Programa Mais Educação. Outros moram em bairros vizinhos à escola, em Natal/RN. Pensando na importância de manter a preservação das suas identidades, os entrevistados foram identificados por Monitor 1, Monitor 2, Monitor 3, Monitor 4, Monitor 5 e Monitor 6.

Com relação à escolaridade, três monitores possuem nível superior, um tem o ensino médio e dois apresentam o ensino fundamental incompleto. Todos iniciaram as suas atividades no programa em 2009 e somente três permaneceram até o final. Os outros foram substituídos no decorrer do programa por alguns motivos, dentre eles a oportunidade para um emprego ou por não morarem próximo à escola, dificultando, assim, a permanência no programa. Para monitorar as oficinas pedagógicas do programa eles recebiam apenas uma ajuda de custo, então não compensava permanecer no programa.

A entrevista com os sujeitos investigados foi orientada pelo seguinte questionamento: *como foi para você, ministrar uma oficina no Programa Mais Educação?* Durante a transcrição das falas, tive o cuidado de garantir as reais impressões dos monitores a respeito do que eles sinalizaram sobre a participação no Programa Mais Educação e sobre a importância do programa para suas vidas. Durante a conversa utilizei um gravador, para melhor análise da fala dos monitores e interpretação das narrativas.

Os monitores participaram da execução das atividades relacionadas ao Programa Mais Educação durante o recorte temporal desta pesquisa. Através das atividades por eles desenvolvidas no decorrer das oficinas pedagógicas dos macrocampos escolhidos pela escola, eles tiveram a oportunidade de vivenciar a importância da troca entre saberes escolares e saberes comunitários. Sobre o trabalho de monitoria, o manual da educação integral explicita que:

O trabalho de monitoria deverá ser desempenhado, preferencialmente, por estudantes universitários de formação específica nas áreas de desenvolvimento das atividades ou pessoas da comunidade com habilidades apropriadas, como, por exemplo, instrutor de judô, mestre de capoeira, contador de histórias, agricultor para horta escolar, etc. Além disso, poderão desempenhar a função de monitoria, de acordo com suas 10 competências, saberes e habilidades, estudantes da EJA e estudantes do ensino médio. Recomenda-se a não utilização de professores da própria escola para atuarem como monitores, quando isso significar ressarcimento de despesas de transporte e alimentação com recursos do FNDE. (BRASIL, 2012, p. 10).

Essa vivência se configurou como de fundamental importância para o reconhecimento do programa como estratégia de política pública na perspectiva da educação integral em tempo integral. As narrativas dos monitores contribuíram para identificar os impactos resultantes da sua participação no Programa Mais Educação e as aprendizagens adquiridas. Durante o recorte temporal desta pesquisa, eles vivenciaram o fazer pedagógico no decorrer das oficinas por eles executadas e na relação que estabeleceram com os alunos e o coordenador pedagógico para a construção e apreensão do conhecimento.

Para a produção dos dados empíricos, além das narrativas dos monitores, utilizei os documentos oficiais que regulamentam o Programa Mais Educação, com destaque para o Plano Nacional de Educação (2014); a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Nº 9.394, de 1996; a Portaria Interministerial Nº 17, de 2007; o Decreto Nº 7.083, de 2010; o Manual Operacional de Educação Integral (BRASIL, 2012) e a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (BRASIL, 1988).

Foram utilizados também os três cadernos elaborados pelo Ministério da Educação (MEC), em 2009, a saber: Gestão Intersetorial no Território (BRASIL, 2009c); Texto referência para o debate Nacional (BRASIL, 2009a); e Rede de Saberes Mais Educação - pressupostos para Projetos Pedagógicos de Educação Integral (BRASIL, 2009b).

Essa política deve visar uma educação que possibilite aberturas para o ser reflexivo, capaz de compreender-se, à medida que compreende os demais, como também de fazer-se sabedor das dinâmicas sociais em que se encontra inserido. Em outras palavras, deve permitir aos sujeitos o reconhecimento e valorização de sua identidade. A esse respeito Josso (2010), considera que:

As constatações que questionam a representação convencional de ‘uma’ identidade, que seria definível num dado momento graças a sua estabilidade conquistada, assim como de uma identidade que se desconstruía pelo jogo dos deslocamentos sociais, pela evolução dos valores de referência e das referências socioculturais, juntam-se à tomada de consciência de que a questão identitária deve ser concebida como processo permanente de identificação/diferenciação de definição de si, através de nossas identidades evolutivas como emergências socioculturais visíveis da existencialidade. E identidades visíveis nos espaços sociais, nos quais as pessoas se deslocam ao longo de uma jornada, de uma semana, de meses e, finalmente, de uma vida. (JOSSO, 2010, p. 26, grifos da autora).

Nesse processo de compreender o Programa Mais Educação como uma estratégia de Política Pública voltada para uma educação integral em tempo integral é necessário atentar para o fato de que o desenvolvimento de uma Política Educacional voltada para atender aos anseios das classes populares deve favorecer os meios necessários para que a educação não seja motivo de angústia para os educandos.

V APRENDENDO COM O PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO

Os monitores, sujeitos com os quais conversei no desenvolver da pesquisa, a fim de discorrer sobre as aprendizagens advindas do Programa Mais Educação, foram impulsionados, mediante uma única pergunta - *como foi para você, ministrar uma oficina no Programa Mais Educação?* - a falar, desabafar e expressar suas opiniões.

Como pesquisadora, minha inquietação era se as contribuições desses sujeitos seriam importantes ao ponto de fazê-las eclodir em meu trabalho. Ao mesmo tempo, me preocupava se realmente as tornaria inteligíveis para que as pessoas pudessem compreender. Meu intuito era de mostrar, por meio dessas falas, que, para a execução de uma estratégia de política pública, como é o caso do Programa Mais Educação, a base deve ser ouvida para que, de fato, sejam compreendidas as necessidades da comunidade, seus anseios, do que precisam as crianças e os jovens daquele lugar no qual a escola está inserida. Através da escuta de suas narrativas, confirmei, então, ser esse um dos objetivos da pesquisa que me propus a fazer.

Lembro-me de uma entrevista realizada na qual, em um determinado momento, a tela do meu celular ficou escura e, ao ver tal situação, o monitor preocupou-se e relatou que, se fosse necessário, passaria a gravação dele para mim, pois ele também estava gravando. Esse ato de solidarizar-se com a pesquisadora, mostrou quão importante foi a participação do referido monitor no programa e o respeito demonstrado por ele durante a entrevista, até mesmo em consideração ao que estava expondo, no momento, acerca do programa, através de suas narrativas. As entrevistas aconteceram nos lugares apontados por eles, no shopping, locais de trabalhos, ateliê de artesanato e nas suas residências.

Após realizar as entrevistas, fiz as transcrições e, à medida que as transcrevia, já buscava identificar as contribuições que o Programa Mais Educação trouxe para a vida dos monitores. Ao ouvir as narrativas, era possível identificar os eixos recorrentes das informações colhidas nas suas falas. Abstraía, então, as contribuições que o Programa Mais Educação trouxera para eles e, ao mesmo tempo, tentava identificar a importância do trabalho desenvolvido pelos monitores para a concretização do programa na escola.

Discorrer sobre esse momento tornou-se árduo algumas vezes, porém gratificante. Árduo pela responsabilidade de organizar a construção dos dados relacionados às narrativas, de buscar o apoio dos teóricos que embasam as discussões nessa área de estudo e por ter que distanciar-me para não interferir nos resultados obtidos. Mas a minha presença também era necessária nesse momento, por ter vivenciado, juntamente com os monitores, as angústias

decorrentes dos desafios enfrentados para a execução do programa. Gratificante porque, através da escuta das narrativas, pude perceber o quanto a oportunidade em participar do Programa Mais Educação foi importante para eles. Em alguns momentos das entrevistas, contavam suas experiências de forma tão natural que a emoção e a gratidão em saber que alguém valorizava o que eles estavam contando fazia com que eu voltasse no tempo e lembrasse de alguns fatos ocorridos no decorrer das oficinas.

Alguns entrevistados se emocionaram ao relatarem as suas experiências em ministrar as oficinas no programa, principalmente quando lembraram que o programa possibilitou mudanças na vida daquelas crianças. Mudanças perceptíveis, tanto no comportamento como no desenvolvimento da aprendizagem. E isso foi muito importante para a escola e para todos que fizeram parte do Programa Mais Educação. A respeito da mudança no comportamento de alguns alunos, um monitor declarou:

Os jovens não têm isso dentro do próprio convívio familiar[...]. Quando eu vou rastrear a questão da família, eu vejo que ele não vem de uma família de base organizada. Então, esse jovem, ele tem que ser repensado, aqui. Reciclar todos os valores dele, aqui, [...] que ele não conseguiu na base familiar. Então, o comportamento geral dele também não pode ser uma coisa impactante, se ele for mal-educado, se ele for malcomportado, porque, se a gente conseguir entrar na base da família, vai perceber que ele não teve a oportunidade de se projetar para a sociedade. (Monitor 01, 05/07/2018).

Na tentativa de compreender as contribuições do programa na vida pessoal e profissional dos monitores e de identificar os valores agregados por eles ao programa e à vida das crianças e adolescentes participantes, partindo de suas experiências de vida e dos saberes comunitários, retomei os estudos já realizados acerca do Programa Mais Educação, focalizando naqueles que discutem essa temática e as narrativas dos monitores.

Para interpretar as narrativas dos sujeitos da pesquisa, transcrita tal e qual foram pronunciadas, elenquei, a partir das suas vozes, os seguintes eixos desencadeadores para a análise: aprendizagem, disciplina e ascensão social. Nesse contexto, busquei fundamentos teóricos nas obras de Freire (1997, 2000 e 2003), Cavaliere (2002), Mool (2012), Silva (2014), Lago e Assis (2016). Vale destacar que palavras como afeto, amor, autoestima, aprendizagem, continuidade na formação, êxito, oportunidade, estavam implícitas também nas vozes dos sujeitos.

Sobre a importância do Programa Mais Educação e a ampliação da jornada escolar, Arroyo *apud* Mool (2012, p. 33), ressalta:

Esses programas coincidem na oferta de mais tempos-espacos de educação para a infância e adolescência populares. Mostram a consciência política de que ao Estado e aos governos cabe o dever de garantir mais tempo de formação, de articular os tempos-espacos de escolarização com outros tempos-espacos de seu viver, de socialização. Programas que ampliam o dever político do Estado e do sistema educacional.

Ao serem questionados sobre como foi ministrar uma oficina no Programa Mais Educação, os monitores externaram muitos sentimentos de satisfação, desabafo, realização de sonho e desafios. A esse respeito, eles responderam:

Foi uma experiência muito boa e de muito aprendizado. Mas, confesso que, no primeiro ano, foi bem desafiador. Porque eu já tinha trabalhado com crianças, por ser recreadora, porém, o Programa Mais Educação atende crianças em risco, crianças de comunidade de bairros pobres que têm uma realidade totalmente diferente da outra parte da sociedade. Crianças com muita dificuldade verbal, de falar, de se comunicar, com ausência da cultura, da educação. E tínhamos alunos muito difícil, alunos com a família totalmente desestruturada, crianças muito violentas, crianças com um palavreado muito violento. [...], mas que a gente via que não era por querer, e sim pela vivência que eles tinham dentro de casa, pela vivência que eles tinham dentro do bairro. Então, eu, particularmente, por viver nesse mesmo bairro, eu procurei é fazer amizades com eles, tentar entender o que acontecia dentro de casa, o que acontecia na vida pessoal deles pra mim poder ajudá-los. (Monitor 5, 07/07/2018).

Foi, pra mim, mais do que um aprendizado, eu acho que eu aprendi mais do que eu ensinei numa turma, porque eu estava recentemente ingressando na rede pública e tinha minhas experiências mais de escolas particulares e a rede pública para mim mais uma experiência riquíssima. Foi muito aprendizado mesmo. (Monitor 6, 05/07/2018).

Bom, pra mim foi um desafio. A partir até do espaço. Que o espaço era um desafio para todos nós. E, mas, assim, com muita perseverança, conseguimos deixar alguma coisas para os alunos e também pra mim, foi um aprendizado muito grande. (Monitor 3, 07/07/2018).

Foi uma experiência excelente. Porque eram novos caminhos que estavam se abrindo e novas oportunidades estavam abrindo pra mim. E aquele momento pra mim foi tudo. Muitos disseram, comentavam que as crianças (risos) iam me botar pra correr no primeiro momento. Mas, pra mim, foi tão bom e a aceitação foi tão ótima que eu depois cheguei até me surpreender. (Monitor 2, 03/07/2018).

Foi muito boa a experiência. O primeiro ano foi ótimo. A gente conquistou os alunos, tinha muitos alunos que era muito rebelde. Era muito trabalhoso no colégio, muito. Tinha uns que era envolvido com certas pessoas erradas, quer

dizer, a gente resgatou, aqueles alunos veio pra gente. Muitos alunos queriam, que muitos alunos passavam necessidade, precisava tá no colégio pra o lanche pra o almoço, que as vezes em casa não tinha, entendeu? Então foi muito acolhedor. O Mais Educação foi muito bom, muito bom mesmo. Eu mesmo gostei de trabalhar no Mais Educação e a experiência também, né, que aprendi muito com erros, com acertos, mas aprendi muito. (Monitor 4, 05/07/2018).

O meu intuito não foi apenas um intuito financeiro, era apenas dar continuidade a um trabalho que já tínhamos na comunidade e quando nós trabalhamos dentro da escola, veio reforçar cada vez mais e mostrar pra outros alunos como para mim mesmo, que a escola é o local do conhecimento. É o caminho da mudança, das futuras gerações, é o que a gente pode está indicando. (Monitor 1, 05/07/2018).

Fica evidente nas narrativas dos monitores, a importância do trabalho realizado pelo Programa Mais Educação em parceria com os saberes da comunidade, dando oportunidade às pessoas que dispõem de um conhecimento de repassá-lo. Nesse caso, os beneficiados foram os alunos, através das atividades desenvolvidas no programa. A respeito da importância do diálogo entre escola e políticas públicas, Moll (2012, p.142), menciona:

Baixar os muros da escola é colocá-la em diálogo com o que está em seu entorno em termos de políticas públicas, equipamentos públicos, atores sociais, saberes e práticas culturais e dinamizar as relações escola/comunidade, comunidade/escola, professores/agentes culturais, agentes culturais/professores, políticas educacionais/políticas sociais, entre outras.

Fica claro, nas narrativas acima, que, para os monitores, ministrar uma oficina no Programa Mais Educação se configurou como uma oportunidade única de aprendizagem e desafios. Ao mesmo tempo em que eles desenvolviam as oficinas, aprendiam com as experiências das crianças e sentiam a necessidade de pensar em estratégias que os ajudassem diante das dificuldades apresentadas, como a questão da rebeldia, relacionada à falta de atenção que muitos não tinham. Isso ocorria porque vinham de famílias desajustadas e, em sua maioria, eram carentes de afetividade e até das necessidades básicas, como a alimentação. Sobre a aprendizagem recíproca um monitor descreveu:

Era muito interessante, porque, quando a gente, [...]eu dizia pra eles que eles tinham que ficar atentos. Esse momento que era o momento de germinação, por exemplo, coentro, o coentro ele tem o período de germinação, cada uma semente daquela tem o período de germinação. Então, quando se plantava coentro eu dizia pra eles: ‘ó, o coentro a gente tem que observar de sete a dez dias pra germinar. Germinação, o que é germinação? O primeiro momento que a primeira folhinha tá saindo da terra, né? É saindo do solo, da superfície da terra.’ Então, a gente via, a gente marcava no caderno, eu pedia a eles que me ajudassem pra que a gente não esquecesse aquele momento, porque era muito

interessante, quando nós voltava que eles via a terra, é a terra rachando, areia sobressaindo e as semente saindo junto com a folha, aí eles ficava maravilhados. Era muito interessante mesmo, esse primeiro momento. (Monitor 2, 03/07/2018).

Lembro-me que, ao realizar a entrevista com uma monitora, pude perceber as lágrimas descendo no seu rosto. Ela falava de um modo peculiar sobre as crianças que participavam da oficina que ela ministrava e sobre o que de fato tinha chamado a sua atenção. Na ocasião, citou a mudança de comportamento de alguns alunos. Ao assumir a oficina, ela sentiu um impacto muito grande ao perceber que os alunos não tinham tanto interesse em participar e realizar as atividades propostas. Porém, como ela os conhecia, por morar na mesma comunidade, isso a ajudou bastante. Os alunos passaram a confiar também no seu trabalho por a conhecerem e por saberem que ela compreendia a realidade de cada um e estava disposta a ajudá-los.

Fica evidente, na fala dos monitores, que algumas crianças agiam de forma violenta por não terem acesso a outros tipos de cultura e a um bom relacionamento familiar. Sobre a diferença de classes, Souza (2009, p. 18 - 19), aponta-nos que:

Nessa visão distorcida do mundo, o marginalizado social é percebido como se fosse alguém com as mesmas capacidades e disposições de comportamento do indivíduo da classe média. Por conta disso, o miserável e sua miséria são sempre percebidos como contingentes e fortuitos, um mero acaso do destino, sendo a sua situação de absoluta privação facilmente reversível, bastando para isso uma ajuda passageira e tópica do Estado para que ele possa ‘andar com as próprias pernas’. Essa é a lógica, por exemplo, de todas as políticas assistenciais entre nós. É esse mesmo raciocínio economicista, que abstrai sistematicamente os indivíduos de seu contexto social, que também transforma a escola, pensada abstratamente e fora de seu contexto, em remédio para todos os males de nossa desigualdade. Na realidade, a escola, pensada isoladamente e em abstrato, vai apenas legitimar, com o ‘carimbo do Estado’ e anuência de toda a sociedade, todo o processo social opaco de produção de indivíduos ‘nascidos para o sucesso’, de um lado, e dos indivíduos ‘nascidos para o fracasso’, de outro. (Grifos do autor).

Outro fator importante e evidente na concepção dos monitores diz respeito ao acolhimento das crianças mediante a participação no Programa Mais Educação, pois tinham, de certa forma, a atenção e o cuidado dos monitores para desenvolver as atividades relacionadas a cada oficina e para lhes ajudar com relação ao fator emocional.

É possível ver também, nesse momento, a importância das oficinas pedagógicas para essas crianças, por se tratar de um conhecimento diferenciado e por se tratar de uma oportunidade que não tinham anteriormente, a oportunidade de continuarem na escola, desenvolvendo outras atividades no contraturno de estudos.

Durante a execução das oficinas, era notório que os alunos iam desenvolvendo as suas aptidões. Estas, por sua vez, eram identificadas pelos monitores e, com isso, incentivava-se ainda mais a participação dos alunos em todas as oficinas. É possível perceber, na narrativa de um monitor, a importância de se descobrir as habilidades das crianças.

Procurar ver isso a gente tem visto, porque já descobri talentos da música dentro da própria capoeira. Uma menina que tem uma boa dicção de voz, canta bem, então se identifica até pra musicalidade, independente que ela venha a ser profissional da música ou não. Mas ela sentiu que foi dentro da escola, seja em qualquer modalidade, se foi na capoeira, se foi em outra modalidade, que alguém descobriu esse talento nela, que ela passou a ter respeito, ter um valor que, antes, a família e outras pessoas talvez nem tinha descoberto, nem sabia que ela tinha esse valor vocal. Muitas vezes, a mãe nem sabe que o aluno faz um salto e que esse salto mortal da acrobacia empolga pessoas. Era um valor que ela tinha dentro da casa dela e nem a mãe sabia. É onde a gente começa a envolver família e trazer a família para fazer parte do processo, porque são os pilares da educação a escola, a família e a atividade. (Monitor 1, 05/07/2018).

Às vezes, antes de iniciar uma oficina ou até mesmo do decorrer da atividade, os monitores conversavam com os alunos, quando sentiam que algo os afligia. Os alunos confiavam nos monitores, sentiam-se acolhidos, por isso podiam falar, na certeza de que seriam ouvidos. Expressavam, então, naquele momento, as suas angústias e isso os ajudava a continuar frequentando as oficinas e, posteriormente, a desenvolver suas atividades nas salas de aula, em seus turnos de estudo.

À medida que conversavam com os monitores, os alunos iam compreendendo o que os aprisionava, tentando estabelecer outras formas de conviver com seus medos e os desafios que eles enfrentavam, na tentativa de se libertarem e de seguirem um caminho que os conduziria à realização de seus objetivos. A esse respeito, declarou um monitor:

E me recordo muito bem que, quando eu cheguei na escola, pra entrar no projeto, a gente tinha muitos problemas com meninas e meninos que tavam na época da adolescência, da puberdade, época que queriam namorar que queriam expor o corpo. As danças que as meninas queriam fazer eram danças sensuais, era fank, era quadradinho, era toda essa situação. E o Mais Educação, ele foi implantado dentro das escolas justamente para a gente tentar reverter toda essa situação que existe, hoje, dentro das escolas. As crianças viam a vida por um lado totalmente torto, e foi muito difícil convencer meninas de onze, doze, treze anos a melhorarem a forma de se vestir, a se valorizarem como mulher, a enxergarem que os meninos e elas, entre si próprias, tinham que se preservar, se guardar e ter que convencer elas, porque, na comunidade em que elas moravam, na rua aonde elas conviviam, era muito comum a menina de doze anos grávida, uma menina de doze anos com a vida sexual ativa. Então, elas queriam explorar muito cedo a sensualidade. (Monitor 5, 07/07/2018).

Destaco aqui a importância do trabalho exercido pelos monitores em trabalhar com as crianças, temáticas que despertassem nelas a necessidade de uma mudança de comportamento, mesmo que fosse essa uma tarefa difícil. Algumas crianças apresentavam, inicialmente, uma postura desafiadora e o monitor precisava estar atento a essa forma que os alunos apresentavam, expressando o que sentiam, para poder pensar em estratégias que contribuíssem para a transformação.

Nesse caso, a luta dos monitores era para os alunos deixassem de lado a agressividade para se tornarem mais participativos, acatando as regras necessárias para um bom convívio social. Como estratégia para alcançar êxito nessa missão, um dos monitores, que conhecia os alunos, porque morava no próprio bairro, iniciava a oficina pedagógica sempre com um diálogo. Nessa perspectiva, ele disse que:

Ah, deu pra perceber muitos relatos importantes na vida daquelas crianças que participaram do Mais Educação, que eu conheci, é, morando em periferia, como a gente sabe, com muitas dificuldades, sem ter lazer, sem ter oportunidade, nada, só o estudo mesmo, que é o que os pais as vezes pode oferecer, mais com muita dificuldade de aprendizado, porque eles estavam acostumados a ver um outro mundo. Então, eu na minha oficina, teve muitas, teve duas ou três crianças que eu tinha que conversar com eles separados, tinha que conversar com eles porque eu conhecia eles. (Monitor 2, 03/07/2018).

Esse caso demonstra que a afetividade se caracteriza como de fundamental importância na prática de sala de aula. Entretanto, muitas vezes o professor considera que ser alegre e ter afeto em sua prática pedagógica confunde-se com a falta de rigorosidade e/ou que o professor não tem domínio de sala de aula. Mas se faz necessária essa escuta do outro para poder compreendê-lo dentro de suas singularidades. Não raro, o aluno traz consigo marcas de insatisfações e uma palavra amorosa do professor e uma escuta sensível o faz mudar de comportamento.

Nessa perspectiva, Freire (2007, p.141), ao falar sobre os saberes necessários à prática educativa destaca que:

E o que dizer, mas sobretudo que esperar de mim, se, como professor, não me acho tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, à coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo ao querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade.

Para ministrar as oficinas do Programa Mais Educação só era exigido dos monitores que pertencessem à comunidade e que tivessem experiências com a atividade a que se propunha realizar, como o agricultor, para a oficina de Horta Escolar, e o instrutor de judô e capoeira, para as respectivas oficinas. A única exceção era o monitor de Letramento, que deveria ter formação em nível superior ou estar em formação.

Com relação à formação para ministrar as oficinas do Programa Mais Educação, a fala de um monitor chama atenção, pois ele reconhece que o Programa Mais Educação deveria ter critérios mais elaborados para a escolha dos monitores. Admitiu, por exemplo, que a pessoa interessada em participar do programa deveria apresentar um currículo para que a equipe responsável pelo programa na escola pudesse avaliar. E completou:

Mas que profissional, onde o programa aceita qualquer pessoa que desenvolve uma habilidade. Pronto. No caso da capoeira, qualquer jovem que tenha habilidade com capoeira poderia ser um monitor do programa [...]. O monitor ele tem que ter uma habilidade onde ele tem que saber transformar a parte técnica que ele tem em educação. O que é uma roda de capoeira, quais são os valores de uma roda de capoeira, o que eu preciso pra fazer uma roda de capoeira, por que tem que ter um berimbau, dois berimbais, três berimbais o pandeiro, o atabaque, né? A origem desses instrumentos, por que eles têm que tocar, por que tem que ter música, por que tem que bater palma, por que eu tenho que respeitar o som berimbau? (Monitor 1, 07/07/2018).

Ainda sobre a importância da necessidade da formação, o monitor reconhece que é fundamental que também tenha a formação necessária para exercitar a oficina. E acrescenta que, mesmo não tendo a formação acadêmica na área a que se propôs para ministrar a oficina, sentiu, a partir das vivências com o programa, o desejo de continuar sua carreira estudantil. Segundo o monitor, ele tinha a prática, os saberes comunitários, mas sentia falta de um conhecimento mais sistematizado para organizar melhor a sua oficina, até mesmo de planejar o passo a passo das atividades a serem desenvolvidas no programa. E relatou:

Então, eu acho que é assim a questão do próprio Mais Educação. Ele me incentivou mais, me provocou mais nesse sentido, pra eu chegar a buscar nível superior, entendeu? Porque, é, muitas vezes, quando você me pedia o relatório, quando você me pedia o plano de aula, aí eu já tinha mais ou menos uma ideia, porque eu tentava fazer de maneira que eu aprendi na garra. Aí, dentro da questão acadêmica, eu fui aprendendo de maneira organizada, passo a passo, como se faz, como se vê, o porquê e tal e tal. Então, eu acho que é importante buscar conhecimentos, agregar valores aos seus conhecimentos. Seja de nível superior, seja de outras disciplinas, é favorável, é muito bom. (Monitor 1, 07/07/2018).

Para a implementação do Programa Mais Educação nas escolas, as instituições tinham que atender a alguns critérios, como localizarem-se em área de risco e vulnerabilidade social, assim como apresentarem o IBEB baixo. A escola em questão, além de apresentar todos esses critérios, ainda não dispunha de um espaço adequado para a realização das oficinas. Portanto, teve que contar com a parceria de outra escola próximo, que cedeu algumas de suas salas ociosas no horário das oficinas. Essa situação dificultou o desenvolvimento das atividades, tendo que, muitas vezes, improvisar um espaço e/ou adequar um espaço que surgisse na ocasião. Sobre o espaço disponibilizado para a realização das oficinas, os monitores afirmaram:

A gente não tinha um espaço, então a gente ficava indo de sala em sala. Quando não tinha aula, porventura algum professor da escola faltava, não tinha aquela aula. A gente ia ensaiar naquela aula, não tinha uma estrutura, mas a gente fazia o que podia. (Monitor 5, 07/07/2018).

É, como a gente sabe, assim, em relação ao espaço, a relação do espaço na sala de aula era uma divisória de uma sala em duas, onde era dividido. Então, o espaço era um pouquinho restrito, mais que não impedia tanto. É claro que tem a questão dos trabalhos em grupo, a questão do espaço para o aluno. Ficava tudo muito junto. Às vezes, até para você ajudar individualmente o aluno, é... comprometia, porque o outro estava muito perto. E, às vezes, o aluno, quando ele tem uma dificuldade maior, ele fica inibido quando está diante do outro. Quando ele está mais afastadinho, só com o professor, ele se solta mais. (Monitor 6, 05/07/2018).

Além da falta de espaço, alguns professores da escola também expressaram insatisfação com o programa, porque, de certa forma, eram pessoas simples da comunidade e, em muitas ocasiões, por possuírem um dialeto próprio (havia monitores que possuía apenas o ensino fundamental incompleto) não tinham um linguajar aceitável pelas pessoas, em se tratando de um ambiente escolar.

Mesmo sabendo que era aceitável pelo programa alguns monitores sem escolarização específica para desenvolver algumas oficinas, nota-se a ausência de visibilidade dos monitores que não dispunham de uma formação acadêmica. Estes não tinham muito a credibilidade de alguns professores, pelo contrário, eram tratados com um certo preconceito e, em algumas situações, eram tratados com desdém. Nessa perspectiva, relatou um monitor:

Mas eles tinham um olhar muito distorcido pra o Mais Educação. A credibilidade era muito pouca. Acho que isso devia-se... acredito que à falta de confiança nos programas. Assim, muitos colegas veem os programas como apenas uma forma de o aluno estar dentro da sala de aula, ou como uma forma de vir mais recursos pra escola. Mas, na minha visão, também como

professora de turmas, não vejo assim, sabe. Vejo os programas com grandes benefícios. É só saber desempenhar, é só saber trabalhar, vai depender muito da equipe que está coordenando esses programas. (Monitor 6, 05/07/2018).

Ainda sobre esse olhar diferenciado dos professores da escola para com os monitores, vale destacar que os saberes comunitários de cada um eram menosprezados, em virtude de eles não terem uma formação em nível superior. Sobre esse mal-estar causado entre monitores e alguns professores da escola, afirmou um monitor:

Uma vez, eu fazendo um trabalho para uma turma de alunos concentrados numa sala, e eu fui obrigada a sair para ceder a sala para outro professor, porque o outro professor era formado. Eu terminei o trabalho pela metade [...]. O professor bate na porta, invadindo a porta já com uma frota de alunos já entrando. Quer dizer, a gente não tinha espaço, tinha que trabalhar satisfeita e não podia falar nada, porque sempre o Mais Educação não tinha vez. (Monitor 4, 05/07/2018).

Percebe-se, na narrativa do monitor acima, que alguns professores e funcionários da escola resistiam ao Programa Mais Educação, chegando até a ofender os monitores verbalmente e/ou através de gestos. Isso devia-se ao fato de os monitores não terem uma formação adequada para desenvolverem as oficinas, principalmente os monitores que desenvolviam as oficinas que não necessitavam ter formação acadêmica. Entretanto, na escola não havia professor com formação acadêmica que soubesse manusear a horta escolar ou que tivesse a experiência com a capoeira, por exemplo. Daí a importância de se valorizar os saberes advindos da comunidade.

Vale destacar que a equipe administrativa da escola abraçou o Programa Mais Educação e, mesmo diante de todas as dificuldades enfrentadas, valorizava e respeitava o trabalho desenvolvido nas oficinas pedagógicas dos monitores, assim como, enaltecia o engajamento e a participação de todos nas atividades desenvolvidas na escola. Desse modo, havia um trabalho de conscientização dos professores e funcionários da escola a respeito da importância do programa e dos monitores, porém a mudança de postura ocorria de forma muito lenta. Essa situação nos reporta para Freire (2007, p.92), quando diz:

A arrogância farisaica, malvada, com que julga os outros e a indulgência macia com que se julga ou com que julga os seus. A arrogância que nega a generosidade nega também a humildade, que não é virtude dos que ofendem nem tampouco dos que se regozijam com sua humilhação. O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico.

A respeito da valorização e respeito ao trabalho dos monitores, Assis e Lago (2016, p.131) mencionam:

Encontramos também, na literatura e nos documentos do PME, uma certa invisibilidade do sujeito monitor/educador social. Dele muito pouco se fala, principalmente se o tomarmos como o agente executor das atividades de um programa tão amplo e ambicioso. Logo, as políticas públicas, em especial o Programa Mais Educação, precisam melhor elucidar quem é esse sujeito, o que ele sabe e como faz o que sabe, e atentar para ele e sua prática.

De acordo com os autores, é preciso reconhecer o trabalho desenvolvido pelos monitores, seus saberes e vivências dentro da comunidade. É importante atentar para o que eles desenvolvem, quais os seus anseios, de que forma eles contribuem para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças.

Assim, para esta pesquisa, elenquei como objetivos específicos: identificar os impactos resultantes da participação dos monitores no Programa Mais Educação; socializar as aprendizagens que o programa trouxe para os monitores; conhecer que saberes os monitores trazem consigo e o que esses saberes agregaram ao Programa Mais Educação. Nesse sentido, trago as contribuições advindas do trabalho realizado pelo monitor de capoeira:

O professor de capoeira é aquele que apenas ensina a parte técnica, mesmo que, muitas vezes, a gente cobra pra isso. Tá pagando pra aprender a gingar, fazer um movimento, um chute, fazer uma defesa, fazer um ataque, esse é o professor. O professor ele tá ensinando ali. Já o educador a preocupação maior não é nem tanto a parte técnica, é a vivência, é a convivência, a permanência do aluno e a transformação do aluno, na questão social. Como a gente tem experiências aqui do nosso trabalho com a capoeira de perceber o comportamento de um aluno. (Monitor 1, 2018).

Outra situação que incomodava os professores no turno regular de aulas era a ausência de um espaço adequado para a realização das oficinas do programa, sendo necessário usar o espaço que se encontrasse na escola. A oficina de capoeira, por exemplo, algumas vezes acontecia no pátio da escola, no morro próximo ou no espaço da Escola Cordão de Ouro de Cidade Nova. Essa situação, muitas vezes, entristecia os monitores.

No caso da capoeira, devido à dinâmica utilizada na oficina, como a roda acompanhada de palmas e de instrumentos musicais, tinha barulho. Isso é natural, pois havia um número considerado de alunos e era inevitável que, numa atividade como a capoeira, as crianças não pudessem expressar a emoção e acompanhar as etapas típicas de uma roda de capoeira.

Destaca-se que a oficina de Capoeira era uma atividade muito importante na vida estudantil e pessoal daquelas crianças, pois não dispunham de outra oportunidade na comunidade e/ou fora dela para essa atividade, porque suas famílias não tinham condições financeiras de oferecê-la para elas. Ao participarem, então, do Programa Mais Educação, elas podiam aprender um novo conhecimento.

Em se tratando da capoeira, aprendiam o contexto histórico dessa dança atividade, aprendiam as regras de um jogo de capoeira e, além disso, compreendiam como um incentivo à prática de um jogo que, na verdade, a partir das temáticas trabalhadas pelo monitor na oficina, as incentivava a tornarem-se pessoas melhores.

Durante as oficinas eram trabalhados temas que despertavam nas crianças a valorização do ser em desenvolvimento, como os valores humanos. Essa temática era de grande importância para as crianças, pois viviam em uma comunidade carente dessas informações e presenciavam, no dia a dia, muitas cenas de descumprimento desses valores.

A respeito do trabalho enfocando essas temáticas, o Manual de Operação do Programa Mais Educação (2012, p.17) aponta, nas ementas das atividades do Macrocampo Cultura, Artes e Educação Patrimonial, como necessidade:

Incentivo à prática da Capoeira como motivação para desenvolvimento cultural, social, intelectual, afetivo e emocional de crianças e adolescentes, enfatizando os seus aspectos culturais, físicos, éticos, estéticos e sociais, a origem e evolução da Capoeira, seu histórico, fundamentos, rituais, músicas, cânticos, instrumentos, jogo, roda e seus mestres.

Os monitores de fato se preocupavam com a situação de desconforto que era gerado pela falta de espaço físico para o desenvolvimento das oficinas, pois isso fazia com que fossem tratados, por alguns professores, como culpados pelo barulho que se instalava na escola durante as aulas no turno regular de ensino. Mas, conforme o próprio Manual do programa, no trecho acima transcrito, para a atividade de capoeira era necessário o uso de músicas e instrumentos.

Na roda de capoeira, os alunos não aprendiam apenas a técnica dos passos e o gingado, eles vivenciavam aquele momento com muita emoção. A expressividade do que sentiam vinha através das palmas, dos gritos, do gingado e a partir das temáticas que envolviam a cidadania.

A oficina de dança acontecia em qualquer sala de aula que estivesse ociosa na escola, ou na sala de vídeo. Como o horário era corrido, após o descanso do almoço já começávamos as oficinas e, por isso, dava certo. Esse momento era o intervalo de tempo entre os turnos matutino e vespertino da escola. Era justamente na improvisação desses espaços que o monitor

desenvolvia suas atividades. Através de uma metodologia baseada na conversa, fazia com que os alunos adquirissem o gosto por participar da oficina e era nesse momento, também, que discutiam sobre a importância da cultura e do conhecimento na vida deles.

Eles terem mudado a percepção de que aquilo ali realmente é o que valia. Eles estarem sendo elogiados, aplaudidos por terem feito algo bom, por terem expressado no seu corpo, a história do seu país, a história da sua cidade e eu aprendi muito com cada um deles. Por mais que fossem crianças, mas cada um deles trazia uma história muito difícil, uma história de vida complicada. E eu até me emociono de falar de alguns (choro) que a qual eu chegava e perguntava, fulano porque que você é tão violento? Ah, porque na minha casa meu pai bate na minha mãe, porque na minha casa a minha irmã faz programa, porque o meu irmão se matou porque tinha uma dívida com drogas. Então assim, era tudo muito difícil. (Monitor 5, 07/07/2018).

É possível perceber algo em comum na fala dos monitores, quando se referem à falta de espaço na escola para o desenvolvimento das respectivas oficinas. Com relação à ausência de infraestrutura adequada para o funcionamento das oficinas, um monitor declarou:

Ah, mulher, no início foi difícil, porque o colégio era uma sala, era muito apertado, era muito abafado. A sala não tinha ar condicionado, não tinha ventilador. A gente começou indo pro Emília, o colégio ao lado. Levava os alunos de uma sala pra outra, levava os materiais tudo pra lá. E, lá, a gente não tinha muito sossego, porque os outros alunos passava, mexia, tirava a concentração dos alunos, entendeu? Foi muito difícil, foi muito difícil mesmo. Só ficou quem tinha muita paciência, porque era muito difícil trabalhar assim o espaço. A questão toda não era o Mais Educação, era o espaço que a gente não tinha pra trabalhar. (Monitor 4, 05/07/2018).

Mesmo diante de todos os desafios enfrentados por todos que faziam parte do Programa Mais Educação, é possível evidenciar a contribuição que o programa trouxe para os monitores, tanto na vida pessoal como na vida profissional. Sob esse aspecto, alguns afirmaram:

O programa, ele me ajudou no sentido, justamente assim, porque quando eu entrei no programa eu não tinha formação em Pedagogia. E aí, eu percebi que eu me perdia em alguns pontos, assim da parte pedagógica. Aí eu senti que eu tinha que fazer, independente de qualquer outro curso, de educação física ou algum outro curso, eu tinha que fazer logo pedagogia, que era pedagogia da organização, pra mim poder me organizar. Saber elaborar um plano de aula, saber fazer um relatório [...]. Me incentivou mais, me provocou mais no sentido pra mim chegar a buscar nível superior, entendeu? [...]. Então, eu acho que é importante buscar conhecimentos, agregar valores aos seus conhecimentos, seja de nível superior, seja de outras disciplinas, é favorável, é muito bom. (Monitor 1, 05/07/2018).

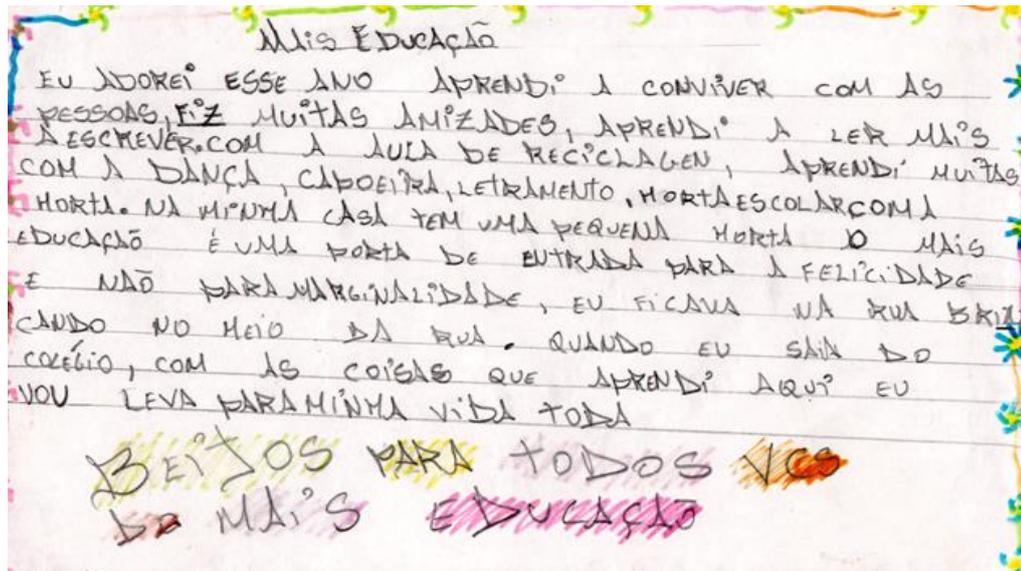
Do Mais Educação eu levo o amor, eu levo a transformação, a evolução. Eu aprendi a amar mais aquelas crianças. Pois muitas pessoas, elas querem entrar por uma necessidade, por dinheiro, por pouco que seja o dinheiro, mas muitas vezes só pela necessidade e pelo menos a equipe onde eu participei. É lógico que o valor era necessário, porque a gente precisava, porém, o que eu levo hoje, aquele dinheiro acaba, mas o carinho daquelas crianças, é vê-los crescerem, é vê-los mudarem, se transformarem, evoluírem, isso pra mim não tem preço. (Monitor 5, 07/07/2018).

Ah, as lembranças são muitas né, sinto saudade. Ainda participo de uma escola particular, aonde eu dou aula uma vez por semana, é uma vez por semana lá. Também o mesmo projeto de horta. É trabalho hoje como porteiro numa escola, aonde lá eu também participei como monitor. A diretora me convidou pra trabalhar como porteiro e mantenho também a horta lá ainda viva, apesar do Mais Educação agora é o novo Mais Educação, não tem mais o meio ambiente. Mas eu pedi autorização a direção na escola a qual eu trabalho hoje pra manter ela viva, pelo fato de como cresce muito mato na horta e quem limpa sempre é os porteiros, os vigia, aí eu pedi autorização a ela pra manter ela viva. E sinto muita saudade, (emoção) e muita falta realmente, porque se vocês fizerem uma pesquisa hoje, eu acredito nas escolas aonde teve o Mais Educação e o meio ambiente passou e teve resultado. (Monitor 2, 03/07/2018).

Tomando como referência a narrativa da monitora 5, é possível compreender que para assumir o compromisso em trabalhar no Programa Mais Educação, voltado para crianças carentes, que moram em lugares localizados em zonas de vulnerabilidade social e que, muitas vezes, não aceitam o cumprimento de regras como forma de organização social, é, antes de tudo, assumir um compromisso consigo mesmo, é gostar de gente, é pensar no outro e no que ele tem a aprender, compreendendo-o em sua totalidade. Como afirma Freire (2003, p.80) “ Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo”.

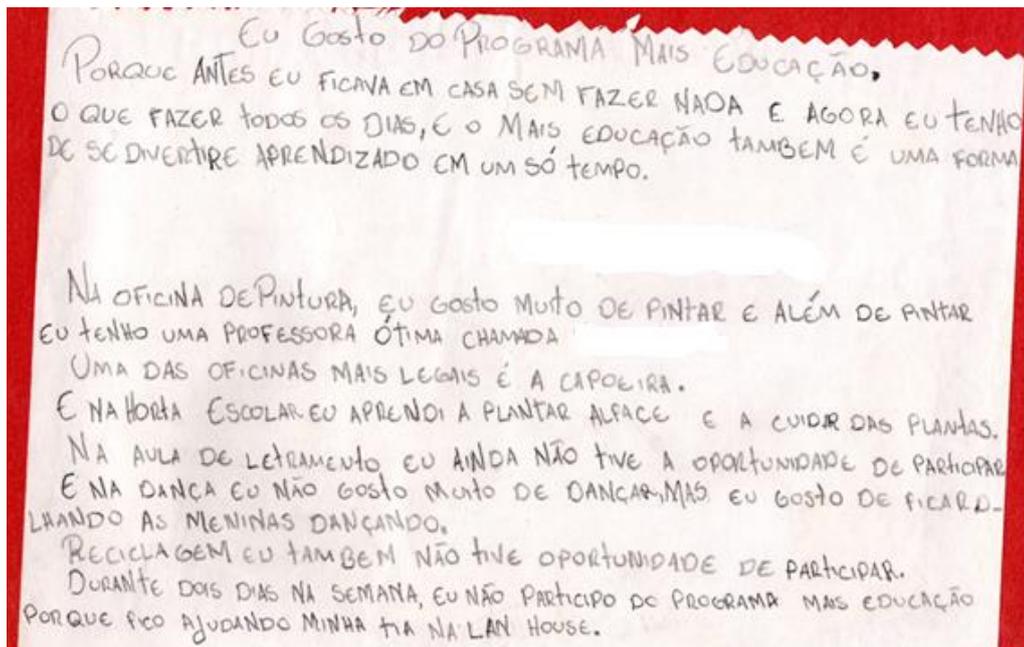
No dia a dia, durante a realização das oficinas, o diálogo se fazia presente entre os monitores e a coordenação do programa, pois havia a preocupação em desenvolver as atividades e, ao mesmo tempo, identificar os desafios apresentados, tentando resolvê-los. Não era tarefa fácil, pois algumas crianças vinham para as oficinas e, muitas vezes, não tinham se alimentado. Outras vezes eles faltavam às oficinas porque precisavam ficar em casa, com seus irmãos menores, para ajudarem seus familiares nos afazeres domésticos e/ou em ambientes comerciais. Procurávamos resolver essas situações para que as crianças tivessem a oportunidade de participar do programa com a certeza de que isso traria algum retorno para suas vidas. A seguir, apresento dois textos produzidos por duas crianças sobre a participação no Programa Mais Educação e o que representou o programa na vida delas.

Figura 11 - Produção de texto na oficina de Letramento



Fonte: Arquivo pessoal da autora (Natal/RN, 2012).

Figura 12 - Produção de texto na oficina de Letramento



Fonte: Arquivo pessoal da autora (Natal/RN, 2012).

Esses textos foram produzidos durante a oficina de Letramento, em uma avaliação do programa. Era comum no final de cada ano letivo os alunos, juntamente com a equipe, realizarem uma avaliação das atividades realizadas no decorrer do ano, apontando os avanços e os desafios desencadeados na execução das oficinas pedagógicas e do programa em si. Com

base nesse material a coordenação do programa juntamente com os monitores pensavam em estratégias que pudessem reorientar o trabalho realizado, caso fosse necessário.

De acordo com as anotações expressas na figura 12, o aluno gostava muito de participar do Programa Mais Educação, mas faltava duas vezes na semana, por necessitar ajudar a sua tia numa *lan house*. Como as oficinas que coincidiam com um dos dias em que ele faltava eram desenvolvidas três vezes por semana, ela participava das atividades dessas oficinas nos outros dias.

A mim, coordenadora do programa, além do compromisso com as crianças, cabia promover também o acolhimento dos monitores, tendo a responsabilidade de planejar com eles e de pensar em estratégias que estimulassem as crianças no decorrer das oficinas, contribuindo com uma aula dinâmica e que despertasse nos alunos a vontade de aprender e interagir com os demais. Quinzenalmente, os monitores e a coordenação do programa na escola se encontravam para planejar as atividades a serem realizadas nas oficinas. Na ocasião, fazíamos uma leitura de um texto reflexivo, tentando abstrair um conhecimento novo e que pudesse ser aplicado na realização das oficinas e nas dinâmicas do cotidiano escolar e na vida pessoal de cada um.

Em um dos encontros para planejamento com os monitores analisamos o texto “Educador, educa-dor, educa a dor? ”, da escritora Madalena Freire²¹, transcrito a seguir. O texto traz uma reflexão acerca das várias maneiras de se tornar um educador. Após a leitura com os monitores, foi realizada uma reflexão sobre o nosso compromisso em despertar no outro o desejo de aprender e de criar, de imaginar e de sonhar, como retrata a autora em seu texto. A partir dessas reflexões, os monitores destacaram que realmente era preciso coragem para assumir o compromisso de se trabalhar em prol do desenvolvimento da aprendizagem das crianças, de vê-las realizando seus sonhos e vencendo seus medos. Eles relacionaram essas ideias às oportunidades que o Programa Mais Educação estava oferecendo aos alunos e também aos próprios monitores. A partir dessas reflexões eles adquiriam novos conhecimentos que, além de serem utilizados em suas respectivas oficinas, eram levados para a vida diária deles.

²¹ De acordo com informações obtidas no Portal Educação, Madalena Freire é filha de Paulo Freire e, também seguidora, discípula de seus ensinamentos e protetora de seu legado. É professora primária, arte-educadora e pedagoga. Dedicou-se, desde 1981, à formação de educadores com grupos de reflexão e estudo. Foi fundadora do Espaço Pedagógico em São Paulo e prestou assessoria a instituições públicas e particulares em todo o território nacional. Atualmente, é coordenadora do curso de formação de professores de educação infantil - Instituto Superior de Educação Pró-Saber (ISEPS), no Rio de Janeiro. É autora de vários artigos e publicações e dos livros *A Paixão de Conhecer o Mundo* (1983) e *Educador* (2008). Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/a-perspectiva-demadalena-freire/32639>>. Acesso em: 08. Set. 2018.

Educador, educa-dor, educa a dor?

(Madalena Freire, 2008)

Estar vivo é estar em conflito permanentemente,
 Produzindo dúvidas, certezas sempre questionáveis.
 Estar vivo é assumir a educação do sonho no cotidiano.
 Para permanecer vivo, educando a paixão, os desejos de vida e de morte, é preciso educar o medo e a coragem.
 Medo e coragem em ousar.
 Medo e coragem em assumir a solidão de ser diferente.
 Medo e coragem em romper com o velho.
 Medo e coragem em construir o novo.
 Medo e coragem em assumir a educação desse drama, cujos personagens são nossos desejos de vida e de morte.
 Educar a paixão (de morte e vida) é lidar com esses dois ingredientes, cotidianamente, através da nossa capacidade, força vital (que todo ser humano possui, uns mais, outros menos, em outros anestesiada) de DESEJAR, SONHAR. IMAGINAR e CRIAR.
 Somos sujeitos porque desejamos, sonhamos, imaginamos e criamos; na busca permanente da alegria, da esperança, do fortalecimento da liberdade, de uma sociedade mais justa, da felicidade a que todos temos direito.
 Este é o drama de permanecer VIVO...
 aprendendo, ensinando,
 construindo conhecimento,
 fazendo educação?

A respeito da realização de seus sonhos e da elevação da sua autoestima mediante a participação no Programa Mais Educação, eles afirmaram:

Hum... na questão pessoal foi a autoestima. Eu me senti assim, é... capacitada. Me senti realmente professora, quando eu consegui todos esses avanços. E na profissional nem se fala. Foi num período que eu fiz concurso, passei. Isso me ajudou muito porque eu também estudava pra que eu pudesse desempenhar uma boa aula e esses estudos me ajudaram bastante. Onde eu tive aprovação em concursos, em processo seletivo e iniciei outra faculdade. Foi tudo assim, só me trouxe coisas boas. (Risos). (Monitor 6, 05/07/2018).

Eu sinto muita falta do Mais Educação. (Emoção). Gostaria muito que ele voltasse e que eu tivesse oportunidade de novo. E hoje seria bem melhor, com a experiência que tenho hoje. (Monitor 2, 03/07/2018).

É importante destacar, portanto, a partir narrativa acima, a conquista de avanços na vida profissional da monitora, pois, ao estudar para ministrar a oficina no Programa Mais Educação, adquiria novos conhecimentos, contribuindo para a sua aprendizagem. Cita, na ocasião, a aprovação em concurso.

Vale salientar que os monitores recebiam formação através de encontros presenciais ofertados pelo setor de Educação Integral da equipe da Secretaria Municipal de Educação de Natal - SETI. As temáticas desenvolvidas na capacitação atendiam aos objetivos propostos no Manual Operacional de Educação Integral (2012), para cada macrocampo e suas respectivas oficinas. Sobre as formações oferecidas pela equipe do SETI, Silva (2014, p. 92), afirma:

Entendemos que o processo de formação do professor engloba a articulação entre o seu conhecimento teórico-prático, fazendo-o desenvolver habilidades para saber lidar com as diferentes situações que surgem na atuação da prática docente. Portanto, a formação oferecida pelo SETI objetivava focar na condução do processo ensino e aprendizagem, possibilitando aos professores comunitários e aos monitores o repensar de sua prática docente, o seu preparo profissional e o seu papel diante dos desafios.

Outros monitores, assim se pronunciaram a respeito de sua participação no Programa Mais Educação e dos desafios enfrentados para a execução de sua oficina:

Foi um aprendizado e um desafio. Mas, assim, é através dos desafios que a gente consegue, assim, crescer na vida. Quando a gente coloca Deus em primeiro lugar, as dificuldades vêm, mas a gente tem outro olhar de conseguir vencer os desafios. (Monitor 3, 07/07/2018).

Mas a partir do “Mais”, comecei a me interessar pelos livros, pelos cursos, aí teve uma dinâmica muito boa na minha vida, porque mudou tudo também, lapidou também. O Mais Educação foi um dos motivos que hoje eu tenho orgulho de dizer que eu participei do Mais Educação, porque ele foi pra mim uma formação muito boa, que eu já tinha mais não sabia usar certo. Aí comecei a me lapidar também, junto com a equipe técnica do Mais Educação, os coordenadores. Muito bom. Quando a gente tinha qualquer dúvida, a gente procurava eles e era tirado [as dúvidas]. (Monitor 2, 03/07/2018).

De acordo com a narrativa do monitor 2, fica evidente a valorização que ele sentiu ao ter a oportunidade de participar do Programa Mais Educação. Ele relata que já realizava algumas atividades na escola, morava na comunidade e detinha um saber comunitário indispensável à execução de sua oficina, entretanto, comenta que, com o programa, começou a se lapidar. Deixa claro a disciplina que obteve em organizar melhor as suas atividades para o desenvolvimento da oficina. Em sua narrativa completa (ver anexos), o referido monitor ainda acentuou que aprendeu a lidar melhor com os seus filhos, a partir da convivência que ia tendo com os alunos no programa. Com as orientações e as dinâmicas realizadas nas formações e planejamentos na escola, ele foi aprendendo a ser uma pessoa mais amorosa e a compreender melhor o outro.

Na narrativa de outros monitores, é possível identificar o quanto a participação no Programa Mais Educação foi importante, quando assim dizem:

Na minha vida foi ótimo. Porque eu aprendi coisa que eu não sabia, entendeu? Nas formações, no jeito de hoje eu pensar, como antes eu não pensava. Quer dizer o Mais Educação é um projeto que o governo que criou e não podia se acabar, não. É uma chance para muitos alunos. Eu gosto do Mais Educação. (Monitor 4, 05/07/2018).

E assim, a partir do momento que você respeita a opinião do outro, você se coloca no lugar do outro, você tem uma visão melhor da vida e não quer que as coisas sejam do seu jeito. Porque isso a pessoa sofre e não consegue nunca ser feliz (risos). E pra mim o menos é mais, eu preciso de pouco pra ser feliz. (Monitor 3, 07/07/2018).

A fala acima deixa clara a oportunidade que o monitor teve de adquirir novos conhecimentos através das formações oferecidas. Além disso, passou a ter uma postura diferente relacionada à disciplina, de seguir as orientações estabelecidas pela coordenação para um bom convívio social e para ministrar uma oficina no programa. A exemplo, cito a vestimenta apropriada para trabalhar, a postura diante dos alunos, até mesmo, porque era da comunidade e conhecido por todos os alunos.

Existia, portanto, essa preocupação de estar orientando os monitores no sentido de organizarem os materiais utilizados com os alunos ao final da oficina e de concluírem as atividades. No caso da monitora 5, esse benefício foi percebido até em casa, por seus filhos, que também perceberam a mudança na vida de sua mãe por ter tido a oportunidade de participar do programa e, com essa experiência, ter se tornado uma pessoa mais disciplinada, organizada e mais atenciosa com eles e com o seu esposo. Ao narrar a sua experiência no Programa Mais Educação ela declarou:

[...] as vezes eu fico sozinha, paro e fico pensando, meu Deus porque mudei tanto, só que eu acho que mudei pra melhor. É tanto que hoje em dia, os meus filhos dizem, mas mãe eu gostei da senhora tá no Mais Educação. Aí eu pergunto, por que Ronaldo? Mãe porque a senhora mudou demais. A senhora tem detalhe. Até um garrafão de água, tem detalhes, aqui tem um detalhe, se bagunçou a cama tem que arrumar [...]. Antigamente, a senhora fazia do jeito que fazia, não tava nem aí, passava o dia, ia lá pra minha mãe, ia pra sua mãe. Agora não, tudo é detalhista, agora tá passando até dos limites (risos), eles dizem, sabe. Mas não, mas eu gostei. Amei, amei, amei e aprendi muito também com os monitores. Olhando, observando os outros. Com você, como coordenadora aprendi bastante, que eu era misericórdia, Jesus, desastre total sempre. [...] agora não, agora é tudo. Aí meus meninos, mãe a senhora tá ficando é chique. Mas que foi bom, eu amei o Mais Educação. (Monitor 4, 05/07/2018).

Outra monitora declarou:

(Risos). Assim, é foi uma troca de experiências entre esse grupo. Foi muito bom. Naquelas formações, nas nossas reuniões, sempre tinha algo a aprender. Algo a nos passar. Quer dizer, a partir do momento que eu ensino, eu aprendo também. Claro que eu aprendi muito. (Monitor 3, 07/07/2018).

Sobre essa forma de aprender com os outros Freire (2007) afirma que: “[...] quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender”. Tomando como referência a fala desse grande expoente da educação e dos entrevistados, acredito que o Programa Mais Educação foi de grande relevância para a vida dos monitores, visto que, por meio dessa experiência, além de terem contribuído com a formação de crianças carentes, foram impulsionados a continuar a carreira estudantil, a investir na formação profissional e a tornaram-se pessoas mais compreensivas, disciplinadas, organizadas e amáveis.

VI ALGUMAS ANOTAÇÕES A MAIS...

O estudo realizado possibilitou um conhecimento mais sistematizado da importância do trabalho desenvolvido pelos monitores no Programa Mais Educação a partir dos conhecimentos que eles traziam, de seus saberes e vivências, pondo-os em prática nas oficinas desenvolvidas no programa. Nesse sentido, foi de fundamental importância para a aprendizagem deles e para a busca pela formação profissional e a elevação da autoestima. Isso nos faz refletir sobre a oportunidade que eles tiveram em participar do programa e sobre como, à medida que pensavam em como desenvolver as oficinas e participavam das formações pedagógicas, adquiriam novos conhecimentos.

Com efeito, há ainda muitos obstáculos a se transpor com relação a efetivação do Programa Mais Educação no que diz respeito a um espaço adequado para a sua execução e à fragilidade da formação que alguns monitores apresentam ao desenvolverem as oficinas. Sobre essa questão, alguns entrevistados deixaram implícito em suas narrativas que aceitaram o convite para participarem do programa, mas que não tinham a formação adequada, na ocasião, para ministrarem a oficina. Todavia, não se pode esquecer as conquistas que foram alcançadas no desenvolvimento do programa na escola, como o aumento do Ideb nos anos iniciais do Ensino Fundamental e a transformação social que esse programa possibilitou a alguns alunos e aos monitores.

Diante das dificuldades relatadas pelos monitores para a execução do seu trabalho, é preciso salientar a necessidade de uma infraestrutura adequada para efetivação das oficinas nas escolas e de um trabalho em conjunto, levando em consideração o currículo escolar e a sua relação com o projeto político pedagógico e o Programa Mais Educação. Além disso, faz-se necessário um diálogo entre os coordenadores escolares e o coordenador do programa, para discutirem as propostas de trabalho previstas no PPP da escola. Esse diálogo é importante para a reorganização da proposta, quando necessário, em prol de um trabalho colaborativo, visando o desenvolvimento de atividades que contribuam para uma aprendizagem significativa. A respeito do trabalho exercido por coordenadores pedagógicos Bruno (2009, p. 93) relata:

Pretendo afirmar a importância de o coordenador pedagógico considerar e valorizar os sentimentos e os saberes dos professores, do mesmo modo que se recomenda a eles que valorizem os conhecimentos e os sentimentos dos alunos. Tal princípio constitui o início de uma relação reflexiva mais efetiva porque permite aos professores reconhecerem em seus saberes os aspectos a serem superados e os aspectos a serem aperfeiçoados e preservados.

Portanto, também se faz necessário o apoio da escola em acolher o programa, não no sentido de tão somente em aderi-lo, mas de abraçar essa causa aqui denominada de educação integral. No caso da escola investigada, era perceptível a não aceitação do programa por parte de alguns professores da escola e sob esse aspecto, Freire (2003, p. 79) relata que: “Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda”.

Outro fator que merece destaque diz respeito aos impactos positivos na vida dos monitores por terem participado do Programa Mais Educação. Nas conversas com eles realizadas, ficou evidente as contribuições significativas para sua vida. Alguns, mesmo reconhecendo que sentiam dificuldades em executarem as oficinas, encontraram apoio para desenvolvê-las. Outros declararam que, depois da passagem pelo programa, conseguiram êxito na vida pessoal e profissional, no sentido de que se tornaram pessoas mais organizadas e sentiram a necessidade de buscar a formação profissional, capacitando-se.

É notório, portanto, que a participação dos monitores no Programa Mais Educação foi de fundamental importância, pois lhes proporcionou experiências riquíssimas que fortaleceram a aprendizagem. Também criaram laços de amizade e passaram a refletir sobre a sua formação e a contribuição que poderiam oferecer àquelas crianças que encontravam-se em zonas de vulnerabilidade social. Foram instigados, então, a pensar em como poderiam ajudá-las, sentindo que precisavam se capacitar para melhor atendê-las. E, assim, buscaram o processo de formação para tornarem-se agentes capazes de reconhecerem no outro uma oportunidade de mudança, tornando-se seres melhores, capazes de viver e conviver com dignidade e compromisso com as outras pessoas.

Os resultados são muitos e significativos, no entanto ainda persiste nas escolas a ausência de uma relação entre o programa e o projeto político pedagógico de modo que a proposta não fique só no papel. É preciso, pois, que todos se ajudem para que, de fato, haja uma política de educação integral, pois o que se vê, muitas vezes, é a falta de diálogo entre professores e monitores. Vale salientar que as ações do programa não são direcionadas aos alunos do Mais Educação, como ouvíamos, mas aos alunos matriculados na escola e que participam das atividades relacionadas ao programa. Isso justifica a necessidade de apoio de todos os funcionários da escola.

Há que se rever também a valorização do ser enquanto gente que pensa, que tem suas atribuições e que, portanto, precisa ser valorizado e respeitado. Pois muitas vezes, o sujeito pode até não ter uma formação acadêmica em nível superior, mas tem o que falta em muitas

peçoas, o amor, o respeito e, em se tratando do programa, os saberes advindos de suas relações com a comunidade, denominado, no programa, de saberes comunitários.

Dito isso, espero que este estudo favoreça o entendimento do que representou o Programa Mais Educação para os monitores e que suscite em outros estudiosos o desejo de também compreender os valores que norteiam essas questões no contexto da educação em tempo integral. Certamente, tais estudos contribuirão para o desenvolvimento de estratégias que possibilitem o desabrochar de políticas públicas voltadas para o real sentido da aprendizagem, tornando-as aplicáveis e garantindo o direito de todos.

Meu anseio é de que haja a continuidade do programa, valorizando os esforços de todos os envolvidos no sentido do desenvolvimento da aprendizagem e da transformação social. O desejo é que os laços da esperança por dias melhores, isto é, de um trabalho que está dando certo, permaneça, considerando todo o processo que aconteceu para que ele fosse construído.

A pesquisa aponta para novos estudos tomando como referência o Programa Mais Educação e os seus desdobramentos como estratégia política de educação integral em tempo integral, abrindo espaços para possíveis diálogos sobre a sua continuidade por permitir aos alunos uma oportunidade de desenvolver suas habilidades, aprendizagens e por possibilitar o reconhecimento do trabalho realizado pelos monitores como agentes possuidores de conhecimentos populares. Convém destacar que tais conhecimentos foram adquiridos com o passar do tempo, mediante experiências familiares e comunitárias - como é o caso dos monitores da horta escolar, judô e capoeira -, e por conhecerem as peculiaridades das comunidades e das pessoas que nelas convivem.

REFERÊNCIAS

- ANDERY, Maria Amália P. A. *et al.* **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica.** Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- ANDRADE, Arnon Alberto Mascarenhas de. Prefácio. In: COSTA, Francisca Freire da. **Patronos da educação municipal: resgate e preservação da memória.** Natal: SME, 2008.
- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional.** Brasília: Liber Livro, 2005.
- ASSIS, Tauã Carvalho de, LAGO; Neuda Alves do. **O monitor do Programa Mais Educação: em busca de uma definição conceitual. Pro-Posições,** Campinas (SP), v. 27, n. 1, p. 111-132. Jan. /abr. 2016.
- BARBOSA, Joaquim Gonçalves; HESS, Remi. **O diário de pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo.** Brasília: Liber Livro, 2010.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som um manual prático.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- BECKER, Paula Cortinhas de Carvalho. **Do Programa Mais Educação à Educação Integral: O currículo como movimento indutor.** 2015. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2542252>. Acesso em: 27 nov. 2017.
- BEZERRA, Adilson Alves *et al.* **Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Professor Luiz Maranhão Filho.** [Online]. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/redecharles21/apresentao-do-projeto-politico-pedagogico-parte-i>>. Acesso em: 26 ago. 2018.
- BIZARRO, Atila Cristiano. **A atuação do educador no Programa Mais Educação em uma escola pública estadual do Rio Grande do Sul.** 2014. 113f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3881>>. Acesso em: 03 dez. 2017.
- BRASIL. **Constituição (1988).** Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 03 dez. 2017.
- _____. Decreto nº 7.083, de 27 de janeiro de 2010. **Dispõe sobre o Programa Mais Educação.** Diário Oficial da União. Brasília, DF, 27 jan. 2010b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7083.htm>. Acesso em: 03 dez. 2017.
- _____. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 03 dez. 2017.
- _____. Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências.** Diário Oficial da União. Brasília, DF, 25 jun. 2014.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>. Acesso em: 03 dez. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Centro de Referência em Educação Integral**. Portal MEC. [S/d]. Disponível em: <<http://educacaointegral.org.br/reportagens/perguntas-e-respostas-mec-esclarece-duvidas-sobre-novo-mais-educacao/>> Acesso em: 15 nov. 2017.

_____. Ministério da Educação. **Centro de Referência em Educação Integral**. Portal MEC, [S/d]. Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/conceito/>> Acesso em: 10 out. 2018.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada. **Educação Integral**: texto referência para o debate nacional. Brasília: MEC, SECAD, 2009a. (Série Mais Educação). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cadfinal_educ_integral.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2017.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada. **Manual de Educação Integral para obtenção de apoio financeiro através do Programa Dinheiro Direto na escola - PDDE/INTEGRAL**, no exercício de 2010. Ed. Brasília: Ministério da Educação, 2010a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8143-c-manual-pdde-2010-educacao-integral-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 03 dez. 2017.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada. **Programa Mais Educação**: gestão intersetorial no território. Brasília, 2009c. (Série Mais Educação). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8203-12-rede-saberes-mais-educacao-seb-pdf&category_slug=junho-2011-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 03 dez. 2017.

_____. Ministério da Educação. **Manual da Educação Integral para Obtenção de Apoio Financeiro Através do Programa Dinheiro Direto na Escola – PDDE/integral, no exercício de 2012**. Brasília: MEC, 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8143-c-manual-pdde-2012-educacao-integral-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 24 nov. 2017.

_____. Ministério da Educação. **Planejando a Próxima Década. Conhecendo as 20 Metas do Plano Nacional de Educação**. Brasília: MEC, 2014. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2017.

_____. Ministério da Educação. **Portaria Normativa Interministerial Nº17**, de 24 de abril de 2007. Institui o Programa Mais Educação, que visa fomentar a educação integral de crianças, adolescentes e jovens, por meio do apoio a atividades sócio-educativas no contraturno escolar. Brasília, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/mais_educacao.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2017.

_____. Ministério da Educação. **Rede de Saberes Mais Educação**: pressupostos para projetos pedagógicos de educação integral. Brasília: Ministério da Educação, 2009b. (Série Mais Educação). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8203-12-rede-saberes-mais-educacao-seb-pdf&category_slug=junho-2011-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 03 dez. 2017.

BRUNO, Eliane Bambini Gorgueira *et al.* **O coordenador pedagógico e a formação docente**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

CAVALIERE, Ana Maria Villela. Educação Integral: uma nova identidade para a escola brasileira? **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 247-270, dez. 2002.

COSTA, Francisca freire da. **Patronos da educação municipal**: resgate e preservação da memória. Natal: SME, 2008.

COSTA, Jean Henrique et al. **Mapeamento das taxas de homicídios (2013-2014) na cidade do Natal/RN e suas interfaces com a atividade turística**. Disponível em: <http://www.palermo.edu/Archivos_content/2016/Economicas/journaltourism/edicion15/01_MapeamentoDasTaxasDeHomicidio.pdf>. Acesso em: 17 set. 2017.

COSTA, Jean Henrique; SOARES, A. K. F.; FEITOSA, B. M. B.; CÂMARA, H. M. S. Mapeamento das taxas de homicídios (2013- 2014) na cidade do Natal/RN e suas interfaces com a atividade turística. **Journal of Safety and Security in Tourism**, v. 15, p. 1-18, 2016.

COSTA, Maria Auxiliadora Alves. **“Cada um no seu canto”**: a percepção dos professores sobre a participação na Escola de Ensino Fundamental Municipal São Francisco, em Aracati/CE, envolvendo a comunidade local. 2016. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró. Disponível em: <<http://propeg.uern.br/poseduc/default.asp?item=poseduc-apresentacao>>. Acesso em: 21 fev. 2018.

EDUCADORES BRASILEIROS. **Anísio Teixeira - Educação não é privilégio**. Brasil: TV Escola / TAL, 2007. Documentário (44’20”). Disponível em: <<http://tvescola.mec.gov.br/tve/video/educadores-brasileiros-anisio-teixeira-educacao-nao-e-privilegio>>. Acesso em: 18 Set. 2017.

A PERSPECTIVA de Madalena Freire. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/a-perspectiva-demadalena-freire/32639>>. Acesso em: 08 Set. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática pedagógica. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GALDINO, Geovana Gabrielle Costa. Relação família escola: um estudo a partir do Programa Mais Educação. 2017. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró. Disponível em: <<http://propeg.uern.br/poseduc/default.asp?item=poseduc-apresentacao>>. Acesso em: 21 jul. 2018.

GATTI, Bernadete A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Líber Livro, 2010 (Série Pesquisa).

GIL, A. C. **Como Classificar as Pesquisas?** Disponível em: <<http://www.madani.adv.br/aula/Frederico/GIL.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

- GINGANDO PRA VIDA. Coral Plaza Blog. Disponível em: <<http://www.coralplaza.com.br/gingando-pra-vida/>>. Acesso em: 25 jun. 2018.
- GOMES, Estela Paula Campos Moreira. **Programa Mais Educação**: representações sociais de professores e monitores nas escolas do município de São Gonçalo. 2011. 113f. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://ppgedu.org/ffp/teses.html>> Acesso em: 27 fev. 2018.
- GOMES, Veraildes Santos; FONSECA, Josefa Sônia Pereira da. **Monitores do Programa Mais Educação**: um desafio constante. IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO. Rio de Janeiro: Realize, 2015.
- GONÇALVES, Antônio Sérgio. Reflexões sobre educação integral e escola de tempo integral. **Cadernos Cenpec**, n. 2, Educação Integral, 2º semestre, 2006.
- GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2015.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Presses Universitaires de France, França, 1990.
- HERMES, Ivenio. **Violência Homicida no RN**: Uma análise empírico-estatística (Parte 2). Metrópole da Morte, Bairros do Medo e o Público Alvo. Disponível em: <<http://j.mp/OIDpfe>>. Publicado em: 05 abr. 2014. Acesso em: 17 set. 2017.
- JOSSO, Marie-Cristine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Paulus, 2010.
- JOSSO, M. Christine. As histórias de vida como territórios simbólicos nos quais se exploram e se descobrem formas e sentidos múltiplos de uma existência evolutiva singular-plural. In: PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.). **Tendências da pesquisa (auto) biográfica**. Natal/RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 25-26.
- LUNA, Sérgio V. Planejamento de pesquisa: uma introdução. São Paulo: Educ, 2009.
- MAY, Tim. **Pesquisa Social**: questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MARTINS, Maria H. **O que é leitura?** 19. ed. São Paulo. Brasiliense, 1994.
- MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. São Paulo: Vozes, 2007.
- MOLL, Jaqueline (Org.). **Caminhos da Educação Integral no Brasil**: direito a outros tempos e espaços educativos. Porto Alegre: Penso, 2012. 504 p.
- MOROZ, Melania; GIANFALDONI, Monica Helena T. A. **O processo de pesquisa**: iniciação. Brasília: Plano, 2002.
- Negreiros Félix Albuquerque, Plícia Mara de. **Programa Mais Educação: Um estudo da implementação na Escola Estadual Tertuliano Ayres Dias no município de Mossoró-RN**. 2017, 149f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró. Disponível em: <http://www.uern.br/controldepaginas/poseduc-disserta%C3%A7oes-2015/arquivos/4223plicia_mara_de_negreiros_felix_albuquerque.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2018.
- PARO, Vitor Henrique *et al.* Questões Suscitadas pela Proposta de Escola Pública em Tempo Integral. **Escola de Tempo Integral**: desafio para o ensino público. São Paulo: Cortez, 1988. p. 187-226.

PASSEGI, Maria da Conceição (Org.). **Tendências da pesquisa (auto) biográfica**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

REGIÕES Administrativas de Natal. Open Brasil.org. Disponível em: <<http://natalrn.openbrasil.org/search/label/09.%20Regi%C3%B5es%20Administrativas%20de%20Natal>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

REVISTA NOVA ESCOLA. Grandes Pensadores. Edição Especial. Fundação Victor. Ed. Abril. Julho, 2008, p. 95-97.

SILVA, Francisco José Dias da. **As necessidades formativas de professores para o trabalho com a educação integral**. 2014, 145f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/20040>>. Acesso em: 26 fev. 2018.

SILVA, M. S. P. da. **A implementação do Programa Mais Educação em escolas da rede municipal de ensino de Natal/RN: um estudo sobre o período de 2008 - 2011**. 2014. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1937474>. Acesso em: 27 nov.2017.

SOARES, M. **Alfabetização no Brasil – O Estado do conhecimento**. Brasília: INEP/MEC, 1989.

SOUZA, J *et al.* **Ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

SOUZA, Edeilton Julião de. **Perspectivas de Sustentabilidade no Programa Mais Educação: o olhar de gestores e monitores de escolas estaduais de Pernambuco**. 2014. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Pernambuco, Recife. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1365292>. Acesso em: 26 fev. 2017.

Szymanski, Heloísa (Org.). **A entrevista na educação: a prática reflexiva**. Brasília: Liber Livro, 2004.

TARDIF. M. **Saberes docentes e formação profissional**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

ANEXOS

ANEXO I – POEMA**PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO**

Bom dia caros amigos
Com grande satisfação
Peço licença um pouquinho
Pra falar de coração
Sobre o Programa da hora
Que a cada dia melhora:
É o Mais Educação.

Em pleno mês de Setembro
Que também é mês das flores
Foi implantado na escola
Nossos modernos valores
Uma proposta que emana
A nenhum aluno engana
Trazendo belos rumores.

Desde a sua implantação
Até os dias atuais
Os anseios, as angústias
Confesso que são iguais,
Mas vividas com emoção
Acalantam o coração
E não se tornam anormais.

O lugar onde ocorria
Foi também improvisado
Pois oficinas haviam
Na escola aqui do lado
Vi gestos utilitários
Relembro até dos armários
Que inspirava cuidado.

O governo brasileiro
Teve um gesto sem igual
Usando uma estrutura
Interministerial
Pra o jovem e adolescente
Ajudou a nossa gente
Ter formação integral.

Essa formação pretende
Trazer o melhoramento
Espaço e oportunidades
Pra gerar conhecimento

Com muita dedicação
É o Mais Educação
Demonstrando encantamento.
Este Mais Educação
Busca sempre o ideal
Com toda dedicação
PPP sendo leal
Transforma a realidade
Ao jovem dá liberdade
De se tornar um ser legal.

Pra ter participação
É bastante, apresentar:
Problemas na aprendizagem
E a vontade de estudar
Nas séries iniciais
Também nos anos finais
Reprovação acabar.

Para falar desse jeito
Declaro em tom moderado
Que os dias foram passando
Num processo acelerado
Que reproduziu espanto
Oficina em cada canto
Conversa por todo lado.

O Programa aconteceu
Com oficina e alegria
Os monitores lutando
Nos transmitiam energia
Mostrando dedicação
Pouca remuneração
E nada lhes sucedia.

Antes da “Horta Escolar”
Temos o Letramento
Alunos e monitores
Em grande contentamento:
Leem, escrevem, interpretam
E os estudos se completam
Gerando conhecimento.

Com agroecologia
Outros rumos são traçados
Adquirir consciência
Dos saberes conquistados
Para poder produzir
E a nada destruir
Materiais reciclados.

Reciclagem é importante
Nosso planeta merece
Que cada embalagem usada
Um bom destino tivesse
Para nada poluir
O mundo não destruir
Nosso planeta agradece.

Neste “Mais Educação”
Outros ritmos contagiam
Com Capoeira e a Dança
Os moços nos prestigiam
Pra socialização
Oficinas tem função
De transmitir energia.

Admirar obra artística
Na oficina de Pintura
Clássicas e contemporâneas
Desenho e xilogravura
Pintura em tecido claro
Um procedimento raro
Que se traduz em doçura.

Finalizando esses versos
Eu não desejo esquecer
O valor de quem coordena
Para tudo acontecer
Precisa ter atitude
Conhecimento, amplitude
Pra o aluno não perder.

Além do coordenador
Tem mais equipe importante
Falo da equipe do SETI
No seu trabalho constante
Pois mobilizam as ações
Preparando formações
Por isso serão marcantes.

ANEXO II – ENTREVISTA COM MONITOR 1

Pesquisadora: Como estava lhe falando meu objetivo da pesquisa é falar sobre a importância e a contribuição do Programa Mais Educação a partir das narrativas dos Monitores. Então nesse momento gostaria de saber se você autoriza a gravação e a publicação no trabalho. Sua participação é muito importante para isso.

Entrevistado: Sim, com certeza autorizo, está autorizada a gravação, vamos conversar e vou fazer minhas colocações pelo período que passei como monitor do Programa Mais Educação na Escola Municipal Luís Maranhão, Escola Municipal Professor Luís Maranhão Filho, como monitor de capoeira.

Quanto a ministrar a oficina de capoeira no Programa Mais Educação, a proposta, o programa chegou depois, eu já era um instrutor, já ministrava aula de capoeira na comunidade e na própria escola no Luiz Maranhão de forma voluntária. E quando chegou a este recurso dentro, pelo Programa Mais Educação dentro da escola, a direção da escola me procurou e assim a gente, no caso você que era a coordenadora e a gente já tinha uma certa afinação de trabalho com a escola e digamos assim, fui meio que indicado pela própria escola pra assumir, tendo essa, uma bolsa mensal, onde pra mim não foi e onde aí tivemos que assinar que é uma das coisas, é um ponto que discordo no sentido que o governo, o sistema todo ele vem fazendo uma coisa meia que irregular. Mais, na visão geral é como se o beneficiado é a ponta que no caso seria os alunos com atividade que onde os monitores tinha que assinar uns documentos como voluntário e ali é uma bolsa, um auxílio pra aquela atividade que isso descaracteriza muito a profissionalização né, fazer a coisa de uma maneira mais profissional, porque muitos os monitores que eu enquanto monitor e outros que tive acesso, conheci, conversamos, é ali não encara aquilo como uma ação voluntária, o interesse tá ali mais pela questão porque tá sendo remunerado, no caso da capoeira muitas vezes a gente é, queira ou não, quando você passa a ter uma gratificação, você passa a receber um valor X é uma remuneração é um trabalho que só recebe se for atingir aquela quantidade de alunos que era por turma, e se der aquela carga horária. Então, era um trabalho, mas os documentos na maneira legal não podiam assumir como trabalho tinha que ser, assinar os documentos como voluntário. Era um ponto onde eu não achava legal, já entendia que ali era um erro, mais mesmo assim eu disse não, mas eu já vinha dando aula mesmo sem ganhar nada, agora ganhando alguma coisa, eu não assinando a documentação, vou só tá apenas legalizando um trabalho que eu já venho realizando aqui de maneira que queira ou não, agora tenho um documento que prova que sou realmente voluntário, e esses quatro, esse valor que recebe por mês que era trezentos e pouco ou era quatrocentos, tudo bem e assim foi. Esse é um ponto a questão da legalização do funcionamento do Programa Mais Educação que eu enquanto monitor discordo em assinar aqueles documentos, eu e muitos. Só que muitos não querem se manifestar na coordenação do Mais Educação e nem na própria direção das escolas com medo de perder aquela bolsa. Mesmo sendo pouca, mas é uma remuneração. E outro ponto que o Programa Mais Educação, foi um programa pensado a nível nacional, pensado por equipes, pelo segmento da educação e com o intuito de reforçar o processo educativo, mais de uma maneira muito pincelada muito pensada por cima, não foi um programa pensado da base, de estratégia de ação da base mesmo de uma base escolar. E assim, jogar a oficina dentro de uma escola com profissionais mal remunerado, entendeu, isso, isso é, apenas maqueia, veja, fica uma maquiagem sem resultados profundos, era o que eu sentia. Assim, a atividade feita. Muitos profissionais que tão dentro do Programa Mais Educação, eu vou falar, não vou falar nem das outras áreas, mas vou falar dentro da questão do seguimento da capoeira que hoje a capoeira ela é uma forte ferramenta dentro desse processo aí, porque quase muitas escolas tem atividade de capoeira e outras não permanecem, justamente pela falha do próprio programa, porque o programa, ele pelo menos na escola da qual fiz parte que é o

projeto na Escola Municipal Professor Luís Maranhão que no caso onde você também era a coordenadora, que você tinha seus superiores na direção da escola e outras coordenações. Porque no meu entendimento seria pra ministrar uma oficina de capoeira, tinha que ter o currículo do monitor pra saber se ele tem habilidade com a atividade a qual ele se propõe. Por mais que dentro do programa, não mais porque seja pessoa da comunidade, tal, justamente já no processo errado, porque querem pessoas da comunidade pra minimizar o preço do programa, pra que as pessoas não precise pagar transporte, não precisa ter tipo alimentação, a pessoa já é da comunidade mesmo. Já tá aqui. Já dá pra desenvolver atividade com um custo mínimo, não precisa nem de passagem. Então prioridade era pra quem era da comunidade, inicialmente, o programa era mais ou menos assim. Ai a questão, a justificativa, era não porque pra valorizar o profissional da comunidade. Para que ele viesse familiarizar mais com a comunidade escolar. Que a escola perceba que tem um profissional desse dentro da comunidade. Mas que profissional, onde a o programa aceita qualquer pessoa que desenvolve qualquer habilidade. Pronto no caso da capoeira, qualquer jovem que tenha habilidade com capoeira, poderia ser um monitor do Programa. Mas aí e a questão pra você no caso da capoeira, você é o instrutor, o monitor, tem que ter uma habilidade onde tem que saber transformar a parte técnica que tem em educação. O que é uma roda de capoeira, quais são os valores de uma roda de capoeira, o que é que preciso pra fazer uma roda de capoeira, por que tem que ter um berimbau, dois berimbaus, três berimbaus, o pandeiro, o atabaque, a origem desses instrumentos, por que ele tem que tocar, por que tem que ter música, por que tem que bater palma, por que tenho que respeitar o som do berimbau? A minha movimentação corporal, minha velocidade, os meus movimentos, depende do som do berimbau. Mas como é que o instrutor pode tá explicando isso e de onde vem esse som? Esse berimbau, o que é um berimbau? Um pedaço de arame, uma cabaça, é um arco e o qual é a origem desses instrumentos? E assim, então, tudo isso são coisas educativas, são coisas pedagógicas. São coisas que você começa a esmiunçar e começa a transformar isso numa aula educativa. Mas só que o que eu sentia é que muitos monitores do da capoeira eles não têm essa habilidade. Eles têm habilidade corporal, de fazer a coisa acontecer ali no jogo da capoeira. Mas explicar o que é o jogo. O que é o diálogo corporal, o que é a linguagem corporal, a musicalidade, a importância da musicalidade no contexto social ali de pessoas, de um grupo de jovens que tão ali reunido em prol de uma atividade comum que é no caso denominada capoeira. Então, tudo isso eu senti. Eu senti justamente não porque naquela época que era monitor, não tinha nem minha formação em pedagogia. Eu busquei à parte porque já sentia a pedagogia dentro de mim. Eu já senti que era um pedagogo independente do meu canudim (rsrsrs), mas aí busquei agregar mais valores aos meus conhecimentos de capoeira, porque eu disse não à parte então, vou fazer como não tenho nível superior, vou buscar em Pedagogia. Fiz Pedagogia, me ajudou bastante até ter um entendimento de organização mais dentro do processo da capoeira. Aí o Programa Mais Educação é um Programa bonito, teoricamente na escrita, a execução existe suas falhas, nesse processo aí. Que nem hoje o educador, o professor, existe o professor e o educador. O professor é aquele que chega no meu ponto de vista, enquanto hoje sou mestre de capoeira, trinta e dois dedicado a uma arte. Eu tanto posso ser um professor de capoeira como ser um educador de capoeira, trabalho a capoeira como profissão, tenho a minha profissão trabalhando artisticamente, como fonte de geração de renda. Entrando nessa fala com propriedade de falar o que é um educador e um professor? O professor de capoeira é aquele que apenas ensina a parte técnica mesmo que muitas vezes a gente cobra pra isso. Tá pagando pra aprender gingar, fazer um movimento, um chute, fazer uma defesa, fazer um ataque, esse é o professor. O professor ele tá ensinando ali. Já o educador a preocupação maior não é nem tanto a parte técnica, é a vivência, é a convivência, a permanência do aluno e a transformação do aluno, na questão social, a permanência como a gente tem experiências aqui do nosso trabalho com a capoeira de perceber o comportamento de um aluno. Então, sobre, dentro do Mais Educação que eu fazia isso, que

você tava presente. Tinha alguns alunos que eles me respeitavam muito. Só a minha presença já impunha respeito, não era medo. É um respeito, porque eles me viam como um educador. Em algumas ações, eu tinha preocupação de fazer com que eles sentissem que a atividade da capoeira tava melhorando a vida dele em vários aspectos. Nas apresentações ele era um artista. Ali no meio ele participava, se eu destacava algum pra cantar uma música, pra tocar um instrumento, ele já era um algo a mais, ele já sentia valorizado, então, isso, o educador tem que buscar isso aí dentro desses trabalhos educativos, desses trabalhos sociais, e assim, e aí muitas vezes as escolas, eles não exige isso aí dos monitores. Eu coordeno parte do Programa aqui no estado e vejo que muitas atividades de capoeira funcionam dentro do Programa Mais Educação, do Escola Aberta, de outras. Apenas assim, só em jovem tá reunido ali, e tem uma pessoa ali comandando já é um ganho. Tudo bem já é um ganho. É melhor está ali, tá entendendo, mas tinha como fazer melhor. Um exemplo que nem eu sugeri até hoje, é tento colocar isso pra algumas coordenações. Que peça um projeto ao professor da capoeira. Qual é o interesse dele com o trabalho da escola. O que é que a capoeira vem a contribuir dentro desse processo aqui da escola. Se a própria escola já tem um PPP fechado, já tem tudo organizadinho o Projeto Político pedagógico. Peça ao professor de capoeira agregar o projeto da capoeira junto ao projeto do Mais Educação que é anexado ao projeto do PPP. Onde a educação ela é toda organizada, bonitinha. Só que a execução ela é malfeita. Tem escolas aí que passa o ano todinho sem o PPP tá fechado, completo. É o Projeto político Pedagógico. E por lei tem que ter, toda escola tem que ter o Projeto Político Pedagógico. E aí aonde que tem muitos professores de capoeira espalhado aí dentro do Mais Educação, e fora do Mais Educação utilizando o espaço das escolas sem projeto nenhum, uma coisa muito solta. Eu acho que pra cada, existe o projeto global do Mais Educação nas escolas. E cada oficina é para ter o seu projeto juntavam todos e faziam o projeto do Mais Educação. A partir do olhar do próprio instrutor, quando o instrutor pudesse tá dando a sua opinião do que ele entende do que ele pode tá contribuindo, nesse processo aqui com essa escola com essa comunidade. Ai sim, entrava a questão do valor da escola dar prioridade aos monitores da região. Porque se ele mora na região, ele tem, ele sente o impacto social e o que ele pode tá contribuindo dentro desse impacto, que é dentro da própria escola na qual na comunidade que ele mora. No caso digo isso porque dentro da nossa equipe, quase todos eram da comunidade. Então, tinha uma visão da comunidade aqui. Era diferente de você que era que vem da de outra comunidade e a coordenação. Mas aí acho que era pra cada, você, pedir um projeto a cada um de letras, de horta de capoeira, de dança, tal, tal. Vamos juntar. O que é que a capoeira pode tá contribuindo dentro desse processo aqui. Pra isso era pra nos passar o projeto global do que é o Mais Educação. Muita gente não sabe nem o que é o Mais Educação. Muitos monitores. Entra pra dentro do Programa e não sabe nem o que é o Programa Mais Educação. Pra que foi criado o Programa Mais Educação? Em que governo? Por quê? Por que tem que ter Mais Educação nas escolas? Quais escolas que têm que ter que pode assumir, pode ter o Programa Mais Educação? São escolas de tantos, quantidade de alunos? São escolas assim e por quê? E pra que é o Mais Educação? Quem tem que saber disso inicialmente, é o próprio instrutor. Pra que ele se sinta, ele possa ver em que pode tá contribuindo no processo do Mais Educação. Não, existe o Programa Mais Educação na escola. Então, enquanto instrutor de dança, de capoeira, de letra, de música, posso tá contribuindo nessa parte. Então me identifico. Tá coerente aqui o meu pensamento com o do programa, ai sim, poderia ser feito um programa, a pensar junto com os monitores e fazer essa devolução pra os alunos, aí eu ia sentir mais impacto. Pela minha convivência pelo que passei com o Mais Educação. Eu sentia muitos professores muito ali revoltados e assim, cumprindo a tabela mesmo. Cumprindo a tabela. Não vou citar nome. Mas, cumprindo a tabela mesmo ali. Não tinha a preocupação, de qual impacto que vai tá mudando essa atividade na vida desse jovem aqui. De um, de dois, de três, de cinquenta. Há é muito menino. Ai muito pra uma oficina só, vários alunos e os meninos não, não tem o respeito pelo educador, porque, porque o próprio

educador como é da comunidade e eles sabem que aquele ali não é profissional. Eles sabem, né é coisinha, é fulano, eu vou respeitar em nada, não. Eles me diziam isso. Que inicialmente foi quando a gente colocamos o próprio Jonas. Que hoje tá como destaque, mais na época que ele entrou para o programa pela facilidade que se dava ao programa. Ele era apenas um aluno da capoeira, que tinha habilidade, mas não tinha uma didática, não tinha, não tava formado ainda para ser um educador de capoeira. Então essa é uma das falhas do Programa que eu já via no início. É assim, sei que pode melhorar. Acredito. O próprio nome do Programa Mais Educação. Então, tem que ser uma coisa, tem que ser mais, tem que ser injetado. Tem que ser somado com as ações que venha a ser desenvolvido.

Como usava seus conhecimentos na oficina de capoeira... pronto, fiz todo esse desabafo querendo fazer umas opiniões assim, como você tá pedindo, fala aí o que quiser. Eu tô falando, desabafando. Eu usava meus conhecimentos tipo assim, com a minha própria experiência de vida, né. A capoeira ela foi muito boa pra mim. Eu passei a conhecer, saber que preciso de conhecer meu próprio corpo. Preciso saber que posso levantar o braço até aqui, a perna pra lá, abrir assim escala, posso fazer cambalhotas, posso fazer isso, posso, quando tô suando, então isso é bom pra minha saúde. Então eu disse ah, isso é bom. Então a atividade de capoeira existe como atividade física muito boa. Então, inicialmente, a capoeira era um atrativo pra os alunos. A intenção minha tinha que passar pra eles ali, era não tá preocupado com a educação deles. Eles tinha que sentir que o professor tava querendo, que eu tava ali como professor, não como educador. O professor vai ensinar, eles querem aprender. Aí entra numa linguagem malandra que a gente tem que saber. Eu trabalhei em vários pontos. Eu dei aula em presídio. Eu dei aula nas comunidades. Dei aula em classe média. Condomínio, condomínio de luxo. Então eu aprendi a fazer. Pra cada público desse você tem que ter uma linguagem. Você tem que ter uma linha. Dentro de um processo, meu, educado e tal. Mas pra educação, o que é que vou ter respeito dentro de uma fala minha pra jovem dentro de um presídio. Era falar na malandragem dele mermo, meu irmão. É taí. Tamos aqui. Tamos junto. Vamos nessa aí, quero ver hoje todo mundo aí na garra, botando pra, em outras palavras, vamo todo mundo hoje botar pra foder aqui na aula pra gente. Quero ver todo mundo suado aí pra gente liberar essa energia aí. A rapaziada aqui tá toda na moral. Vamo lá, tal. Essa era a linguagem, é o professor, é o professor é, beleza, professor tamos aí, tamos junto aí. Vamo lá, pular, todo mundo pulando, gingando. Essa linguagem.

Essa mesma linguagem eu não podia usar dentro de uma sala, dentro de uma escola pública, onde a gente tá tentando até mudar o comportamento da fala dos alunos de retirar palavrões. Então, eu ia mais numa linguagem corporal. Dentro da minha passagem pelo Mais Educação, era mais usar a linguagem corporal. Digamos assim, saber que o movimento corporal, a estética da capoeira, do chute e tal e tal, os movimentos acrobáticos. Já tinha que ter alguma coisa onde ele se sentisse que ia tá, o que ele tá treinando aqui, pra quê? Tamos treinando pra apresentação, vamos fazer uma apresentação que nem fizemos várias apresentações. Então, ali o foco é eles. Tinha que tá, e por que eu tou treinando aqui. Ah, uma resposta rápida. Porque vamos ter apresentação. Vamos nos apresentar pro público, o pessoal vai fazer foto. Vão tá vendo lá a apresentação. Então, cada um, quero que cada um faça uma boa apresentação. Todo mundo bonito, gingando lá, fazendo assim movimento, fazendo salto. Aí começava a explorar os próprios valores que eles tinham. Aí tinham uns que já tinham habilidade de música (batidas na mesa, representando o som dos instrumentos), com toque, do atabaque, outros do berimbau. Outros continha uma voz forte pra cantar. Então, aí começava a extrair isso aí. Ai dentro disso a gente ia formado o contexto da roda da capoeira e os valores da capoeira iam começando a aparecer. Então, eles vão vendo. Bom, dentro desse universo aqui de alunos, tenho pessoas boas de música. Tenho um cara bom, uma habilidade, uma coordenação motora na habilidade do toque do atabaque, do pandeiro do berimbau, parte instrumental. Aí tem a parte. Aí existe uma regra da capoeira. É o comportamento. O capoeirista tem que ser uma pessoa comportada.

Tem que ter uma postura. Não pode tá todo troncho numa roda, perna cruzada. Não, tem que ter uma postura. Perna aberta da altura do ombro. Postura bote o peito pra fora, tal, tem que ser forte. Oh, mostre os músculos, tal. Fazer com que ele se sinta algo. Fazer com que ele se sinta que é uma pessoa, que ele é um aí, que ele tá sendo, que tem outras pessoas olhando pra ele, quando ela entra na roda, ele é o centro das atenções. Quando ele começa a fazer os movimentos. Então, pra ser o centro das atenções e receber elogios, as movimentações tem que sair com qualidade. E a qualidade requer treinamento, requer resistência. Você não quer resistência? Então, pronto. Eu preciso que você passe aí, três minutos jogando capoeira. É uma tortura três minutos, porque requer muito fôlego, tem que ter muita energia. Aí eles não conseguem. E por que não conseguem? Porque não se alimentaram bem. Então, vamos ter que se alimentar melhor, vamo ter que comer, parar de tomar refrigerante, tomar suco, tudo. Comer verdura, aí você vai ganhar mais energia, dá umas carreirinhas no morro pra suar, aí você já vai engessando ele dentro de um sistema pra que ele não possa consumir drogas, pra livrar ele de outras coisas. Por que, porque se ele consumir drogas, ele não vai ter resistência na roda, e o que ele quer? Ele quer a roda. Ele quer passar os três minutos treinando capoeira dentro da roda, mostrando que é bom. Então, automaticamente não precisa eu dizer pra ele que ele não precisa fumar maconha, nem cheirar cola, nem nada, porque ele sabe que isso aí em outras aulas de vídeo, de outra coisa a gente coloca em palestra. Oh, o que é que a droga faz, destrói os organismos, pulmão, bá, bá, bá. Então, se você capoeirista, você quer jogar capoeira, então, como é que você vai fumar maconha? Quer fumar maconha, então, fume. Mas se não, pra roda de capoeira, você não tem como render, não passa trinta segundos. Então, automaticamente ele vai sentindo. Eu não tou fumando não é porque o professor me disse, porque o professor não quer que eu fume, não. Não é porque minha mãe não quer que eu fume. Eu não tou fumando porque sei que vai prejudicar minha saúde. Isso é que faz com que eles mudem de opinião. Porque essa questão de dizer não porque meu pai não quer, porque minha mãe não quer, porque o professor não quer. Isso é muito cultural, vem lá de trás. Não, eu respeito a minha mãe e tal, não vou fumar. Tudo bem, alguns podem até pensar assim. Mas a maioria que eu conheci, dentro desses meus trinta e dois anos de capoeira, eles só param de fumar quando eles sentem que tá prejudicando ele mesmo e o que ele quer, queria usufruir mais do organismo, de correr de jogar uma bola, futebol, jogar uma boa capoeira, tal e tal e não conseguem se eles começarem a prejudicar os pulmões, os órgãos. Ele não vai conseguir alcançar essa façanha que é ser um bom jogador de capoeira, permanecer muito tempo na roda, fazer um salto, uma acrobacia. Isso aí faz com que eles desviem a mente deles pra essas questões. Ai com essa metodologia trabalhando dentro do Mais Educação, eu entendia que tava ajudando no processo. Aplicando esse método dentro do Programa Mais Educação na oficina de capoeira, quando eu pensava nem nos valores de financeiro. Quanto tava ganhando para fazer uma ação dessa. Porque isso aí não tem preço. Quando a gente consegue mudar a mentalidade de um jovem, isso não tem preço nenhum. Então, por isso que a gente tem que as vezes apostar na questão mesmo do voluntariado, e tá tudo bem, eu sou voluntário, mas ter ao menos remuneraçãozinha por mês, tranquilo. Mas a minha ação maior tá sendo feita ali. Então, quando se gente encontrasse educadores pra pensar com essa forma. Por isso que eu num ponto, assim as vezes, as coisas, eu tive que sair assim, tive que a questão financeira é o sistema mesmo, não vou dizer que sou um santim, tive que em opções melhores financeiras para mim poder criar meus filhos, ter uma estabilidade de vida, tal. Tive que investir fora e não tive mais tempo de permanecer dentro do programa. E aproveite essa oportunidade de fazer essa fala, esse desabafo, assim, não é que eu creio no meu ponto de vista que o Programa Mais Educação perdeu assim, no sentido de ter um educador com essa proposta mesmo de trabalhar pelo diferencial de tentar buscar dentro não pelo dinheiro, mas buscar dentro por ser da comunidade, por morar na comunidade e saber que aqueles jovens que eu tava trabalhando que tava tentando mudar a realidade de cada um daqueles ali, era de interesse mesmo, assim de interesse mesmo pessoal no sentido de pô, se a

gente conseguir mudar. Que eu conhecia muitos ali dos que se drogam, dos que tem a facilidade a chegar a se drogar por morar na comunidade, por morar na favela, por ver outros jovens da mesma idade que se drogam. Então, eu tinha que mudar pra eles assim, mas aqueles que se drogam, eles não faz capoeira. Então, eles não tão nem aí pra saúde. Mas você faz capoeira, você precisa tá que nem a gente tem as apresentações que eu levava pra os hotéis, pra num sei o que, você é um artista da capoeira. Então, você, como é que você vai ser um artista, você vai ter, você vai conseguir fazer esses saltos, essa acrobacia, se você é um drogado. Não vai. Então, ele no próprio pensamento dele, ele sabia que não podia se drogar. Mas muitas vezes, mestre, fulano de tal está andando com fulano com coisinha aqui. Ele fuma, eu acho que ele também tá fumando. Eu disse, aí já é um problema dele. A gente tá aqui para aconselhar e pra lhe orientar que não pode. Não pode. Não é que eu tou proibindo, mas ele tem que saber que ele não pode fumar porque ele precisa do organismo dele. Até pra ele viver mais. Viver aí até cem anos, oitenta, setenta, depende do que ele tá fazendo agora. Então, essa é a ideia. Aí a capoeira ela é apenas um atrativo. Porque dentro de uma roda de capoeira a gente consegue. Se eu pegar um berimbau tocar um berimbau em qualquer canto aí, a gente atraí a atenção de pessoas, assim, numa praia, numa feira livre. Em qualquer, se eu pego um berimbau, um pandeiro e começa a tocar, começa a juntar gente pra ver. E ainda pode até usar isso para passar uma mensagem, alguma coisa, porque o berimbau quando ele foi introduzido na capoeira, ele era utilizado pelos feirantes pra vender muambas, pra vender banha de baleia num sei o quê. Eles tocavam o berimbau que o berimbau é um instrumento milenar. É eles tocavam o berimbau (representação do som do berimbau com a boca), fazendo uns toques bonitos do berimbau e aí as pessoas começavam a parar pra ver o arco, tirando uns toques bonitos. E ele quando ele juntava todo mundo ali, ele olha temos a aqui a banha do porco pra vender. É bom pra pele aqui, para dores de cabeça, é bom pra dor de dente, tal, tal. E assim o berimbau começou a entrar na capoeira. Aí hoje da mesma forma que nem eu disse para alguns professores monitores da capoeira, hoje a gente tá usando a capoeira da mesma forma também. A capoeira é bonita de se ver, ginga pra lá, pula pra cá. Canta, bate os instrumentos, os tambores, pá,pá,pá. O jovem é atraído por isso aí. Porque ele é atraído pela música, ele é atraído pelos movimentos corporais. Pelo salto, pelo contingente histórico que a capoeira tem vários mestres, professores renomeados. Então de alguma forma ele é atraído. Então, cabe ao monitor, eu digo quando ele é educador, quando ele sabe perceber isso aí, ah o jovem tem interesse, qual o interesse dele aqui, fazer parte desse grupo aqui da capoeira, seja dentro do Programa Mais Educação ou fora, em outras atividades. Ah, o interesse dele é esse. Automaticamente o educador preparado, é, pronto pra ser um educador, na primeira aula ele já tem que começar a mapear os seus alunos. João é muito bom. Ele tem uma habilidade muito técnica em instrumento. José tem a fala boa, tem uma dicção boa pra fala, o outro ali, pô, tem esse aqui uma flexibilidade muito grande e tal. Ele já tem que começar a montar ali, já começar a ver os valores que ele tem em mãos pra trabalhar. Mas se ele pega dois, três, quatro, cinco e começa a valorizar mais isso do que já se demonstra ter, os jovens demonstra que tem essa habilidade, aí é fácil dele identificar e colocar o projeto para funcionar. E seja dentro do Programa Mais Educação a própria coordenação, a própria direção da escola perceber a mudança a partir da capoeira. Porque antes da capoeira quem viu esse, isso dentro dos alunos foi o professor da capoeira, entendeu? Começou a ver que João é muito flexível. Então, João dá pra fazer uma belíssima apresentação, assim jogando as pernas por cima, tal, tal. E Maria canta muito, ela tem uma vocação muito boa pra música. Então Maria pode ser uma cantora, não só da capoeira, mas a cantora de sei lá. Procura ver, isso a gente tem visto porque já descobri talentos da música dentro da própria capoeira, uma menina que tem uma boa dicção de voz, canta bem, então se identifica até pra musicalidade, independente que ela venha a ser profissional da música ou não. Mas ela sentiu que foi dentro da escola, seja em qualquer modalidade se foi na capoeira, se foi em outra modalidade que alguém descobriu esse talento nela, que ela passou a ter respeito, ter um valor que antes a família e outras pessoas

talvez nem tinha descoberto, nem sabia que ela tinha esse valor vocal. Muitas vezes a mãe nem sabia que o aluno faz um salto e que esse salto mortal da acrobacia empolga pessoas. Era um valor que ela tinha dentro da casa dela e nem a mãe sabia, é onde a gente começa a envolver família e trazer a família para fazer parte do processo, porque são os pilares da educação a escola, a família e a atividade. Eu boto aí como os três pilares pra fortalecer um processo de mudança vem reforçar a educação. Onde a família que é onde a criança, o adolescente tem que ter aquele respeito pelos seus familiares, de onde ele vem, e aí esse trabalho em conjunto ali e a escola tem a sua responsabilidade, o educador e a família sua. Somando isso, vai tá injetando mais aprendizado pra aquele jovem. A partir desses três pilares, a gente consegue sim (bateu na mesa), mudança, consegue algo. Mas o Mais Educação na minha passagem pelo Mais Educação talvez não foi usado essas estruturas assim no modo de pensar, porque esse modo de pensar não foi pensado, não vem de cima pra baixo é um pensamento meu, enquanto educador. Então é isso que eu coloco, o Mais Educação era para eles ouvir mais os educadores. E olha, posso contribuir dessa forma meu pensamento é esse, queria que o trabalho trouxesse mais a família para dentro do trabalho aqui, aí vou consegui fazer algo com a capoeira. Ouvir professor da música, ouvir professor da letra, da horta e assim vai quando todo mundo pensa em conjunto. Pô, o professor da capoeira tá precisando disso aqui pô legal. Aí o da horta, a horta é maravilhosa para se trabalhar a questão educativa da horta, coisa que eu não via. A horta pô a horta é um alimento. A gente é o que a gente come. Então, o alimento a horta ali tinha que ser mais detalhado. Qual a importância, qual a proteína que tem na alface, que tem no tomate, ele passar isso ali. Passar a reproduzir isso dentro do próprio convívio familiar. Dizer mãe oh, compre agora só verduras assim, orgânicas, verduras ah, tá, verduras assim porque a que tem agrotóxicos isso vai nos prejudicar vai num sei o que. E onde foi que ele aprendeu isso, dentro do Mais Educação. Isso é Mais Educação isso é Mais Educação sendo injetado dentro da própria família, entendeu? Então são essas coisas assim que acho que minha proposta é que você como tá apresentando essa proposta, pra fazer seu doutorado, mestrado, era mais assim dava até pra fazer uma fala muito assim, os educadores tinha que ser mais ouvidos, pra que possa funcionar, porque o educador, se a valorização da escola dá prioridade aos monitores da região, da localidade, então é eles que tem propriedade em falar sobre tais comportamentos culturais da própria comunidade, talvez seja que jovens que não obedece pais, que não tá nem aí, jovens que são mal comportados, jovens que não tem a escola como uma coisa dele, que a escola ali é mais dele do que do diretor, quem tá usando mais a escola é mais ele que o próprio diretor da escola que os professores. Então, o aluno tem que sentir isso aí, e através dessas atividades o próprio instrutor tem que ser orientado pra tentar fazer com que o aluno chegue a esse entendimento, a escola é mais minha do que da direção da escola, de que do professor que vem aqui não sei de onde, a escola é da minha comunidade, a escola foi construída pra mim, então tenho que zelar por ela, entendeu? Não é professorzim que vem num sei de onde, tal e tal que zela mais do que eu. Se todos os alunos pensasse assim, a gente ia termos as escola publicas bem cuidadas, bem pintadas, as carteiras bem tudo, tudo limpinhas, tudo organizadas e seria assim quando sai, os alunos não espera o professor liberar, ah.... Aquela correria toda, as carteiras voando pra tudo que é lado. Isso é uma coisa que continua sendo assim porque os próprios professores, o sistema tá deixando. Porque era pra ter uma coisa, um controle. Os alunos ter o prazer, isso ser natural do aluno. Tocou, o aluno sair, organizar sua carteirinha perceber se tá suja, perceber até pegar uma vassoura e varrer. Ah! Eu vou sujar, que é pra o pessoal do ASG limpar isso aí. Aí fica fazendo uma coisa assim meio que aquela maldade meio que inocente do aluno, de depredação da própria da escola. Entendeu, é isso que acho que a gente, que o próprio Mais Educação deveria trabalhar, fazer com que o aluno sinta que a escola é dele. A gente estamos aqui enquanto educador só de passagem, quem vai usar essa escola aqui são vocês, quem vai usar o banheiro sempre aqui é mais vocês, e depois de você pode ser seus filhos que nem aconteceu isso comigo. Eu usei, me formei, meu ensino fundamental foi

todo no Luiz Maranhão, e agora quem estuda, quem mora, continua na comunidade, meu filho, meu filho estuda na escola pública não no Luís Maranhão, mas na escola aqui da comunidade, na União do Povo. Então, tento colocar meu filho assim, meu filho a escola lá é sua, você tem que cuidar, se você ver alguma coisa errada na escola lá, você tente ajeitar. O parafuso está folgado. Arroche o parafuso. Se não tenta com a mão, não consegue arrochar, peça uma chave, um alicate, vá lá e arroche o parafuso. Faça algo pela escola, não vá só usar a escola sem devolver nada, que você tá usando ela um ano, dois anos, depois outras pessoas vão precisar usar. Talvez seus próprios filhos vão precisar usar essa escola, foi o que aconteceu comigo. Eu usei uma escola pública aqui, me formei, hoje sou um pai, tal, tal tenho um filho, meu filho tá usando a escola. Entendeu, se eu fosse um aluno que vivesse a depredar a escola, e bem, tal. Se todos pensar em depredar (bam, bam, bam) a escola vai se acabando, e não é que a prefeitura e o governo vai ter que ajeitar eles ajeitam, é uma obrigação meia que eles fazem quando querem, a gente é que tem que cuidar. É que nem o espaço aqui, que você tá dentro do espaço, onde tamo gravando aqui, se eu fosse esperar pra que o governo fizesse uma escola de capoeira, eu ia morrer de velho e essa escola não ia acontecer. Eu que tive que cavar, plantar, tal, tal, e hoje estamos aqui usando a escola pra tentar mostrar pra outros jovens que tudo tem que ter uma iniciativa, tudo tem um começo. Tudo. É como uma árvore só dá o fruto na hora. Não precisa arrancar, agora já quero comer manga, já quero, não. Você quer comer manga desse pé, vai ter que esperar, vai ter paciência. Vai dar fruto. Plantou manga, vai dar manga, plantou abacaxi, vai dar abacaxi. Então, o que que você tá fazendo. É igual agora, a minha pergunta Kéllia é pra você: Qual a sua proposta, o que que você quer com esse desabafo de um professor, do mestre Arrepio aqui falando pra você. Você fazendo essa sua mais uma graduação do ensino superior, é plausível essa sua iniciativa de ouvir os monitores, pra tentar retratar isso em outros espaços da própria, do setor da educação, na defesa de seu curso, é que possa ter um olhar. Que bom seria se essa nossa, essa fala de cada monitor desse que você tá ouvindo, tá gravando, pudesse chegar na base, que pudesse, que tivesse. Mas eu apenas, que nem tô fazendo esse desabafo pra você dentro de uma visão muito pessoal minha. Em alguns pontos eu possa tá correto, em outros pontos possa parecer que na sua visão que não esteja. Na visão de outros possa que eu não esteja correto. Mais é aquela coisa, cada um de nós pensamos de um jeito e agimos de um jeito. Não somos donos da verdade, apenas né, tentamos reproduzir o que nós achamos que é verdade e assim vai, assim é feito a humanidade e assim é feito a convivência cultural e a cultura ela vai se reinventando a cada momento, a cada dia, esse é o mestre Arrepio, é Nivaldo Freire. Falei que trabalhava muito a questão dos valores dentro da roda de capoeira dentro da oficina de capoeira e como vi a questão e a contribuição da oficina e se teve algum impacto na vida de algum ou de alguns alunos que participaram do programa ou aqui da comunidade. Isso, assim a ideia do impacto, resultados, frutos, que nem hoje lhe falei. Se eu plantei manga, tenho que colher manga. Um pé de manga dura quase num sei quantos anos para vir dar frutos. É, foi eu, foi baseado nisso aí que tento fazer as minhas coisas com a capoeira. Então, tenho que ter paciência. E foi tendo paciência que eu vi resultados. A gente tem resultados de alguns alunos hoje é que digamos tão dentro de uma linha de pensamento reprodutivo do conhecimento pra o lado da valorização da vida, muitos alunos que hoje são, tenho depoimentos inclusive gravados pra o meu livro que eles relatam que hoje não são usuários de drogas, não são assaltantes, talvez não tivessem nem, não tão preso, então, por consequência de um trabalho que a gente vem desenvolvendo com a capoeira aqui na comunidade e eles fazem parte desse ciclo, eles não tiveram é tempo pra se dedicar a outras coisas dos males da comunidade que a comunidade tem a oferecer. Então eles agradecem, não que eu, aquele fulano da mesma idade que eu, hoje ele tá preso, porque começou a roubar, começou a fumar maconha tal, tal, e eu me dedicava muito a questão da capoeira, tal hoje tô aqui sou professor. Eu tô falando isso de alunos, depoimentos de alunos e outros tão bem, tão trabalhando, outros tão casados. Hoje, quando a gente chega pra falar com eles na vida, não é foi só por causa da capoeira, mas a passagem dele,

a vivência dele com a experiência que a gente tem da capoeira, ajudou. Foi um ponto, foi um ponto positivo na vida dele. A capoeira foi um ponto positivo na vida dele. A capoeira não é tudo na vida de um jovem, mas ela contribui na parte positiva. Desde a parte da saúde, a questão social, da orientação, onde ele tem palestra, tem ele recebe orientações sociais. É a parte física que justamente essa metodologia que venho tentando montar é pra fazer com que a partir dele, a mudança depende dele, não depende de mim. Apenas ele, a capoeira vai proporcionar momentos pra ele, e dentro desses momentos ele tem que refletir, tem que decidir. Porque a capoeira ela é criada por uma questão justamente da liberdade. Uma liberdade corporal, liberdade do pensamento. Na roda de capoeira ele pensa o que ele vai fazer, não é monitorado, não é um robô que tá programado, ele pensa, ele executa o movimento que quer. Ele tem a liberdade de cantar, a liberdade de criar música, de fazer improvisado da música, de fazer improvisado com movimentos do corpo, então, aí a gente leva isso pra fora da roda. Na vida ele pode também improvisar, ele pode, agora, coisas que seja que venha a ser positiva pra vida dele. Aí a gente faz os parâmetros do que é bom e do que é ruim. Aí dentro da capoeira muitas vezes eles vêm a ter tem informações coisas que eles não têm essa, essas coisas dentro da própria casa deles. Porque muitas vezes o pai é o espelho. Mas quem não tem o pai e quando o pai não passa a ser um espelho positivo, não, mas meu pai se droga, e aí, o que é que eu vou fazer mestre, eu vou se drogar também, eu vou ser igual ao meu pai? Ah, não eu nasci na favela, moro na favela, eu tenho que morrer dentro da favela num barraco coberto de palha de papelão? Não! Você pode ser um ponto de partida de mudança na sua vida, na sua família, só depende de você, se você quer continuar morando na favela, se você quer ser pobre, se você quer, tal.tal pobre em questões financeiras. Você pode ser rico de conhecimento, com essa riqueza do conhecimento vai levar uma vida mais saudável, uma vida melhor, e você vai ter uma casa de tijolo, tal e tal, você vai ganhar uma riqueza monstruosa que não tem dinheiro que pague que é o respeito das pessoas pela sua pessoa. Então, é isso dentro da capoeira que a gente tenta trabalhar, que tenta fazer uma reprodução dentro da pra comunidade. Aí respondendo a sua pergunta: Você tem algum aluno que participou que lhe acompanha ainda nas apresentações?

Isso a gente tem alguns, vários alunos tem o Jonas, tem o Manassés, Denílson, Denílson hoje, Denílson é um grande monitor, onde ele é um grande artista. Ele faz várias habilidades, hoje, as fotos dele tão espalhadas por várias partes do mundo. Ele se apresenta em quatro hotel cinco estrelas que ele é uma habilidade. Ele tem, por ser um pouco acima do peso, mas ele faz coisas, umas façanhas de saltos de piruetas e dentro, você conheceu Denílson e ele era um péssimo aluno da escola. A escola chegou a querer expulsar ele de lá. O diretor Adilson veio conversar comigo sobre o comportamento dele. Eu tentei conversar, tal, explicar que a gente tava num processo de mudança, e hoje ele é um grande, é um aluno hoje, um bom aluno. Dentro do nosso trabalho aqui ele é um exemplo, lógico que ele tem suas limitações, a questão familiar, a convivência da comunidade mora em Felipe Camarão, uma região um pouco crítica. Mas se, ai eu acho e tenho depoimentos dele também. Se não fosse a capoeira tá oportunizando a ele a ter espaço, vivenciar, andar em espaços legais e ter uma atividade recreativa boa, em ter convívio com pessoas legais, talvez ele fosse um meninozinho de outro, ele ia ter espaço, ia ter tempo pra se dedicar a outro grupo da comunidade lá que não são pessoas legais, que não são pessoas que pensam positivo pra vida, pensam de maneira negativa de se drogar, de roubar, e ali vive o dia a dia mermo, um dia atrás do outro sem pensar em pensamentos projetados, programados. Então, tenho graças a Deus hoje exemplos bons que podem tá assim sendo citados, e assim a ideia que a gente tenta, é tentar reconstruir cada vez mais esse projeto pra que ele possa. Eu não tenho assim algumas metas que a gente tenta bater as metas pra poder reforçar. Mas quando a gente ve uma mudança, duas, três, aí a coisa já começa a melhorar e assim porque a vida ela é meio complicada. É o que espero que no futuro, a gente tenha vários arrepios da vida, várias pessoas com esse pensamento de pensar em reproduzir o conhecimento positivo da influência dos jovens, justamente atacando esse lado quando os jovens não têm isso dentro do próprio

convívio familiar. Quando você percebe, quando pego jovens aqui que procuram uma capoeira e quando vou rastrear a questão da família e que vejo que ele não vem de uma família de base, organizada, então esse jovem ele tem que ser repensado, aqui, reciclar todos, reciclar um, todo uns valores deles aqui, que não foi que ele não conseguiu aqui na base familiar. Então o comportamento deles aqui, do Denílson, eu não posso, pra mim não pode ser uma coisa ah!, impactante, se ele for mal comportado, se for uma pessoa mal educada, se, porque se a gente tem conhecimento da base da família vai perceber que ele não teve a oportunidade de se projetar pra sociedade com organização, com educação, com educação básica. Então, a gente, os projetos sociais eles foram construídos justamente pra tentar ajudar nesse processo aí. Então, essa é ideia que tenho do projeto social, que é a ideia do Programa Mais Educação é tentar reforçar isso aí, por isso volto a dizer de novo, tem que ser repensado a questão de ouvir os monitores, de ouvir as famílias, aí consegue ter um impacto positivo pra o programa mais ou menos essa é ideia do meu pensamento.

Se acredito que o Programa Mais Educação, através das apresentações que tinha deu visibilidade à escola? A Escola Luís Maranhão? Isso, eu sinto isso porque como aquele evento que acontece na universidade a Cientec, sempre eles pediam apresentação da capoeira, as apresentações, porque as apresentações eram impactantes ali no palco, tudo assim. Aí todo mundo ali aplaudia, era muito, então, quem era solicitado pra fazer as apresentações a Escola Luís Maranhão, a oficina da escola. Que muitas vezes nem tanto o professor da oficina em si, era um impacto tanto pros alunos da escola, como a própria escola. E é onde a escola podia tá jogando ali em público que a escola tem atividades culturais, atividades educativas, atividades que fazem parte do programa, ela tá sendo, tendo um momento de apresentar num espaço onde tem várias pessoas, diversas atores ali da educação, pessoas que pensam aí que acham legal, e que lá dentro nas apresentações que a gente fizemos lá, é recebi convite pra tipo assim, ah, mas eu tava, diretor de escola, tava querendo fazer um trabalho em outras escola, na minha escola lá. Então surgiu proposta de a gente trabalhar em outras escolas. Felipe camarão, uma também lá na zona, nas Quintas. E assim não fui porque eu não queria, pra mim eu não podia pegar mais de uma escola, eu não tinha interesse, mais até indiquei uns, teve um colega meu que indiquei pra trabalhar lá nas quintas. E acho que ainda hoje, tá por lá ainda. E assim foi. Então, a escola, sim a atividade deu visibilidade a escola porque era um momento, se escola não tivesse essas atividades no caso da capoeira, então a escola, o nome da escola não ia tá sendo citado ali na Cientec naquele momento, naquele palco de apresentação. Então, quando a Escola, apresentação da Escola Luís Maranhão ia pro público, é! Todo mundo lotava o palco ali, pra ver. Era um jeito do próprio aluno tá levando o nome da escola a outros espaços positivo. Um espaço de apresentação onde as pessoas iam tá aplaudindo ali e gostando da apresentação.

Necessidade de formação? De formação acadêmica? O programa me ajudou no sentido justamente assim, porque quando eu entrei para o Programa Mais Educação, não tinha formação em pedagogia. E assim, eu senti o programa, lia sobre o programa, sempre fui curioso naquilo que quero fazer, o que eu me proponho a fazer. Aí fui lendo sobre o Programa Mais Educação do governo federal com a ideia de dar uma de contribuir com esse processo, tá melhorando o processo educativo no pensamento diferenciado da, a partir de outras linguagens. E aí eu percebi que quando eu me perdia em alguns pontos, assim da parte pedagógica, senti que eu tinha que fazer independente de qualquer outro curso, de educação física ou algum outro curso, eu tinha que fazer logo pedagogia que era a pedagogia da organização pra mim poder me organizar, enquanto. Saber elaborar um plano de aula, saber fazer um relatório, saber fazer um projeto. Tá então eu precisava disso aí, que é onde eu aconselho vários professores mestres que nem a gente colocou dentro do projeto interno nosso aqui, todo mestre de capoeira do século 21, tem que ter nível superior porque vai tá agregando mais valores a capoeira, entendeu. Então, quando eu tava fazendo parte do programa não tinha nível superior, aí me sentia um pouco perdido e foi dentro da questão de até orientar os jovens hoje a fazer nível superior, pelo uma questão não

só de questão trabalhista de disputar o mercado de trabalho mais qualificado, mas também de ele adquirir mais valores pros seus conhecimentos e abrir mais espaço do pensamento dele, pensamento mais aberto pra essa questão, porque o ensino fundamental é o ensino fundamental, o ensino médio é o ensino médio, o ensino superior é o ensino superior, um mestrado é um mestrado, um doutorado é um doutorado e assim sucessivamente. Nunca se para de estudar e de aprender. Porque a maior riqueza que a gente pode construir é o aprendizado quando a gente tem uma riqueza de conhecimento que a gente não pode nunca esquecer, que ninguém consegue lhe roubar. Eu consigo roubar seu celular, consigo roubar, tal. Mas o conhecimento não consegue, então é onde é um investimento que tem toda proteção que você nunca vai perder. Enquanto, você for lúcida e você tiver consciência do que você aprendeu, quanto mais você ensina, mas você aprende. Então, quando eu aprendo alguma coisa, eu aprendi alguma coisa hoje, eu quero ensinar aquilo que aprendi, porque reforça ainda mais o meu aprendizado. E assim vai. Então acho que é assim a questão do próprio Mais Educação, ele pode pegar essa, me incentivou mais, provocou mais no sentido pra mim chegar a buscar nível superior, entendeu? Porque, é muitas vezes quando você me pedia o relatório, quando você me pedia tal, tal o plano de aula, tal e tal, eu já tinha mais ou menos uma ideia porque eu tentava fazer de maneira que aprendi na marra. Aí dentro da questão acadêmica, fui aprendendo de maneira organizada, passo a passo, como se faz, como se vê, o porquê, tal e tal. Então, acho que é importante buscar conhecimentos, agregar valores aos seus conhecimentos, seja de nível superior, seja de outras disciplinas, é favorável, é muito bom.

É legal. [Eu que] lhe agradeço em você ter vindo aqui à comunidade novamente, anos depois e tá tentando ver que a minha passagem pelo Mais Educação, o meu intuito não foi apenas um intuito financeiro, era apenas dar continuidade a um trabalho que já tínhamos na comunidade e quando a gente trabalhamos dentro da escola, veio reforçar cada vez mais e mostrar até pra os outros alunos como pra mim mesmo que a escola é o local do conhecimento, é o caminho da mudança das futuras gerações, é o que gente pode tá indicando a escola e o resto é com Deus e Deus tá no comando.

ANEXO III – ENTREVISTA COM MONITOR 2

Pesquisadora: Boa tarde. Como já falei para o senhor, estou aqui para realizar a entrevista porque faz parte do processo, do mestrado, para eu poder concluir tenho que realizar a pesquisa. E um dos objetivos da minha pesquisa é refletir sobre as contribuições do Programa Mais Educação, na Escola Luiz Maranhão no período de 2009 a 2013. Quais foram os avanços, as dificuldades. E a participação do senhor é muito importante. Gostaria de saber, inicialmente, se o senhor autoriza a entrevista e a publicação no trabalho.

Entrevistado: Boa tarde. Com certeza que autorizo. E falar um pouco dessa minha experiência pra mim também é uma honra participar desse, da sua vida, sua formação. E o Mais Educação pra mim foi uma porta que me abriu muitas... digamos assim uma janela que me abriu muitas portas. Eu fui convidado pela direção para participar. E no início, eu não tinha assim, muito conhecimento de lidar com aluno. Mas foi uma experiência excelente. Porque era, era novos caminhos que estava se abrindo e novas oportunidades tava abrindo pra mim. E aquele momento pra mim foi tudo. Muitos disseram, comentavam que as crianças (risos) iam me botar pra correr no primeiro momento. Mais pra mim foi tão bom e a aceitação foi tão ótima que eu depois cheguei até me surpreender. Que realmente no início foi muito difícil, não era fácil lidar com as crianças naquele primeiro momento. Uma escola que, não estava muito bem no IDEB e a gente pegou essa escola e com muito trabalho do Mais Educação, ela teve um desenvolvimento muito, muito bom. Subiu alguns graus, que precisava, e foi uma experiência ótima, não tem como descrever.

Em minha vida, sim, mudou bastante. Porque como não tinha muito contato assim com as criança, e as pessoas já me conheciam meu temperamento achava que eu não ia dar conta. E trabalhar com criança, eu já tinha experiência sim, em outros setores, em outros setores eu tinha já trabalhado com criança, mas não em escola. Pra mim foi muito importante porque é junto com as crianças como a minha oficina era do meio ambiente, as crianças em si, não gostavam. E era tudo novo. E eu ficava me perguntando como é que vou conseguir manter essas crianças junto comigo se é uma oficina que eles não gostam. A oficina que eles adorava era o que, era futebol, futsal, capoeira, a dança, a horta o meio ambiente, já sabe né? Mas eu levava as criança e não durava muito tempo não, bastava ter uma conversa com eles. E as vezes eles faziam mais coisas do que eu. Porque o objetivo da oficina não era que eles trabalhassem, e sim, que só apenas observasse eu fazer. Mas eles me perguntava, professor, vamos ficar só olhando, ah, assim eu não quero, eu quero participar. E quando eu percebia tava já tudo envolvido, não queria nem sair mais da oficina e pra mim foi maravilhoso.

Primeiro eu fazia o acolhimento, tinha o acolhimento. Não, não chegava assim de imediato, pedir pra fazer o trabalho. Agente fazia o reconhecimento da área. Eu explicava pra eles a questão do meio ambiente e o que a gente ia fazer. A importância das verduras, dos legumes que nós ia plantar. Porque não é só a gente plantar, também eu explicava para eles a questão de que é germinação, as vitaminas, os nutrientes. E isso também levava um tempo pra eu conversando com eles até que eles se acalmasse um pouco pra poder a gente fosse realmente pra prática. Não era chegar e fazer diretamente, já na prática, não. Primeiro tinha a aula teórica. E em seguida, a gente ia pra prática. E quando ia pra prática eles me surpreendia, porque cada um queria fazer. Todos queriam participar. Tá certo que tinha uns que davam um trabalhinho. Mas a gente contornava e no final aquele era quem mais participava.

Tinha os momentos de...a gente tinha, eu primeiro mostrava a eles a importância do setor, mostrava a terra como era que tinha que ser preparada, fazia todo um levantamento. Tirava, geralmente quando nós chegava o mato tava muito grande, eles já se assustava. Mais eu ia na frente fazendo outros caminho, e mostrando a eles ó aqui não se perde nada, o que a terra dá, a terra mesmo colhe. E ela recebe de volta, então a gente começava a fazer aquele trabalho,

desmanchando os matos e já planejando pra fazer os canteiros. E no final, o resultado sempre a gente trabalhava com a linha de verduras de sessenta a oitenta dias no máximo, para que também não durasse muito dias, porque tinha que ter um retorno. Essas verduras era servida no almoço e nos finais de semana a gente também contemplava os alunos, e até as vezes quando sobrava, a gente também contemplava as equipes técnica da escola e todos saiam ganhado no final.

O primeiro contato deles com a terra, ah, tinham criança que fazia que não queriam participar. Realmente tinha alguns ah, mamãe não quer que eu pegue na terra aquelas coisas toda. Mas tinham outros que se deixasse queriam tá só mexendo com a terra. Mas é como eu já lhe falei assim, a terra, ela precisa ter um cuidado também, né. Primeiro eu olhava porque como se trata numa área é urbana, tem muitos animais soltos, por exemplo, o gato. Primeiro eu fazia um levantamento, um mapeamento, pra que também as crianças não ficasse pegando diretamente, nós trabalhava todo com material adequado pra que ele usasse a mão o mínimo. As mãos pra na terra. Mais tinha momento que eu pedia mesmo que eles fizesse com a terra, com a mão pra sentir, pra sentir que como se tratava de uma oficina e também de um trabalho que era primário, se tratando de agricultura e meio ambiente eles tinham que sentir que realmente tem momento que a gente tem que pegar na terra. Porque horta, meio ambiente é o quê? É a terra e água né, no caso semente. E precisava apenas do homem pra que fosse feito o trabalho manual. Então, a gente tava ali pra isso também. Tinha hora que a gente tinha realmente é pegar com as mãos. E esse momento é era de imediato, não levava muito tempo, não, um mês, dois meses todas crianças já tava toda preparada e os trabalho era muito bom mesmo. Eles não tinham receio de nada. Mas sempre tinham primeiro a orientação antes que fosse manusear a terra.

Pesquisador: O senhor falou no manuseio da terra. Quando eles viam que se trata de hortaliças como o senhor falou era coentro, cebolinha começavam a germinar, como eles se sentiam?

Entrevistado: Era muito interessante porque quando a gente, quando eu dava antes de preparar, quando nós preparávamos a terra, eu dizia pra eles que eles tinham que ficar atento esse momento que era o momento de germinação, por exemplo, coentro, o coentro ele tem o período de germinação, cada uma semente daquela tem o período de germinação. Então, quando se plantava coentro eu dizia pra eles ó, o coentro a gente tem que observar de sete a dez dias pra germinar, germinação o que é germinação o primeiro momento que a primeira folhinha tá saindo da terra né, é saindo do solo, da superfície da terra, então, a gente via, a gente marcava no caderno, eu pedia a eles que me ajudasse pra que a gente não esquecesse aquele momento, porque era muito interessante, quando nós voltava que eles via a terra, é a terra rachando, areia sobressaindo e as semente saindo junto com a folha, aí eles ficava maravilhados. Era muito interessante mesmo, esse primeiro momento.

Meus conhecimentos.... olhe, no primeiro momento eu precisei, a gente tinha o curso né, ministrado pela... No primeiro momento o que eu tinha era suficiente sim, mais ai nós também fazia o curso tinha o acompanhamento com a equipe técnica da EMATER, que por sinal muito boa, e era uma troca de experiência muito boa mesmo. Tanto agente aprendia com eles, claro, e às vezes eles chegavam até a dizer que eles aprendiam com a gente. Então pra mim foi mais um aprendizado, mais no primeiro momento o que eu tinha era o suficiente pra fazer. Porque eu venho de uma família de agricultores de base. É com a diferença que lá eles não sabia a importância dos nutrientes, eles plantavam por plantar. Pra ter lucros, pra vender pra comer. Na escola é diferente na escola você tem que ter o conhecimento pra que serve, a importância das vitaminas, dos sais minerais e também você tem que ter o conhecimento da germinação, não é só colocar a semente na terra e o adubo, verdade? E o melhor, como a gente trabalhava com uma linha de produtos orgânicos, não poderia jamais colocar produtos que fosse químico. Por exemplo, os venenos, agrotóxicos, jamais a gente usava. Por isso que dava mais visibilidade ainda o nosso trabalho, e as crianças quando a gente passava com os pais das crianças eles ficava maravilhado. E o mais importante pra mim também é quando nós chegamos muitas crianças não comia verdura, quando se falava em comer verdura, os meninos fazia cara feia (risos)

entendeu? “Eu não sou bicho pra comer mato”. E a partir que eu ia mostrando a eles, fazendo experiência dentro da própria horta, colhendo e fazia as brincadeira com eles, e quando era na hora do almoço todas criança já começava a querer comer, e em pouco tempo elas usava todo tipo de verdura, isso pra mim foi também muito importante, esse passo que a gente deu.

Formação da EMATER, sim, as oficina era ministrada pela equipe da EMATER e a cada, se não me engano uma vez por mês, ela era feita nas escola. A gente no primeiro momento, a gente escolhia as escola e pra fazer essas oficina, inclusive a nossa escola foi contemplada, aonde nós fizemos um antedefensivo, se eu não me engano foi um biofertilizante e também fizemos, é eu fiz com os alunos uma experiência do ME4, essa experiência a gente trouxe da EMATER, que a gente foi num local onde é poucas pessoas tinha usado porque a gente tinha que pegar o material onde o ser humano não tem, não tinha muito contato, onde só os animais passava, então nós fomos, pegamos esse resíduo e fizemos uma experiência com os alunos e foi maravilhoso, no final a gente viu o resultado tinha que encontrar os micronutrientes, benéfico pra terra pra que a gente trouxesse de um lugar pra outro pra fazer o ME4 que é um biofertilizante, onde a gente ia usar, passava a usar dentro da horta nas proverização.

Sobre as dificuldades encontradas, as dificuldade maiores as vezes era mais assim, é em termos de, de materiais, no início, teve uma pequena resistência, mais ai depois que a EMATER entrou com os cursos, ai melhorou bastante. As dificuldade era mais só no início mesmo, aquelas crianças que não tinha muito o hábito de participar, porque o projeto ele mapeava aquelas crianças, com mais dificuldades, então essas crianças, as vezes vinha de outros setores, de outros bairros, e era escolhido realmente a dedo. Mais ai a gente com ajuda da coordenação dos próprios monitores também a gente era uma equipe muito boa, é muito compreensiva, um ajudando o outro, quando a gente tinha dificuldade a gente procurava orientação com a coordenação, até mesmo as vezes com a escola, num todo e no final a gente conseguia dominar e afastar as dificuldades. Porque sem dificuldade, também, não existe, não existe, né. As dificuldades existe pra que a gente possa saber superá-la. Isso aí acho que vai ser conjugado. As dificuldades que eu me refiro foram essas sempre no início, e alguns material que a gente dificuldade de conseguir. Por exemplo adubação. Adubação que como a gente trabalha com esterco. E a escola também elas trabalha com documentação e a burocracia as vezes atrapalhava um pouco, né. E agente sentia dificuldade nesse termo. Porque as plantas por elas ter um tempo muito curto, a adubação as vezes demorava a chegar num é, por conta da burocracia. Por exemplo pra se comprar um adubo orgânico se precisa de nota fiscal. As veze precisava do adubo natural que é o de gado. Esse mais difícil ainda que as fazenda, num é, não fornece nota fiscal. E a gente como eu falei, o coentro, por exemplo, é trinta dias. Então, quando eu coloco a semente a terra já tem que tá adubada, e a cada dez dia ou no máximo duas vezes por mês eu tenho que adubar ela, antes que ela saia porque com trinta dias ela sai da terra. E as outras é sessenta, no máximo oitenta dias. Ela tem que ter no mínimo duas adubação nesse período. E as dificuldade era somente mais essa aí.

Ah, os avanços pra mim, teve um momento que eu fiquei muito assim feliz porque a criança chegou pra mim e disse “professor, de todas oficina a que eu mais gosto é a do senhor”. E olhe que lá nós lá tinha a capoeira, a dança, a matemática, português e a oficina de horta era como assim, vista como um castigo para alguns alunos que ia lá como castigo e eu dizia lá, sempre dizia a coordenação, eu não quero aluno lá como castigo quero que ele vá com vontade mesmo que ele vá e não queira participar, ele vai ficar comigo, então depois que ele entrar aqui eu vou saber lidar com ele, quando via que ele não queria eu pedia ó fique aqui sentadinho, observando, quando você achar que tá preparado pra voltar, é só me avisar que eu lhe recebo, agora você não vai sair daqui, vai ficar pelo menos observando. E então no final, essa criança chegou pra mim, e dizer pra mim que foi uma das melhores oficinas, que gostava não era nem pelo fato de ele levar as vezes pra casa né, que muitas vezes ele chegava pra mim e dizia que não tinha nada em casa, certo. Não era nem o fato dele levar, que gostava mesmo, inclusive,

tinha anos que eu dizia tinha períodos que eu dizia você fez um canteirinho, bota seu nome, você quem vai cuidar, nós vamos cuidar, você vai ter só um cuidadinho maior, mas esse aqui é nosso é da escola, não é seu tá apenas seu nome, e ele aceitar e no final, chegar pra mim com esse relato pra mim foi muito importante, foi um avanço enorme. Uma criança que não ficava na sala de aula, tinha mais entrada na coordenação que os próprios coordenadores, no geral e chegar no final e a gente ter um resultado desse pra mim, foi maravilhoso. E o outro avanço como eu fazia parte da escola como conselheiro também pai de aluno, representante de pais de alunos é o IDEB da escola era muito abaixo né, era uma das escolas, que sempre estava abaixo do IDEB e a partir do Mais Educação com certeza posso afirmar que foi a partir do Mais Educação a gente a escola começou a ter um avanço, tivemos dificuldades até pelo próprio corpo docente, porque as crianças passaram a observar os monitores do Mais Educação, como professores, e isso incomodava um pouco os professores, mas no final a gente chegou a um entendimento e deu tudo certo, e a partir daí eles se conformaram também porque, começou a aparecer os avanços a escola que tava abaixo de três se não me engano o IDEB ele tava em terceiro, segundo lugar mais ou menos das piores, passou a ter um avanço e aí todo mundo percebeu que realmente o Mais Educação veio com o objetivo de ficar, apesar que mais surpreendeu, surpreendia para eles, eu acho foi o fato da gente não ter formação, só tinha realmente professor de português que precisava ter essa formação. Mas os outros monitores não precisava no meu caso, por exemplo o meu conhecimento, só da vida mesmo do campo, conhecimento que eu aprendi com meu pai, com a minha família. Mas a partir do Mais, comecei também a me interessar pelos livros, pelos cursos aí teve uma dinâmica muito boa, na minha vida porque mudou tudo também, lapidou também o mais educação foi um dos motivos que hoje eu tenho orgulho de dizer que eu participei do Mais Educação, porque ele foi pra mim uma formação muito boa que eu já tinha, mais não sabia usar, certo, aí eu comecei a me lapidar também, junto com a equipe técnica do Mais Educação os coordenadores muito bom, quando a gente tinha qualquer dúvida a gente procurava eles, e era tirado. E também na minha oficina eu era meio chato, eu confesso, as vezes quando o coordenador chegava, aí o menino chegou o coordenador, eu digo quem manda aqui sou eu, coordenador, aguarde ali, olhe ali quer conversar, depois a gente conversa lá é outra coisa então as crianças as vezes fazia isso pra me provocar, achar que eu ia baixar a cabeça, mas era uma conversa que a gente já tinha tido antes, e quando a gente precisava ser chamado é claro que a coordenação chamava a gente, o que é que tá precisando o que tá faltando, vamo melhorar, vamo avançar tinha alguma coisa que tava faltando. Então a gente tinha essa conversa, pra mim o Mais Educação foi uma experiência única na minha vida. É hoje eu sinto por saber que minha área saiu o ministério da educação tirou o meio ambiente, é fiquei um pouco triste mais fazer o que né, a escola que a gente chegou a colher duzentos pés de alface num pequeno espaço, se não me engano vinte metros 18 a 20 metros, de comprimento por sete metros de largura, um espaço muito pequeno. A gente chegava a colher duzentos, trezentos pés de alface é muito alface principalmente orgânico, a gente usava para a alimentação como já foi dito, e no final de semana a gente contemplava os alunos e a equipe técnica quando realmente sobrava, o Mais Educação pra mim foi um sonho realizado que eu não esperava sonhar, e mais aconteceu na minha vida, muito bom.

Pesquisadora: O Mais Educação na vida dos alunos o senhor percebeu alguma diferença neles, o que representou para eles?

Entrevistado: Ah, deu pra perceber muitos relatos importantes na vida daquelas crianças que participaram do Mais Educação, que eu conheci, é, morando em periferia, como a gente sabe, com muitas dificuldades, sem ter lazer, sem ter oportunidade, nada, só o estudo mesmo, que é o que os pais as vezes pode oferecer, mais com muita dificuldade de aprendizado, porque eles estavam acostumados a ver um outro mundo. Então, eu na minha oficina, teve muitas, teve duas ou três crianças que eu tinha que conversar com eles separados, tinha que conversar com eles porque eu conhecia eles. E eu chegava pra eles e dizia, olha aqui eu sou teu monitor, teu

professor, ali lá fora sou teu amigo, mais você que tem fazer essa escolha, aqui a gente tá querendo te ajudar, e até em um momento a coordenadora me chamou a atenção porque eu conversei meio duro com um aluno, mas eu precisava ser, precisava ser duro com ele. E depois ele voltou em outro momento e me agradeceu, ele chegou eu peguei ele com uma conversa meia dura, com um colega eu disse não faça isso, que fazer faça, mas não chame o colega. Conversei com ele, ele se abaixou em prantos, depois ele disse “eu só tenho a lhe agradecer porque o que aconteceu comigo hoje eu devo ao senhor aquele momento me desculpe eu tava nervoso, eu cheguei a falar coisa que eu não devia com o senhor. O senhor em momento algum foi áspero comigo, entendeu? E aquelas suas palavras me doeu, mas hoje eu sei o peso que elas têm, elas me fez uma criança melhor”. Então teve muito avanço com a criança, teve uma aluna ela chegou pra mim deixou dois alunos sair, e chegou pra mim e disse se você é homem me tire daqui de dentro agora, ela se rebelou dentro da horta, e eu fiquei pensando meu pai o que é que eu faço pra tirar essa criança e era mais uma menina, seus onze, doze anos, você num é homem me tire daqui e eu conversei com ela, tive a paciência de conversar meia hora mais ou menos, se eu não me lembro, os alunos foi embora e eu fiquei sozinho com ela na horta, até conseguir tirar ela, tirar não, ela sair por livre espontânea vontade também foi outra que depois me agradeceu. Esse relato que eu tô passando hoje a coordenação nem sabia, nem sabia, tinha coisa também que eu nem levava pra coordenação, eu que tinha que resolver aquela situação, como a coordenação já tinha muito trabalho também, as suas atribuições, reuniões com secretaria, com a direção, então tinha coisas que eu pudesse fazer eu resolvia e também não levava mais aquele problema, discutia algumas coisa e outras eu via que não era necessário, certo. Mas nesse momento aqui é necessário sim, porque é um relato, pra ela (risos) tá se surpreendendo aqui nesse momento que não sabia mas esses são as dificuldades que a gente tem que enfrentar, e se você não tiver preparado para enfrentar as dificuldades ai não tem como você pegar e assumir uma responsabilidade dessa. Então acho que foi importante pra mim por esse motivo porque eu estava preparado pra fazer por isso, que eu não comentei algumas coisas, o fato dessas duas crianças. A primeira que era um menino, a coordenação me chamou, conversou, mas a menina eu não falei porque não foi tão assim, é coisas fortes apenas ela me provocou, como era mulher achou que eu ia usar de violência, tirar ela na marra, e jamais eu ia fazer isso e ela também no final me agradeceu, foi uma das alunas que mais participou também, e pra mim isso valeu como uma experiência e esses momentos foi o que me fizeram é enxergar melhor a vida né, porque eu também tinha um temperamento muito forte e a partir daí, eu comecei a me controlar, aquilo que eu fazia por exemplo, que eu usava um tom mais forte com meus filhos em casa, comecei a entender que na rua era diferente, em casa eu tinha autonomia com meu filho, agora lá era o filho dos outros eu tinha que pensar melhor, então ali eu tinha que realmente está preparado para aquele momento.

Então além da aprendizagem do desenvolvimento dos alunos nas oficinas, a horta não era só a horta em si, tinha dias que eu não ministrava apenas a horta, tinha dias que eu não dava aula de horta, tinha dias que eu parava e conversava com eles, certo. Hoje é só uma conversa gente, vamos conversar sobre outro assunto. Então tinha momento que o espaço ser pequeno as vezes ministrava um tipo de brincadeira ia pro pátio, brincar com a bola mesmo que não tivesse o futsal mas a gente tinha que ter um segundo plano, por exemplo, assim, se não chegasse a semente naquele dia, que eu tinha que plantar coentro então eu ia ficar um tempo ocioso então eu dava aula teórica e sobrava tempo. Então, eu pegava as crianças brincava de passar o anel. Até mesmo dentro da horta eu fazia perguntas e respostas e também conversava muito assim, eu dizia tipo uma palestra, perguntava a situação a conversa sobre eles pra gente se conhecer melhor. E também brincar, é chegamos uma vez ou foi duas não foi muitas vezes até pra o morro pra brincar, também. Sair um pouco da horta porque a horta se a gente for fazer todos os dias só a horta fica uma coisa meio, meia complicado pra eles então você tem que ter essa dinâmica também, e muitas vezes eu participava junto com as outras oficinas, acompanhado,

por exemplo, se tivesse chovendo, não podia ir pra horta, mas eu ficava na capoeira com eles. Eu poderia ficar na oficina de dança observando, então isso também ajudou eles a fazer esse intercâmbio entre uma oficina e outra.

Falar um pouco da vida deles, foi importante, e era importante, era uma experiência que eu tinha assim de minha própria convivência onde eu morava, certo. E ainda hoje eu moro, quando cheguei era meio pesado eu conversava muito com criança de rua crianças que hoje já não tão mas junto entre nós, mas que eu acompanhe como criança, e vi ele entrar no submundo do crime eu chegava pra ele e dizia olha o caminho é esse, não tenho nada contra a sua vida, mas o caminho é esse. Então aquilo ali serviu como experiência pra mim pra passar para as crianças da escola, né? Porque eu já tinha vivido aquilo ali, dizia pra eles eu vivo numa área de alto risco e não sou, eu sou um cidadão. Meus filhos foram criados lá e nenhum deu para delinquente, vagabundo coisa desse tipo, certo. Então, quem vai fazer a minha personança sou eu, eu é quem vou decidir se quero ou não. Não vai ser o meu colega que diz que é meu “amigo” vai dizer eu fiz isso porque fulano pediu não eu vou fazer se eu quiser. Então esses relatos eu conversava com eles, e eles tinha muita confiança em mim e teve deles de dizer ah, professor eu já fiz isso, já fumei, já bebi, já fui convidado a participar de assalto, essas coisa. Eu digo olhe é isso que eu quero que você enxergue esse caminho não é o legal, o caminho é esse aqui, é a escola, é estudar que você tenha um futuro grande. Eu vou ficar feliz de amanhã ou depois, chegar e saber que você está numa universidade. E eu fiz parte da sua vida naquela, nesse projeto e você hoje está numa universidade, que eu tenho certeza que o pouco que eu passei, mas serviu de alguma coisa aí eu vou ficar triste se eu souber que você não vai tá mais entre nós, verdade mesmo, prezo ou hospitalizado, eu vou ficar muito triste, vou pensar que não serviu de nada. Não é isso que eu quero, então essas conversas eu tinha uma vez por mês eu sempre colocava as veze no meu cronograma de trabalho, sempre colocava, eu não me lembro bem como estava escrito lá, mas eu tenho nos caderno, o que eu ia da aula, então eu sempre colocava. Conscientização, momento de conscientização mais ao meno isso, né. Então hoje conscientização sobre tal tema. Então eu colocava no meu cronograma. E as veze quando chovia de imediato assim tinha que ter o segundo plano, plano B, ai eu fazia essa a roda de conversa. E muitas vezes a gente chegou até unir duas, três oficina para que a gente pudesse começar todo mundo junto. E foi maravilhoso esse momento pra gente e pra eles também.

O Mais Educação eu não tinha experiência nenhuma. Realmente como eu fazia parte da escola como representante de pai, então, o diretor chegou pra mim e perguntou se eu sabia fazer alguma coisa de jardim. Eu até pensei que era jardim realmente, e me surpreendi quando eu peguei, ele disse que era horta. Aí fiquei meio assim surpreso porque na realidade, eu não trabalhava na horta, eu não trabalhava na horta, no campo, quem trabalhava era meu pai. Dos oito filhos que o meu pai teve, eu fui o único que trabalhei menos, que eu estudava, eu tive mais a oportunidade de estudar, fiz até lá no interior, fiz até a quinta série e depois a gente tinha que vim pra cidade pra estudar fora, eu era meio doente, então eu não trabalhava muito, mas eu via como era que ele plantava. Observava mesmo não participando mais eu observava, vendo. Então no primeiro momento quando aconteceu o diretor me convidou, perguntou se eu sabia fazer alguma coisa de jardim eu disse que sim e perguntou se eu queria participar. Tou dentro. E foram, começou em dois mil e nove. Se não me engano passei, a cinco anos, mais ou menos quatro a cinco anos, eu não me lembro bem, quatro anos, é em torno de quatro anos, foi depois a oficina saiu também da escola, usaram a horta como equipamento pra escola, a escola passou pelo uma grande reforma e o único espaço que tinha era a horta foi feito construção. E nesse ano foi obrigado a horta sair. Ainda passou ainda um período com dando aula sobre é tempero, essas coisas, plantas medicinais, mas depois veio e era tempo de sair por definitivo. Mas eu acredito que eu passei uns quatro anos, e pra mim esses quatro anos foi muito bom. Foi uma experiência fantástica na minha vida.

Pesquisadora: E hoje, como o senhor está falando que foi uma experiência fantástica que lembrança o senhor traz do Programa Mais Educação?

Entrevistado: Ah, as lembranças são muitas né, sinto saudade. Ainda participo de uma escola particular, aonde eu dou aula uma vez por semana, é uma vez por semana lá. Também o mesmo projeto de horta. É trabalho hoje como porteiro numa escola, aonde lá eu também participei como monitor. A diretora me convidou pra trabalhar como porteiro e mantenho também a horta lá ainda viva, apesar do Mais Educação agora é o novo Mais Educação, não tem mais o meio ambiente. Mas eu pedi autorização a direção na escola a qual eu trabalho hoje pra manter ela viva, pelo fato de como cresce muito mato na horta e quem limpa sempre é os porteiros, os vigia, aí eu pedi autorização a ela pra manter ela viva. E sinto muita saudade, (emoção) e muita falta realmente, porque se vocês fizerem uma pesquisa hoje, eu acredito nas escola aonde teve o Mais Educação e o meio ambiente passou e teve resultado. Eu acho que as crianças hoje elas sentem falta. Eu participei de três escola e todas as três hoje quando me veem, professor, ainda me chamam de professor e perguntam se não tem mais a horta, é sinal que ela tava dando resultado. Se eles perguntam é porque eles sente falta. Apesar que hoje esses alunos já não participam mais, já tão bem avançados. Mas pras novas gerações, também, é muito bom. Eu tiro pela própria experiência hoje na escola particular que é totalmente diferente da pública. É e lá a gente ver que as crianças são crianças. Não interessa do que elas são, particular ou municipal. Certo? Então, continuam sendo criança. Os hábito são os mesmos. Eu hoje passo pelo mesmo que tô, que passei. Muitas criança quando falam em alface, coentro. “Hi, isso não presta, eu não sou lagarta, né”? Mas com pouco tempo eles se habituam, eles chegam e ficam professor hoje eu quero comer alface, hoje eu quero comer coentro, tem pimentão? E dali da horta mesmo a gente faz só lavar. Passar água, faz higienização. E eles comem como se estivesse comendo o que eles mais gosta, que é bacana, essas coisas. E hoje a gente vê que teve um grande avanço. Eu sinto muita falta do Mais Educação. (Emoção) Gostaria muito que ele voltasse e que eu tivesse oportunidade de novo. E hoje seria bem melhor, com a experiência que tenho hoje.

ANEXO IV – ENTREVISTA COM MONITOR 3

Pesquisadora: Inicialmente eu gostaria de agradecer a senhora pela disponibilidade de tempo em participar desse meu projeto de pesquisa no sentido de estar contando um pouquinho da sua história, da sua experiência pelo tempo que a senhora esteve no Programa Mais Educação. E como eu estava falando pra senhora, inicialmente, o objetivo de minha pesquisa é compreender quais foram os avanços e as dificuldades do Programa Mais Educação na Escola Professor Luís Maranhão e a contribuição a partir das narrativas dos ex-monitores. Eu gostaria de saber, inicialmente, se a senhora autoriza a gravação e a publicação da sua entrevista no meu trabalho.

Entrevistada: Bom dia Kéllia! Eu autorizo. Bom, pra mim, ministrar uma oficina no Programa Mais Educação, foi um desafio. A partir até de espaço. Que o espaço era um desafio pra todos nós, né. E, mas assim com muita perseverança, conseguimos deixar alguma coisa para os alunos e também pra mim foi um aprendizado muito grande. (Silêncio)

Sobre a oficina Reciclagem, assim, eu trabalhava com o meu foco maior era cestaria de jornal. Aproveitando revistas, jornal, encartes, como também usávamos papel, caixas de ovos pra fazer papel machê, e restos e aproveitava cartolina, EVA, aquelas bandejinhas de isopor, também. Fizemos vários trabalhos, e saíram maravilhosos.

Quanto aos alunos, bom, os que gostavam de artesanato, ótimo de trabalhar. Já os que não gostavam, davam dor de cabeça (risos...) (Silêncio).

Pesquisadora: Que estratégias a senhora usava para que eles pudessem participar da oficina? Porque no final como a senhora muito bem falou o resultado foi maravilhoso, as peças ficaram ótimas. Como a senhora fazia?

Entrevistada: Bom, a minha dificuldade era quando eu pegava a turma e gostava e a outra parte não gostava. Então os que gostavam, se dedicavam e os que não gostavam, esses iam só atrapalhar. Foi essa a dificuldade. Muito difícil, mas com o andamento acho que consegui ensinar alguma coisa pra alguns e os que aprenderam hoje até encontro gente. Faz a cestaria de jornal.

Pesquisadora: Quer dizer aqueles alunos que a senhora encontra hoje, eles continuam com a atividade, fazem alguma peça?

Entrevistada: Não, eles fazem, mais assim, só pra casa. Mais assim de viver mesmo, não. Inclusive Genilson e Jeferson eu me encontro com a mãe deles, e ela disse que eles fazem muito assim, em casa. Quando eles viam uma peça concluída, eles ficavam felizes por ter conseguido fazer, né. Quando era a exposição do encerramento dos trabalhos, saía cada trabalho bonito. Eu mesma ficava admirada com a capacidade que eles desenvolveram, a partir da minha oficina.

Pesquisadora: E na opinião da senhora, quais foram as dificuldades que a senhora enfrentou no Programa Mais Educação para realizar a sua oficina?

Entrevistada: Uma das dificuldades foi essa. É, toda turma tinha que participar da mesma oficina gostando, ou não, isso me atrapalhou muito porque eu não conseguia trabalhar com os que queriam, me dedicar totalmente. E isso pra mim foi muito difícil. E a outra coisa foi o material também, que não vinha como a gente pedia. Às vezes a gente precisava de um material, não tinha disponível pra gente. Por eu trabalhar com reciclagem, eu dava meu jeito (risos).

Quanto aos avanços, e assim esse trabalho, esse projeto é um trabalho bonito, só que ele mesmo, eu tendo, tive experiência em outra escola, após o Luís Maranhão e vi que a dificuldade era a mesma.

Ou seja, assim da escola abraçar o projeto porque ela aceitava o projeto, mas não assim num gerenciava como deveria ser. A dificuldade que eu achei, assim a escola aceitar esse projeto. Os meninos do Mais Educação, é do Mais Educação, tá bagunçando é do Mais Educação. E não é da escola?

Pesquisadora: Entendi. Como a senhora ficou sabendo do Programa Mais Educação?

Entrevistada: Fiquei sabendo, é como eu participava do Conselho da Escola, que eu sempre acompanhei meus filhos, todos dois estudaram nessa escola, fizeram o ensino médio, o ensino fundamental. E eu acompanhei de perto a qual eu sempre participei do conselho. A partir daí eu soube desse projeto. E graças a Deus consegui ministrar uma oficina.

Pesquisadora: Antes, então a senhora já trabalhava com esses materiais, já tinha uma experiência, já tinha conhecimentos sobre.

Entrevistada: É tinha participado de oficinas da Semtas. No clube de mães que eu participo né, aqui no bairro tem esse clube de mães, por sinal já é bem velhinho, mas a presidente é perseverante. Passei um tempo afastada, depois voltei, agora já voltou de novo (Risos). E assim é muito bom. Eu gosto muito de aprender coisas novas. E a reciclagem é uma das coisas que mais me chama a atenção.

Porque primeiro eu gosto de artes, né. E quando eu terminei minha, terminei o magistério, ainda dei aula cinco anos de educação artística. Isso me fez sempre gostar de artes. E casei, fiquei sem trabalhar. Mas só, graças a Deus trabalhando em casa. Mas nunca deixei de participar de oficinas de artes. E é muito bom a gente aprender coisa boas. Coisas novas, né.

Pesquisadora: A senhora participou de alguma formação, enquanto estava no Programa Mais Educação? Vocês recebiam formação?

Entrevistada: Tinha uma formação por mês, no Cemure. Aprendi muita coisa nessas formações. Conheci novos monitores e novas ideias. Isso me fez aprender muita coisa. Foi experiência. Eu posso dizer que agradeço ao Mais Educação que mim ensinou muitas coisas.

Pesquisadora: A senhora lembra de algumas atividades realizadas lá no Cemure? Como eles trabalhavam a formação para que vocês pudessem usar nas oficinas?

Entrevistada: Eles usavam muita dinâmica, né. Teve algumas até que a gente conseguiu passar na oficina, e isso assim, cada formação tinha alguma coisa nova pra gente. Se a gente, eu procurava me dedicar mesmo. Estudar aquelas apostilas que elas davam, por que, porque isso ali não era só pro Mais Educação, era pra minha vida.

Pesquisadora: Então, o Mais Educação foi importante para a senhora, em sua vida pessoal?

Entrevistada: Foi. Apesar de muitas batalhas que a gente passa, mas pra mim foi um tempo que marcou mesmo assim. Ainda hoje eu encontro aluno, professora (risos). Às vezes eu nem lembro daquela criatura, quando ela chega. Professora! Mas isso é muito bom. Eu gosto. Continuo sendo a professora.

Pesquisadora: A senhora lembra do início, como eram as oficinas, o ambiente? Como é que era, conte um pouquinho quando começou.

Entrevistada: Como o espaço era pequeno, tínhamos que ir pra outra escola. E lá ainda era mais difícil. Mas assim com muito esforço, a gente conseguiu. Depois foi que conseguimos o espaço na dentro da Escola Luís Maranhão.

Pesquisadora: Como a senhora vê essa questão da visibilidade. A senhora acha que o programa deu visibilidade a escola, a escola ficou mais conhecida, desenvolveu melhor as suas atividades, a participação do Programa Mais Educação foi importante para o desenvolvimento da escola, como a senhora vê essa questão?

Entrevistada: No meu ponto de vista teve algumas coisas, né. Como eu te falei a escola ela não apoiava muito, ela não abraçava muito a o nosso. Tínhamos nós mesmos fazermos a nossa parte com as dificuldades e com o pouco que tínhamos.

No final de ano quando a gente fazia o encerramento, eu observava que poucos professores da escola iam nos visitar. Mas os que iam elogiavam, e só agradeciam a gente. E as vezes por participar dessas oficinas, muitos alunos as vezes eles mudavam o comportamento na sala de aula. Isso pra mim é muito gratificante. Eu ficava alegre quando conseguia que um concluía os trabalhos. Mas ficava triste, quando eu via aquele que não queria nada. Assim como na vida. Desses alunos, alguns já foram. Já. Porque foram para o caminho errado.

Pesquisadora: Mas os que ficaram a senhora acha que o Programa Mais Educação contribuiu, passaram a ter um comportamento melhor, mais objetivo na vida?

Entrevistada: Sim. E assim, no meu ponto de vista o Mais Educação, ele, a logística dele no meu ponto de vista não me agradava, era justamente as oficinas. Se fosse dividido a oficina que se a pessoa se identificasse com aquela oficina, era ótimo. Mas você pegar uma sala de vinte alunos, dez gostam e dez não gostam, olhe você sofre.

Para minha vida, foi um aprendizado e um desafio. Mas assim é através dos desafios que a gente consegue assim, crescer na vida, né. Quando a gente coloca Deus em primeiro lugar. As dificuldades vêm, mas a gente tem outro olhar de conseguir vencer os obstáculos.

Para vida dos alunos, como eu te falei, pra alguns, sim. Pra outros não. Pronto quem gostava da oficina de Capoeira, beleza. Ia se dedicar a capoeira. Já o que não gostavam de artesanato, não ia, não ficava, não dava, não ajudava muito a monitora aqui (risos).

Pesquisadora: E a equipe do Programa Mais Educação foi importante essa convivência, esse tempo com a equipe? O que a senhora aprendeu e o que a senhora ensinou, também?

Entrevistada: (risos). Assim, é foi uma troca de experiências entre esse grupo. Foi muito bom. Naquelas formações, nas nossas reuniões, sempre tinha algo a aprender. Algo a nos passar. Quer dizer, a partir do momento que eu ensino, eu aprendo também. Claro que eu aprendi muito. Nós somos. É mudou várias oficinas. Mas graças a Deus, atrito tem, é dificuldade, tem, como em tudo, né. Se, nessa semana eu tava vendo aquele Sandro, um que participa do programa da Fátima, ele dizendo se um grupo tiver todos com o mesmo pensamento, fica igual a conversa de lagartixa, sim (risos). E assim, a partir do momento que você respeita a opinião do outro, você se coloca no lugar do outro, você tem uma visão melhor da vida e não querer que as coisas sejam do seu jeito. Porque isso a pessoa sofre e não consegue nunca ser feliz (risos). E pra mim o menos é mais, eu preciso de pouco pra ser feliz. Saúde em primeiro lugar.

Pesquisadora: Só tenho a agradecer a contribuição da senhora e a sua disponibilidade em ter contado um pouquinho do que foi a sua experiência no Programa Mais Educação.

Entrevistada: Eu que te agradeço. O que precisar, pode contar comigo.

ANEXO V – ENTREVISTA COM MONITOR 4

Pesquisadora: É um prazer estar aqui de volta e ter essa conversa com você, a respeito do meu projeto de pesquisa que é sobre o Programa Mais Educação. Inicialmente gostaria de saber se você autoriza essa entrevista e se você autoriza a publicação em meu trabalho.

Entrevistada: Autorizo e se for publicar, pode publicar à vontade.

Olhe, primeiro assim, eu vou começar contando como entrei no Mais Educação. Eu sou mãe de dois alunos que estudavam no Luís Maranhão é Ronaldo e Rogério. Então todo dia, eu vinha pegar, vinha deixar. E um certo dia eu tava em casa, aí ligaram pra mim me chamando no colégio. Quando eu cheguei no colégio, era João Varela, o coordenador e disse, Maria José a partir de hoje, você vai trabalhar com a gente no Mais Educação. Eu não sabia o que era o Mais Educação, tomei um susto. Pensei até que era os meninos que tinha dado algum problema no colégio. Mas não, quando eu cheguei lá, meu nome já tava escrito que eu ia fazer pintura em artes. Quer dizer, eu não tinha experiência nenhuma. Entrei sem saber de nada, não vou dizer que eu sabia, porque eu não sabia. Eu não sabia de nada. Porque eu fazia pintura, mas era em cursos, não era com alunos. É diferente. Cursos de pintura que eu ainda tava começando a aprender. Então, quando cheguei, aí Edson que era o diretor foi sentou comigo, conversou, perguntou se eu aceitava, eu disse que aceitava. Eu não tinha experiência, não fui mentir dizer que tinha experiência, porque não tinha. Então, mais eu disse que ia enfrentar, e enfrentei até o final. Saí por livre e espontânea vontade, porque quis mesmo. Mais aí foi muito boa a experiência. Primeiro ano foi ótimo. A gente conquistou os alunos, tinha muitos alunos que era muito rebelde. Era muito trabalhoso no colégio, muito. Tinha uns que era envolvido com certas pessoas errada, quer dizer, a gente resgatou aqueles alunos, veio pra gente. Muitos alunos queriam, muitos alunos passavam necessidade, precisava tá no colégio pra o lanche, pra o almoço, que as vezes em casa não tinha nada, entendeu? Então foi muito acolhedor. O Mais Educação foi muito bom, muito bom mesmo. Eu mesmo gostei de trabalhar no Mais Educação e a experiência também, que aprendi muito com erros, com acertos, mas aprendi muito.

A minha oficina era pintura em tecido. Primeiro butaram de como é mulher, é cerâmica não é, aquele, ah, mulher, esqueci o nome. Pintura em arte, mas, não era, era artes plásticas. Só que eu não fazia isso aí, trabalhei com pano de prato, com tapete, passadeiras. Justamente porque eu trabalhava antes, fazia curso, pintura em tecido. Então o diretor resolveu, fez também do mesmo jeito no colégio, pintura em tecido. Eu trabalhava com uma equipe de vinte alunos. Começou com vinte. Tinha dia que tinha mais pouco. Dia que tinha treze, ia dependendo dos dias dos alunos também. Tinha muitos alunos que faltava, outros adoecia, mas mesmo assim, a gente deu continuidade. E a minha oficina era pintar, eu riscava todos os panos de prato, ia pros alunos e dava pra eles pintar. Dizia as cores, como era que fazia, como era que formava, fazia a folha, tudo direitinho, entendeu, tudo nos conformes.

Concluído no final do ano, tinha sempre assim festa no colégio. Então o diretor tirava, é fazia tipo umas cestinha no primeiro ano, e doava pra aquelas, pros alunos que foram mais avançados, aprenderam mais, outro a gente fazia bazar é pra aquele dinheiro do Mais, dos panos, daquelas coisas, a gente fazia as festinha deles mesmo dentro colégio, como festa do dia das crianças, o São João, o final de ano. Tudo arrecadava já em prol daquilo ali, entendeu?

Eles também levavam os panos que eles pintavam, é assim, no final de ano pra esvaziar os armários, porque também o espaço que a gente tinha era pequeno. Então a gente tinha que fazer pra desocupar. Tanto a minha oficina como a dos meus colegas, entendeu? A gente tinha que esvaziar que o próximo ano, vinha o Mais Educação com mais coisa moderna. Então tinha que ter um canto só pra colocar o material novo que chegava.

Ah, mulher no início foi difícil, porque o colégio, era uma sala, era muito apertado, era muito abafado. A sala não tinha ar condicionado, não tinha ventilador, a gente começou indo pro Emília, o colégio ao lado. Levava os alunos de uma sala pra outra, levava os materiais tudo pra

lá, e lá a gente não tinha muito sossego porque os outros alunos passava, mexia, tirava a concentração dos alunos, entendeu? Foi muito difícil, foi muito difícil mesmo. Só ficou quem tinha muita paciência, porque era muito difícil trabalhar, assim o espaço. A questão toda não era o Mais Educação, era o espaço que a gente não tinha pra trabalhar.

Se participei de algum curso de formação? Participei. Todas as formações do Mais Educação, eu participei do começo até o final. Que até faziam dinâmicas, fazia projetos lá na formação o Mais Educação. É a formação da gente era muito boa. Os professor foi excelente, gostei muito, porque foi aonde eu aprendi assim, abertamente mais as coisas. A minha visão mudou completamente. Que eu era um jeito e mudei pra outro, pra melhor, eu achei, sabe. A formação muita gente, aí eu não vou não, é só trabalho perdido. Mas não, eu nunca faltei uma formação, porque eu gostava de ir porque quanto mais você sabe, mais você quer saber, investir naquilo ali. E outra coisa, a gente sabia os preço das peças, dos pintores, sobre Monalisa que gente também fazia formação os preços dos quadro da Monalisa que eu achei muito interessante, sabe. Muito lindo, dicas de pinturas, preço de pinturas. Tudo eles diziam. Tudo direitinho, muito bom.

Se na escola tinha alguma formação que participava, oficinas, planejamento, na escola tinha sim, planejamento. Justamente quando foi que você na época era coordenadora. Teve o planejamento, gostava do planejamento porque assim, a gente sabia como trabalhar durante o mês todo. Não tinha aquela burocracia, assim, ah eu vou fazer isso porque fulano mandou, entendeu? A gente fazia a formação e nós marcava no caderno o dia que ia trabalhar, com que ia trabalhar porque a dificuldade também no colégio, o que mais sentia assim, que eu ficava desgostosa é num ter aquelas as pessoas querer botar você pra trás, que você tinha que enfrentar com garra mermo, por você. Porque muitos professores aceitava, outros não, outros olhavam pra gente de cara como que você não era ninguém, entendeu? Porque nós não somos formado. Então era isso que angustiava. Muitas vezes eu fiquei muito angustiada, sai de dentro do colégio angustiada, por isso. Porque assim, tudo que você fazia é o Mais Educação, entendeu? Num dizia assim, esses alunos são do colégio. Esses alunos são do colégio. A culpa tudo era o Mais Educação. Se o menino deixava o copo na cadeira, o Mais Educação não deu aquela educação. Eu sempre reclamei, quando eu fazia formação, eu sempre batia na mesma tecla. Gente os alunos é do colégio, que e quantas vezes uma vez eu evitei de um aluno ser morto dentro do colégio. Porque ele veio aqui pro espaço de Nivaldo, e aqui teve uma confusão. E eu tava lá com outra turma para o almoço. Chegando lá o pai do aluno foi bater lá no colégio, querer matar o menino dentro do colégio porque o menino tava brigando com o filho dele aqui. Quer dizer ai tudo é o Mais Educação antes tinha discussão na sala de aula, só botava culpa no Mais Educação quer dizer uma carga muito grande. A gente não recebia salário, mas o critério dos professores era montar em cima do Mais Educação. Tudo era o Mais Educação. Tinha que andar na linha, se pisasse fora uma coisinha é o Mais Educação. Era isso que eu ficava muito chateada com essas coisas, sabe, muito mesmo.

Sim. Foram as duas dificuldades maiores que eu encontrei no colégio. Foi o espaço que quando eu saí, eu disse, a gente se movimentava a força no colégio, sabe. Muitas vezes a gente tinha hora que sai. Teve uma vez que eu fazendo um trabalho para uma turma de alunos concentrados numa sala, fui obrigada a sair para ceder a sala pra o outro professor porque o outro professor era formado. Eu terminei o trabalho pela metade. E os alunos tudo comportado. Nesse dia eu fiquei admirada com os meninos. Tudo concentrado fazendo um trabalho pro dia dos pais e chega o professor bate na porta, invadindo a porta já com uma frota de alunos já entrando. Quer dizer a gente não tinha espaço, tinha que trabalhar satisfeita e não podia falar nada, porque sempre o Mais Educação nunca tinha vez. Quer dizer era isso que eu, por isso que dessa forma, é tanto que nesse ano de 2017 eu não quis mais ficar, por causa disso. Dificuldade em comprar as coisas. Material sempre ah, não tem. Vamo se virando com o que tem. Tinha vez que eu trazia de casa. Como, eu trabalhei umas garrafas de reciclagem com barbante, eu tinha que

trazer os barbantes porque no colégio não tinha verba e quando tinha comprava pela metade. Não comprava tudo. Quer dizer era dificuldade por cima de dificuldade. Mas mesmo assim teve aluno que avançou. Teve aluno que gostava como da capoeira, eles amavam ir para capoeira e amavam ir para a pintura. A única aula que ele não gostava muito era o Letramento porque ultimamente a gente trabalhou com uma monitora que não era muito agradável. Eu não vou dizer, nem vou mentir pra agradar ninguém. Ela era muito enjoada. Então os alunos, o aluno principalmente de periferia, ele quer muito um aconchego, ele quer um abraço, ele quer uma palavra amiga. As vezes em casa, gente, eu sempre dizia gente, vocês têm que ter paciência, porque em casa eles tem pai que bebe, pai que fuma droga, pai que faz os filhos levar as droga para a boca de fumo, entendeu? E a gente tava ali, e a gente via. Eu conheci esses alunos pequenininhos. Meus filhos se formaram no Luís Maranhão, fez formatura no Luís Maranhão, da quarta série até o último ano dos meus meninos, foi tudo no Luís Maranhão. Então eu tava de dentro de participação de festa. Quando as merendeiras estavam de greve eu vinha ajudar como voluntária, entendeu? Quer dizer eu toda vida tive amor pelo Luís Maranhão. É tanto que quando me chamaram, eu não acreditei que era uma bronca que os meninos tinha feito alguma coisa errada e que era para eu resolver, mas não foi o chamado do Mais Educação. Agradeço demais a oportunidade, sabe. Eu fui muito bem acolhida, não vou mentir, dizer ah me desagradou, não. Eu fui muito bem acolhida. Eu conheço muitas pessoas, continuo conhecendo. Continuo a mesma amizade com os diretores, com os monitores. Graças a Deus saí com a cabeça erguida. Não fiquei devendo nada a ninguém. Fiz meu serviço direito do começo ao fim, sabe. Só que eu disse também, teve problema na minha casa, tive que ficar com meu sogro, minha sogra que adoeceu. Por esse motivo, que eu saí. Não tinha como eu ficar, agregar as duas coisas porque em casa dois idosos e no colégio, vários alunos comigo, não dava. Então, eu tive que decidir, fiquei em casa para tomar conta mais também dos meus sogros.

A importância do Mais Educação na vida desses alunos é grande, é grande. Olhe só pra você ver como a vida deles nos bairros carentes aqui de Felipe camarão é meio triste, a gente não vai comentar porque a gente não tem nada a ver com a vida de cada um. Mas quantas vezes teve aluno do Mais Educação só como lanche você acredita, pelo um lanche. Eles ficava. Quantas vezes os alunos, professora deixe eu ficar, que em casa eu não tenho o que comer pra almoçar. Você acredita, não era tanto pelas oficinas, e sim pelo almoço. Porque não tinha. Então, a dificuldade aqui é mais essa, assim. Porque assim o poder público não olha com outros olhos para a periferia. Eles só ver as pessoas quando é tempo de política. Depois desaparece. Então o Mais Educação ele fez muita coisa boa dentro do colégio e faz. E é só continuar o projeto, investir nesse projeto que eu acho que tá faltando mais investimento. Enquanto tão roubando bastante, podiam investir na saúde, na educação, no Mais Educação porque tinha aluno aqui que nunca saiu de dentro do bairro e teve aluno que foi passear que ficou encantado com as coisas, como na fazenda Ferreiro Torto, lindo lindo, lindo lá. Eles amaram. A gente foi um passeio pela via costeira mostrando praia, que teve aluno que nunca viu uma praia. Quer dizer é uma coisa muito triste porque até eu perguntava, e por que sua mãe não leva? É porque minha mãe quando recebe o dinheiro, professora, é pra comprar o sabão, é pra comprar uma chinela. Quando recebe a bolsa escola, é pra comprar um bujão, quer dizer tudo é mais prioridade para dentro de casa. Então o lazer, fica o quê, o morro que é onde eles jogam, uma bola, no meio da rua, sabe e pronto. Aí pronto, o Mais Educação tem também e foi muito bom ter porque tirou muitos alunos de coisas de drogas, se envolvendo muito. É tanto que até o Luís Maranhão já perdeu alunos envolvidos em drogas. O ano passado mataram um aluno da gente, o gaguinho que chamava gaguinho, mataram na porta da casa, porque se envolveu com droga. Não pagou e você sabe né, matam mesmo. Não tem mais esse negócio de passar a mão na cabeça de ninguém. E assim, o Mais Educação foi uma porta que abriu pra todo mundo. Tanto a gente como monitor que teve conhecimento de coisas diferentes, como pra os alunos e assim, eu não queria como monitora e mãe também, eu não queria que o Mais Educação acabasse eu queria

que ele continuasse. Porque, mulher, porque é outro meio de vida pros alunos. Esses alunos, olhe você ver aqui esse memorial agora pela manhã tá vazio, mas a tarde aqui é lotado. Quer dizer eles saem de casa pra vir pra capoeira, vem feliz. Teve aluno do Mais Educação que já tá indo se apresentar nos hotéis com o professor Nivaldo, mestre de capoeira. Quer dizer é um avanço o Mais Educação fez com que eles avançassem, sabe. Tem aluno que agora gosta mais de estudar, que antigamente não tinha interesse só era pra vim brincar, xingar, entendeu? Fazer baderna no colégio e agora não. O Mais Educação trouxe esse. Eu gosto muito do Mais Educação porque fez muita criança pensar. Olhe você veja, que o ano passado o Mais Educação triplicou de aluno. Eles ficavam na porta pedindo, professora bote meu nome, professora coloque meu nome, eu quero vim pro Mais Educação. Que no ano de 2016 eles deram trabalho, mas a gente fez as regras. Quem se comportasse tinha as fitinhas verde, amarelo e vermelho, Quem passasse pro vermelho não entrava mais no Mais Educação e ninguém chegou no vermelho, ficaram no verde. Então quer dizer, o Mais Educação é um projeto de que o governo que quem montou, foi muito bem estruturado e não podia se acabar não. É uma chance pra muitos alunos. Eu gosto do Mais Educação.

Sobre os avanços, ah, avançou muito foi o que eu falei tão saindo pra fora, tão se apresentando a capoeira do Mais Educação se apresentou em vários lugares aqui em Natal, como na UFRN, no Cemure. É foi, aonde mais meu Deus do céu! Foi no hotel que eles se apresentaram como Mais Educação muito bom, foi muito bom mesmo.

O que representou o Mais Educação na minha vida, na minha vida foi ótimo. O Mais Educação pra mim, na minha vida, na minha vida mesmo pessoal, porque eu aprendi coisa que não sabia, entendeu. Eu vejo o Mais Educação pra mim que foi muito importante. Nas formações, no jeito de hoje eu pensar, como antes eu não pensava, que eu era um adulto criança, que eu não ligava com nada, não vou mentir. Era um adulto criança, por mim podia morrer, eu não tava nem aí. Hoje não, o Mais Educação trouxe pra mim a realidade, as coisas que eu não enxergava, que hoje enxergo, entendeu? É tanto que hoje até em casa, as coisas mudou. É assim a organização que eu não varria uma casa, organizava uma coisa por aqui, não tava nem ai. Hoje não, hoje é totalmente diferente. Até os cálculos, em tudo que eu faço, tudo que eu faço é agendado, tudo que eu faço é organizado, que antigamente eu não tinha essa preocupação, entendeu. E assim o Mais Educação pra mim, foi uma experiência muito grande, principalmente com os alunos. Porque assim em casa, eu era muito assim, estressada, de pulso firme demais. Eu me achava chata como mãe, era muito severa, era muito aquilo, e quando eu comecei a lidar com os alunos do Mais Educação, eu fui olhando cabeça por cabeça de cada criança, e fui montando tipo um quebra-cabeça. E na minha casa, tinha que mudar pra que eu melhorasse. Assim eu as vezes era muito ignorante. Eu não escutava meus filhos, muito difícil. Mãe quero isso. Aí meu filho, depois deixe pra depois, depois nós resolve. Sempre tinha o depois, sempre eu nunca tive tempo, não tenho tempo pra meus filhos. Hoje não, hoje a gente senta, a gente conversa sobre tudo, entendeu? Assim até com meu marido que era mais fechado, tá mais aberto, na forma de conversar. As formações me ensinaram muito, muito a mim, na minha vida, me ensinaram muito. Como entrar, como sair, como se comportar. Eu acho que teve bastante avanço pra mim. Eu gostei demais do Mais Educação, demais. No profissional também, no profissional porque eu nunca fui aquela pessoa de ter os detalhes. Eu nunca gostei desse negócio de detalhes, como assim, por exemplo, eu fazia uma rosa, puxava um detalhe, nunca terminava. Nunca tinha o término dos meus trabalhos, deixava ali pela metade. Ah, depois eu faço. Agora não, eu começo e eu tenho que findar, tudo bonitinho, tudo organizado. Quer dizer, as vezes eu fico sozinha, paro e fico pensando, meu Deus porque mudei tanto, só que eu acho que mudei pra melhor. É tanto que hoje em dia, os meus filhos diz, mas mãe eu gostei da senhora tá no Mais Educação. Ai eu pergunto, porque Ronaldo? Mãe porque a senhora mudou demais. A senhora tem detalhe. Até um garrafão de água, tem detalhes, aqui tem um detalhe, se bagunçou a cama tem que arrumar, com aquele detalhe. Quer dizer tudo tem detalhe. Antigamente a senhora fazia do jeito

que fazia, não tava nem ai, passava o dia, ia lá pra minha mãe, ia pra sua mãe. Agora não, tudo é detalhista, agora tá passando até dos limites. (risos) Eles diz sabe. Mas não, mas eu gostei. Amei, amei ,amei e aprendi muito também com os monitores. Olhando, observando os outros com você, como coordenadora aprendi bastante, que eu era misericórdia, Jesus, desastre total sempre. Meu Deus eu não vou dá conta do Mais Educação porque eu era um desastre total, eu mudei. Eu num tô dizendo a você. Eu era um desastre total. Tudo que eu fazia eu mesmo colocava defeito, porque eu fazia, mas não concluía até o final. E no Mais Educação eu tive até o final. É tanto que as formações eu fui até o último dia que teve. Todos os projetos que teve da formação eu tava dentro. Quer dizer eu nunca fiquei pelo caminho que eu deixava, eu não ligava não, era pelo caminho, deixa pra lá. Depois a gente ajesta. Agora não, agora é tudo. Aí meus meninos, mãe a senhora tá ficando é chique. Mas que foi bom, eu amei o Mais Educação.

Se o Mais Educação contribuiu para o desenvolvimento da escola, mudou. Agora assim, deveria ter mudado mais, porque assim eu não vou dizer que são mal unidos, não. Mas numa parte são, porque o Mais Educação tá dentro do colégio. Se um menino daquele, vamos supor arenga no recreio, corre tudo por Mais Educação e não correm para o diretor pra dizer, fulano de tal fez isso, foi o menino do Mais Educação. Quer dizer a escola era pra apoiar o Mais Educação mas não ela vira as costas não todos se eu for dizer que são todos, eu estou mentindo, mas entre aspas, maioria dos professores tolerava a gente ali a força porque não queria que o Mais Educação tivesse dentro do colégio. Porque o Mais Educação ele fez com que mexesse com os professores, mexesse com coordenador, porque quando você incomoda, vamos supor assim, tudo que você vai fazer tem que procurar o diretor, procurar o coordenador e muitas vezes o coordenador tá numa sala com ar condicionado, pode morrer quinhentos lá fora, eles não tão nem aí. Aí quando chegava o Mais Educação que ia nos ouvidos. Ah, os meninos do Mais Educação dão trabalho. Mas sabe porque dá trabalho, porque incomodava.

Esse coordenador que estou falando é o coordenador da escola. Às vezes os coordenadores pra você ver como é o Mais Educação tão assim que o pessoal não gostava que tivesse, que quando tinha formação a gente ia participar da formação nós monitor. Depois tinha uma reunião porque os professores fazia reunião e não chamava a gente, não quer dizer nós era e um Zé ninguém. Só era os professores, conforme chegou a coordenadora nova que fez com que agregar todo mundo junto mas a má união continua do mesmo jeito. Nunca foro unido com o Mais Educação. Não aceitava, não aceitava, entendeu.

No Mais Educação, como era nossa união? Assim nós como monitor, pronto do primeiro ano eu falo por mim. No primeiro ano até quase, eu nunca tive problema com nenhum dos meus monitores, quer dizer a única monitora que trabalhou porque era nariz empinado, foi o que eu disse até a outra coordenadora. Eu também estava saindo mais por isso, não pegar uma discussão. Porque sei quem eu sou. Não precisa ninguém dizer. Então pra eu não discutir, prefiro sair. A monitora de Letramento quando chegou, ela trouxe má união pra dentro do grupo. Ela era aquela pessoa que só ela sabe fazer, os outros não sabe nada, entendeu? Então a coordenadora também deu brecha, deu brecha, que tudo era ela. A gente só quando ela precisava muito chamava. Mas tudo era ela. Eu acho assim, que isso é uma equipe. A equipe tem que tá unida pra trabalhos bons, pra trabalhos ruins, tem coisas que acontece que você não pode resolver só, você tem que chegar junto com os outros. Se você tá com problema, que você não tá sabendo porque nem tudo a gente sabe, mas que você não sabe, você chegue fulano me ensine isso aqui, diga como eu posso fazer. Quantas vezes você fez isso por mim, que quando eu não sabia o que era que eu ia fazer, você chegava, faça assim, faça assim, como os outros colegas, também. Então, é isso a falta do diálogo que não tinha. Muitas vezes era cada um por si. Eu achei muito errado, entendeu, que quando era com você não era assim. Por isso que eu digo, quando o Mais Educação tava no seu comando, ele evoluiu bastante quando mudou que infelizmente você teve que sair de Natal pra ir pra Mossoró, já mudou a coisa. Porque foi outra

diretora, foi outra coordenadora, os monitores continuaram, mas ela foi tirando assim um por um. Mudou tudo então quero dizer o Mais Educação devia ter avançado mais, ele não avançou, era pra ter avançado muito mais porque do jeito que você tava levando o Mais Educação, hoje nós tava em primeiro lugar aqui dentro de Natal. Porque as apresentações era tudo bem elaboradas, os eventos era bem concluído. Tudo que a gente fazia, era tudo concordado, até o lanche, entendeu. E assim, quando chegou a outra, era mais devagar. Primeiro que ela já caiu como navio já no meio do mar. Ela não chegou no começo, então ela já pegou do meio pra final. Então eu acho que isso também agravou um pouco no entrar dela. Mas fora a isso, tudo ok. Mas você num sabe que a pessoa tem que pegar experiência de todos os dois lados. Mas fora isso, foi nota dez. Eu gosto demais do Mais Educação.

ANEXO VI – ENTREVISTA COM MONITOR 5

Pesquisadora: Bom dia. Inicialmente gostaria de agradecer a você pela disponibilidade de tempo em conversar um pouquinho e contar para nós sobre sua experiência no Programa Mais Educação. Como falei para você, o objetivo da minha pesquisa é compreender quais foram os avanços, as dificuldades e a contribuição do Programa Mais Educação, a partir das narrativas dos ex-monitores.

Entrevistada: Bom dia! É, como já foi dito, eu fui, sou ex-monitora do Mais Educação na oficina de dança e entretenimento, lazer é cultura também, claro. Trabalhei no período de quase dois anos no projeto e foi uma experiência muito boa, muito boa de muito aprendizado. Mas confesso que no primeiro ano foi bem desafiador, porque já tinha trabalhado com crianças por ser recreadora, porém o Projeto do Mais Educação ele cobria, cobre e atende crianças em risco, crianças que de comunidades de bairros mais pobres, crianças que tem uma realidade totalmente diferente da uma outra parte da sociedade, hoje, principalmente no estado que temos hoje de calamidade na segurança, na saúde e na educação. Então, a gente trabalhava com crianças em risco. Crianças com muitas dificuldades, crianças com dificuldades é verbal, de falar de se comunicar com ausência da cultura, da educação. E me lembro muito bem que quando eu cheguei na escola pra entrar no projeto, a gente tinha muitos problemas com meninas e meninos que tavam na época da adolescência, da puberdade, época que queriam namorar que queriam expor o corpo, que as danças que as meninas queriam fazer eram danças sensuais, era funk, era quadrado, era toda essa situação. E o Mais educação, ele foi implantado dentro das escolas justamente para a gente tentar reverter toda essa situação, que existe hoje dentro das escolas. As crianças verem a vida com lado totalmente torto e foi muito difícil convencer meninas de onze, doze, treze anos a melhorarem a forma de se vestir, a se valorizarem como mulher, a enxergarem que os meninos e elas entre si próprias, tinham que se preservar, se guardar e ter que convencer elas porque na comunidade em que elas moravam, na rua aonde elas conviviam era muito comum a menina de doze anos grávida, uma menina de doze anos com a vida sexual ativa. Então, elas queriam explorar muito cedo a sensualidade. Então, queriam explorar isso com o que viam na rua, com o que elas veem na mídia, de tá com roupas minúsculas de tá é provocando os meninos é com palavras, com situações, com atitudes. Então, foi bem desafiador. No entanto, tivemos muito êxito porque eu cheguei na escola pra fazer, logo, em seguida, em menos de um mês a gente tinha uma apresentação.

Então, como eu tava falando, é com uma semana que eu cheguei à escola pra substituir um outro professor que não poderia mais dar aula, então peguei o bonde já andando, foi bem complicado. A aceitação dos alunos também que muitos não me aceitaram, porém, uma semana depois, a gente tinha uma apresentação. E tínhamos alunos muito difícil, alunos com a família totalmente desestruturada, crianças muito violentas, crianças com um palavreado muito, muito violento que queria bater nos outros, crianças que ameaçavam professores, realmente crianças em risco. Mas que a gente via que não era por querer, e sim, pela vivência que eles tinham dentro de casa, pela vivência que eles tinham dentro do bairro. Então, eu particularmente por viver nesse mesmo bairro, eu procurei é fazer amizade com eles, tentar entender o que acontecia dentro de casa, o que acontecia na vida pessoal deles pra mim poder tentar ajudá-los, que eu acredito até hoje, que o intuito do projeto é ajudar, jamais atrapalhar, fazer essas crianças se encontrarem, fazer elas entenderem que elas não precisam ter, pra ser. Elas precisam na realidade pra buscar educação, buscarem serem diferentes e não produto do meio em que convivem que elas absorva do projeto o melhor possível. Então, enquanto as meninas queriam dançar funk, queriam aprender a fazer o quadrado. Eu vim com uma proposta da gente fazer um samba, e assim, foi bem complicado que falava justamente sobre o Brasil. Então, até

convencer elas, ensinar a elas a sambar com muita paciência. A gente ainda conseguiu introduzir um carimbó, pra conseguir a roupa foi bem complicado porque na realidade nós temos muitos atrasos nos valores disponibilizados pra que a gente pudesse erguer as oficinas pra que a gente pudesse ter o material necessário pra poder trabalhar, até mesmo som, pendrive coisas que deveriam existir no projeto disponível para os monitores. A gente tinha uma dificuldade imensa de ter, até mesmo uma sala pra poder ensaiar era muito complicado. A gente não tinha um espaço, então ficava indo de sala em sala quando não tinha aula, porventura algum professor da escola faltava, não tinha aquela aula, a gente ia ensaiar naquela aula, não tinha uma estrutura, mas a gente fazia o que podia. E a gente conseguiu fazer a roupa, depois de várias discussões com a coordenação da escola. A gente conseguiu as perucas, a maquiagem e sempre existia a questão de quererem fazer da maneira deles, quando acredito muito que o monitor ele pede aquilo que ele sabe que vai dar certo. O monitor, ele não vai pedir além, ele não vai botar uma tinta guache no rosto de uma criança sabendo que aquela tinta vai prejudicar. Até porque aquelas crianças já por viverem numa situação difícil, elas têm que ter no projeto a melhor é qualidade, elas têm que ter ali a melhor alimentação, elas têm que ter a melhor roupa, tem que ter a melhor qualidade, acredito eu que o governo tá aí pra isso. A gente paga imposto pra isso, pra que a gente chegue nas escolas os nossos filhos possam estudar, possam ter qualidade na alimentação, possam ter uma cadeira pra sentar, um ventilador dentro da sala, um professor que dê aula, que lecione, que ensine. Então, foi muito difícil, mas a gente conseguiu e a apresentação assim foi um sucesso. Meninas que quando a gente chegou só queriam dançar o quadradinho, hoje tava mostrando o seu próprio corpo, a sensualidade, dançaram com uma calça comprida, um body, cobrindo o rosto com tinta, com as cores do Brasil, com perucas das cores da bandeira, também. Foi muito bonita a apresentação, aplaudida de pé por todos da escola, principalmente os pais que se sentiram muitos satisfeitos em chegarem na escola e verem os seus filhos aprendendo, porque além da questão da gente passar esse samba, a gente ensina de onde vem o samba, de onde vem a capoeira, qual era a história que trazia antes disso, não só a questão do sambar, mas o que tem por trás de toda essa história. A cultura do nosso povo do Brasil, pra que essas crianças aprendessem de uma forma diferente porque dentro de sala de aula é diferente de você aprender na prática, de você sambar ali, saber de onde veio cada passo, quem criou, qual foi o escravo que morreu por um jogo de capoeira, entre outras coisas que a gente sempre procurou manter essas crianças no aprendizado, tirar de dentro delas aquilo que era melhor. E tínhamos até dificuldades com os pais por ser uma comunidade, muitos pais estarem ali até mesmo atrapalhar, não deixar a criança vir para o ensaio porque a criança tinha que ficar com o irmão mais novo ou porque alguém tava doente ou porque tinha que trabalhar na casa de outra pessoa. Uma criança de doze anos, me recordo bem e botava de castigo não vindo pra oficina, não entendendo pela falta de educação que aquilo ali, iria ser um bem próprio pro seu próprio filho. Porém, a gente enfrentou, enfrentamos várias dificuldades. Logo após pra criar o carimbó, acho que a melhor satisfação que eu tive foi ver as meninas aprenderem sobre a cultura do carimbó, sorrirem, botarem uma saia que arrastava praticamente no chão, e elas tarem satisfeitas com aquilo, não estarem fazendo apenas pra agradar o monitor, mas porque elas aprenderam o significado daquilo, porque elas quiseram dançar aquilo. A gente fez apresentações na UFRN, onde eu ainda tenho algumas fotos que as crianças faziam a apresentação do carimbó, apresentação de capoeira, sorrindo, satisfeitas com a nossa cultura. E isso pra mim foi o maior presente, tentar plantar um pouquinho dentro dessas crianças uma semente pequena de que nem tudo tava perdido que a nossa cultura poderia ser reacesa dentro delas e que um dia, elas iam levar aquela estória para outras pessoas. Que o aprendizado ninguém pode tomar da gente, independente de onde elas vá, o que elas façam, onde elas estejam hoje, o aprendizado jamais elas vão perder o que elas aprenderam. Acredito eu que pode ser que um dia, até mesmo em uma entrevista de emprego que a gente nunca sabe o que acontece, se coloque alguma coisa que fale sobre o samba, sobre a nossa cultura ou qualquer outra coisa sobre a história de Natal.

E tenho certeza que elas saberão responder, e que aquilo vai ficar guardado dentro delas, até mesmo pra passar pros próprios filhos ou pra familiares, porque não existe nada pior do que você viver em uma comunidade, em uma cidade e você não ter o valor nem mesmo de saber o que acontece daquela cidade. Então, eu acho que isso foi pra mim, o maior presente ao terminar uma apresentação, uma satisfação, brilho nos olhos, o brilho deles estarem sendo aplaudidos por algo bom, e não por algo que eles achavam que era certo. Eles terem mudado a percepção de que aquilo ali realmente é o que valia. Eles estarem sendo elogiados, aplaudidos por terem feito algo bom, por terem expressado no seu corpo, a história do seu país, a história da sua cidade e eu aprendi muito com cada um deles. Por mais que fossem crianças, mas cada um deles trazia uma história muito difícil, uma história de vida complicada. E eu até me emociono de falar de alguns (choro) que a qual eu chegava e perguntava, fulano porque que você é tão violento? Ah, porque na minha casa meu pai bate na minha mãe, porque na minha casa a minha irmã faz programa, porque o meu irmão se matou porque tinha uma dívida com drogas. Então assim, era tudo muito difícil. E hoje até me entristeço de tá fora do programa porque eu aprendia muito e me satisfazia muito com o trabalho finalizado, né. Quando a gente tinha na maioria das vezes o êxito, ao ponto de pedir pra uma criança viesse as sete horas da manhã pra escola e ficar até as cinco ensaiando pra poder fazer uma apresentação. E elas me procurarem pra fazer isso. Então, eu acredito que hoje nosso país, a gente deveríamos olhar mais para esse lado, não só botar um projeto na rua, nas escolas e fazer ele funcionar por funcionar. Eu acho que a gente tem que ser mais humano, a gente tem que saber o que se passa, de onde vem a violência dessas crianças. O que acontece com cada uma delas, qual é o problema que elas têm em casa, pra que elas sejam daquela forma. Porque ninguém nasce racista, ninguém nasce é cheio de preconceito, ninguém nasce pobre, ninguém nasce rico, a gente nasce todo mundo igual. E elas se tornaram daquela maneira com o passar do tempo. Então, eu acredito muito nos projetos, trabalhei em um, levo hoje muita experiência dele, acredito que cheguei aonde cheguei, porque passei por ali, foi um degrau na minha vida, e (pausa) sou muito satisfeita com o trabalho que eu fiz. Porém, muito triste com o trabalho que talvez não seja feito hoje, não sei como tá esse projeto. Mas vejo muitos outros projetos aí que o trabalho não é realizado com tanto amor, com a equipe a qual eu participei, que o projeto era realizado com muito amor, com muita satisfação, muitas vezes a gente nem recebia o pagamento, atrasava, mas todo mundo tava ali trabalhando é por aquelas crianças. Eu faria tudo de novo.

Na realidade, eu trabalhei no Programa Mais Educação como professora de dança, e uma parte de recreação. E dentro da área de dança, eu tenho oito cursos, participava de um show, sou capoeirista, participava de shows de capoeira, trabalhava em hotéis como recriador. E lá também trabalhávamos com dança. Na escola, sempre fui uma pessoa que me interessava muito pela história. Então por ter participado de um projeto da Petrobrás quando eu era criança, a gente fazia muitas peças, e todos os ritmos ao qual aprendi, a minha professora ela sempre passava a histórias deles e foi isso que tentei passar pra os alunos. Então me sinto, me sinto sim, me sentia, me sinto hoje capacitada pra fazer o trabalho, porém no Mais Educação eu participei de algumas formações que foram muito boas pra aprender lidar com as crianças, porque até então, eu trabalhava com adultos. Fazia show, eu sabia a parte prática da coisa. Trabalhar com crianças em risco é sempre um desafio. Então a gente nas formações, sempre fazíamos dinâmicas, trocávamos experiências com outros professores, aprendíamos coisas onde a gente podia usar em aula em sala de aula pra nos ajudar a entender e trabalhar com aquelas crianças. É essas formações aconteciam no Cemure, onde a gente ia fazer as apresentações, onde toda bancada do Mais Educação, diretoria, o pessoal da secretaria de educação, todos os monitores iam pra lá mostrar o seu trabalho e pelo menos por eles, éramos muito valorizados porque quando tinha formação ou quando tinha eventos que gente levava as crianças tudo era muito organizado pelos coordenadores. Então assim, é foi muito importante o aprendizado pra minha vida.

Do Mais Educação eu levo o amor, levo a transformação, a evolução. Eu aprendi a amar mais aquelas crianças. Pois muitas pessoas elas querem entrar por uma necessidade, por dinheiro, por pouco que seja o dinheiro, mas muitas vezes só pela necessidade e pelo menos a equipe onde eu participei, é lógico que o valor era necessário porque a gente precisava, porém o que eu levo hoje, aquele dinheiro ele acaba, mas o carinho daquelas crianças, é ver eles crescerem, é ver eles mudarem, se transformarem, evoluírem isso pra mim não tem preço. E o aprendizado como eu já falei das formações, troca de experiências, a nossa própria equipe onde a gente aprendeu muita coisa junto, chorou junto, se sacrificou, deixou a nossa casa, muitas vezes um segundo trabalho que tinha. Mas a gente conseguia fazer tudo. Hoje eu continuo trabalhando na área de dança, tenho uma academia e muita coisa que eu aprendi nas formações e com os meus alunos, mesmo eles sendo crianças, eu uso hoje pra lidar com pessoas ao qual eu convivo todos os dias. Então do Mais Educação eu trouxe um aprendizado muito grande.

Bom, eu vejo o Programa Mais Educação como uma oportunidade e uma fuga, certo? Uma oportunidade deles conhecerem pessoas que se preocupam, que gostam, que querem mostrar algo melhor pra eles e uma fuga da realidade a qual as crianças vivem hoje. As que viviam na época porque hoje já estão rapazes e moças. E eles aprenderem a respeitar o próximo, é eles aprenderem a crescer na realidade deles. E eu já encontrei, sim, com alguns alunos, encontrei com uma menina a um tempo atrás, ela tava trabalhando com a mãe dela, estava bem, estava estudando, fiquei muito satisfeita. Encontrei com algumas que se relacionaram muito cedo, tiveram filho, mas, porém, estão cuidando dos seus filhos. Estão procurando trabalho, tem respeito por mim, pelas pessoas. Algumas meninas que até hoje quando me encontram, chegam e professora, venha na minha casa. Pais que me encontram e apertam minha mão, são satisfeitos com o trabalho que a gente fez. É me recordei agora de uma frase a qual uma criança me falou uma vez, e a uns dias atrás, eu encontrei e aparentemente ele tava muito bem. Então, eu fiquei muito satisfeita. Mas certa vez eu sentei pra conversar com essa criança, e eu falei, não vou citar o nome, mas eu falei, meu filho, por que que você é tão violento, por que que você quer confusão com todo mundo, por que que você é assim, ele começou a me explicar. E no outro dia eu perguntei, como é que você tá? E ele disse, professora, minha mãe não se preocupa comigo, por que que você se preocupa comigo? Então assim, tenho certeza, que quando olhei pra ele e disse que eu me preocupava com ele porque ele era o meu aluno, porque eu queria ver ele bem, porque eu queria ver ele crescer, tenho certeza que isso fez uma diferença na vida dele. Porque a vida da gente é feita de escolhas, e muitas vezes as más companhias, as más pessoas nos fazem uma escolha, e quando a gente sabe que ninguém tem nenhum interesse na gente, a gente se sente só, que era o caso que eles me passavam, que se sentiam só, e que pra eles tanto fazia viver, morrer, tá bem ou tá mal. Mas a partir do momento que alguém diz que você é capaz, que você pode, que você pode ser diferente, aquilo pesa numa escolha, principalmente quando é uma escolha pro um mundo errado. Então, encontro alguns hoje, vejo que eles estão bem, estão estudando, isso é muito satisfatório.

Se o Programa deu visibilidade a escola, sim, o programa era o que fazia a diferença na escola, pelo menos na escola onde eu trabalhei. Sinceramente não tinha nada, os professores não tinham é, entusiasmo de darem aula, talvez pela má estrutura da escola, pela má coordenação. Mas os professores não tinham tanto interesse nas crianças como a gente tem ou tinha na realidade. Até porque tínhamos um aluno ao qual ele foi reprovado por três anos, e foi descoberto depois disso, que esse aluno foi reprovado várias vezes porque ele não sabia ler com letra minúscula e a professora de português que estava acompanhado ele, a três anos só escrevia em minúscula. Eu me lembro muito bem dessa história. E no Mais Educação através das aulas de reforço, que a gente tinha. A professora do projeto descobriu que essa criança escrevia e lia perfeitamente, só que com letras maiúsculas. Então era um pequeno bloqueio que essa criança tinha, e por isso ele estava a três anos na mesma série e foi descoberto no projeto. Ornamentações, cartazes, eventos que eram feitos na escola não me recordo de algum que tenha sido feito pela escola,

mais as maiores oficinas e coisas que davam viabilidade, visibilidade a escola que trazia os pais pra escola era o Mais Educação. Me recordo muito bem que a gente ornamentava a escola pra festas, nós tínhamos de arraiá, nós tínhamos quadrilhas improvisada, nós tínhamos cartazes, nós tínhamos, tirávamos as crianças pra fazer excursões em bibliotecas. A gente levou crianças pra fazer apresentações em outras escolas também, e então assim, não me recordo, pode ser que tinha, mas eu não me recordo de muita coisa feita pela escola, mas sim pelo projeto com os mesmos alunos que eram os mesmos alunos da escola. Coisas que não aconteciam no dia a dia dos alunos em sala de aula, nós procurávamos trazer pra o nosso projeto pra tentar mudar um pouco a realidade daquelas crianças.

Eu que agradeço por poder expressar um pouco do que eu vivi e ser lembrada no projeto, não só pelas crianças. E no mais é isso. Desde já autorizando a divulgação dessa pequena conversa que a gente teve e agradecendo no mais por tudo.

ANEXO VII – ENTREVISTA COM MONITOR 6

(Essa monitora passou apenas seis meses ministrando essa oficina porque foi aprovada em um concurso da Prefeitura Municipal de Extremoz à época e não deu para conciliar as duas atividades. Entrevista realizada no Shopping Cidade Jardim em Natal, local escolhido pela ex-monitora).

Pesquisadora: Como já falei com você, o objetivo da minha pesquisa é refletir sobre a contribuição do Programa Mais Educação, os avanços e desafios a partir das narrativas dos ex-monitores. De antemão gostaria de saber se você autoriza a gravação e publicação dessa entrevista no trabalho.

Entrevistada: Com certeza que eu autorizo, para mim é um orgulho participar da sua pesquisa, ser um do objeto de estudo, como se diz da sua pesquisa, é um grande prazer.

Pra início, foi assim super importante. Primeiro pelo convite de ser lembrada, a forma como eu recebi o convite da coordenadora, no caso você, que já conhecia um pouquinho do meu trabalho e eu me achei assim muito importante em relação a valorização que você já ia dando ao meu trabalho e a confiança também, num é. E, foi pra mim mais de que um aprendizado, acho que eu aprendi mais do que ensinei. Uma turma porque eu estava recentemente ingressando na rede pública, e tinha minhas experiências mais de escolas particulares e a rede pública pra mim era mais uma experiência riquíssima. Foi muito aprendizado mesmo. Em relação ao desenvolvimento das atividades. É a gente trabalhava, eu trabalhava muito com a questão da produção de textos. Recebendo orientação tanto da coordenadora do programa, no caso você, e também das formações que recebíamos no Cemure. Essas formações aconteciam era mensal, uma vez por mês e de lá a gente recebia muita informação em relação a produção de texto. Ajudar na escrita e na leitura dos alunos. Em relação ao processo de aprendizagem deles, a gente percebia nitidamente como os avanços eram grandes. Porque com pouco tempo que eu estava trabalhando com a oficina, recebi elogios de alguns professores dos alunos, dizendo que eles tinham avançado na leitura, na escrita. E aí foi que fui percebendo que realmente eles estavam aprendendo, que quando você está dentro de um processo, você não percebe tão bem, como quem está de fora, foi isso aí. Alguma coisa mais?

Sobre dificuldade para realização da oficina no Mais Educação, a oficina de Letramento, é como a gente sabe, assim, em relação de espaço, a relação do espaço na sala de aula, era uma divisória de uma sala em duas, onde era dividido. Então o espaço era um pouquinho restrito, mais que não impedia tanto, é claro que tem a questão dos trabalhos em grupo, a questão do espaço para o aluno, ficava tudo muito junto, às vezes até pra você ajudar individualmente o aluno, comprometia porque o outro estava muito perto. E às vezes o aluno quando ele tem uma dificuldade maior, ele fica inibido quando está diante do outro. Quando ele está mais afastadinho só com o professor ele se solta mais. É a dificuldade que eu sentia mais em relação, foi isso, a questão do espaço, mas nada que não pudesse acontecer. Não saía cem por cento, mas deu pra sair, digamos noventa por cento.

Sobre os professores da escola, do outro turno, começaram a perceber o avanço nos alunos, na verdade eu vim perceber quando realmente os professores chegaram e conversaram comigo, alguns professores chegaram e conversaram comigo em relação ao desempenho dos alunos em sala de aula, na sala regular, e eles acreditando que isso seria a ajuda do Programa do Mais Educação. E a partir daí, foi que eu fui parando e fui fazendo uma autoavaliação talvez não só do aluno, mas uma autoavaliação de mim mesmo, como eu estava desenvolvendo e fui realmente percebendo que tava havendo um avanço na escrita e na leitura de alguns alunos. Eles estavam lendo com mais desenvoltura, com mais fluência. É eles entraram num processo ortográfico, mas já estavam saindo desse processo ortográfico, escrevendo já usando os conectivos, organizando já um texto bem melhor de que quando eles tinham iniciado.

O que Mais Educação representou... Hum... na vida pessoal foi a questão do autoestima, eu me senti assim capacitada, me senti realmente professora, quando consegui todos esses avanços. E na profissional nem se fala, foi num período que eu fiz concurso, passei, isso me ajudou muito porque também eu estudava, num é, pra que eu pudesse desempenhar uma boa aula, eu tinha que estudar e esses estudos me ajudou bastante. Onde eu tive aprovação em concurso, em processo seletivo e iniciei outra faculdade. Foi tudo assim, só me trouxe coisas boas. (risos).

Aceitação do programa na escola, a equipe em relação a direção é era muito bem aceito. Agora assim, pelos professores, eu via aquele olhar um pouquinho distorcido, desacreditado, sabe. Mas depois eu vi que alguns professores viram que realmente funcionava que quando eles viram o resultado, os alunos trazendo os resultados para a sala de aula, eu acho que aí, a partir daí eles passaram acreditar mais um pouquinho. Mas eles tinham um olhar muito distorcido pra o Mais Educação. A credibilidade era muito pouca.

Acho que isso devia-se, acredito que a falta de confiança nos programas. Assim muitos colegas verem os programas como apenas uma forma de o aluno está dentro da sala de aula, ou uma forma de vir mais recursos pra escola. Mas na minha visão também como professora de turmas, não vejo assim, sabe, vejo os programas com grandes benefícios. É só saber desempenhar, é só saber trabalhar, vai depender muito da equipe que está coordenando esses programas.

Sobre a visibilidade que o Programa Mais Educação deu a escola, olhe o meu tempo em relação a escola foi pouco. Porque foi só um ano de participação e eu não tinha muito acesso assim conhecimento da comunidade. Porque eu não morava na comunidade. Mas como a escola pelo tempo que eu vi, pela comunidade, era bem aceita, eu acredito, que ele foi bem visto pela comunidade. Ele deu essa visibilidade a comunidade, mesmo porque tinha as outras oficinas, além do Letramento. Tinha as outras oficinas que atraía os alunos e esses alunos em vez de tá na rua, estavam dentro da escola. Como tinha a oficina de capoeira, era muito bem, era assim como é que si diz, desejada por eles. Era uma oficina que atraía bastante. Acredito que pra comunidade ele era bem visto porque pelo número de participação que tinha de alunos na escola. Eles eram muito assíduos, todo dia eles estavam lá. Em todas as oficinas, as oficinas eram bastante cheias.

O que representou o Mais Educação pra vida das crianças, olhe como eu acabei de dizer, essa criança não estava na rua, e sim estava no dentro da escola. Acredito que significou bastante porque eles estavam dentro da escola, tendo um novo conhecimento, um novo aprendizado. Estavam guardados dentro da escola, estavam bem protegidos em relação ao carinho dos professores, dos profissionais que lá estavam. A alimentação que eles recebiam, certo? Eu acredito que foi de grande relevância pra eles, certo? Dentro, dentro, em relação a comunidade e, em vez desse aluno está nas ruas, esse aluno estava dentro da escola.

Quanto a equipe do Programa Mais Educação, ah, eu sou suspeita falar (risos...) sou suspeita a falar. Uma escola que assim foi minha primeira escola do município em Natal que eu trabalhei. E uma escola que e ainda ando com ela dentro do meu coração. E quando falo em escola, eu falo em equipe. Uma equipe maravilhosa. É uma equipe muito comprometida, comprometida com o trabalho, comprometida com a aprendizagem, principalmente você (risos) que eu lhe assumi enquanto você, uma época que você foi pra coordenação. Fiquei com seus alunos e pude ver o trabalho que peguei de você em relação a esses alunos. E quando eu falo em você, falo na equipe também, sabe, não só você, mas em toda equipe, muito boa mesmo.

Eu é quem tenho que lhe agradecer, por você, por fazer parte do seu trabalho. Certo. Boa sorte! Que Deus lhe ajude e que dê tudo certo e eu quero ver você na sua defesa (risos...).